

Oculto

Entre o sangue e o metal



Oculto

Entre o sangue e o metal

Reginaldo B. Ribeiro



São Paulo / 2010

Copyright © 2010 pelo autor.
Publicado com autorização. Nenhuma porção desta obra
pode ser reproduzida sem a devida autorização do autor.

Editoração: Magno Paganelli
Revisão: XXXXXXXXX
Capa: Ari Frello
1ª Edição: outubro / 2010
Esta é uma edição de



www.oxygenionline.com
contato@oxygenioonline.com

Sumário

Dedicatória.	7
Introdução.	9
CAPÍTULO I – SENTIMENTO DIVIDIDO	11
CAPÍTULO II – AMNÉSIA	15
CAPÍTULO III – O FRIO DE OUTONO	19
CAPÍTULO IV – MILAGRE APÓS DESASTRE.	21
CAPÍTULO V – DENTRO DE SI.	29
CAPÍTULO VI – LONGE DOS AMORES.	31
CAPÍTULO VII – LEMBRANÇAS.	35
CAPÍTULO VIII – TRAZENDO À MEMÓRIA.	43
CAPÍTULO IX – RUAS SUJAS COMO SEMPRE.	49
CAPÍTULO X – MAIS UM BILHETE.	53
CAPÍTULO XI – UMA COISA!.	59
CAPÍTULO XII – TESTEMUNHA SEM CRÉDITO.	63
CAPÍTULO XIII – ATORMENTANDO A NOITE.	73
CAPÍTULO XIV – CASOS DE SANGUE.	77
CAPÍTULO XV – ALGO DO PASSADO.	83
CAPÍTULO XVI – MAIS UMA VÍTIMA DESFIGURADA.	87
CAPÍTULO XVII – APARIÇÃO SINISTRA.	95
CAPÍTULO XVIII – UM TEMPO ATRÁS.	101
CAPÍTULO XIX - ABSORTO.	105

CAPÍTULO XX – A INVESTIDA DO SER OBSCURO. . .	107
CAPÍTULO XXI – TRÁFEGO INFERNAL.	117
CAPÍTULO XXII – VISITANDO A AMIGA.	123
CAPÍTULO XXIII – PRESENTE IDEAL.	135
CAPÍTULO XXIV – UM ENCONTRO.	139
CAPÍTULO XXV – O BELO SONHO.	149
CAPÍTULO XXVI – NO ORFANATO.	155
CAPÍTULO XXVII – GRANDES REVELAÇÕES.	163
CAPÍTULO XXVIII – O MENSAGEIRO.	173
CAPÍTULO XXIX – A LÂMINA EXCELENTE.	181
CAPÍTULO XXX – A INVESTIDA DA NOVIÇA.	189
CAPÍTULO XXXI – O RESGATE.	197
CAPÍTULO XXXII – CHAMAS E TREVAS.	205
CAPÍTULO XXXIII – FUMAÇA E CINZAS.	211
CAPÍTULO XXXIV – ENTRE O SANGUE E O METAL. .	213
CAPÍTULO XXXV – UNIDOS DE ALMA.	217

Dedicatória

Dedico a M. L. de Fátima (minha mãe), J. B. Ribeiro (meu pai), A. J. Ribeiro (meu irmão) e a todos que tem gostado das estórias que tenho escrito. Satisfação em ter vocês aqui comigo e um grande abraço a todos os amigos que têm feito questão de ter um exemplar deste Romance em sua estante.



Introdução

Quem não sente o sabor da vida? Quem não ama alguém?
Quem não luta para vencer? Quem não vive uma aventura?
Quem não queria ser outra pessoa ou ser diferente de todos?
Quem nunca descobriu um segredo antigo de sua família?
Quem não quer um milagre?

Nojentas vielas!

As ruas estão pálidas e gélidas na madrugada onde apenas os cães e gatos fazem arruaças pelos becos e latões de lixos espalhados no chão imundo dos largos e calçadas.

Segredos antigos e guardados a um passo de mudar a vida de um garoto, logo um homem como a Grande Obra, secreta, porém alcançada por alguns.

De forma notável Miguel descobre que é dotado de algo que ele imagina ser poder, destreza ou absurda habilidade. Uma criança normal; uma adolescente comum; um jovem sonhador; e um adulto enfrentando o cotidiano natural. Mas, o sobrenatural existe e disso ele não tem como negar. As circunstâncias o levaram à caminhos sinuosos e pouco

percorrido por pessoas simples ou indiferente ao mundo invisível e inóspitos de maneiras exorbitantes.

Cuidar de quem se ama é uma tarefa não muito fácil em determinadas situações. A falta de compreensão e as dificuldades tornam-se bifurcações atenuantes dentro e fora da alma. Consertar o que precisa ser consertado obtendo a consequência e a coerência dos ajustes aplicados nas situações mais variadas. Saber o que se deve fazer. Aplicar-se com todo empenho e esmero. Esgalhar-se em todas as possibilidades que o toque eufêmico da vida pode oferecer ao herói vivo ou morto e bem composto pelas facetas que formam a determinação e a coragem dum coração aplicado de Alma, Sangue e Metal.

Capítulo 1

SENTIMENTO DIVIDIDO

Na calçada suja de uma rua pouco movimentada ele lia um livro de ficção com muitas páginas de ação e emoção. Parecia empolgado com cada detalhe descrito ali e fomentava seu apreço pela aventura fantástica. Parecia estar perto do fim do penúltimo capítulo e mudava de posição na calçada fria quando alguma parte de seu corpo ficava dolorido. De pronto fechou o livro e deixara o desfecho do último capítulo para outra hora. Elevou os olhos à figura mais linda que passava por uma esquina próxima. A luz da tardinha capturava o rosto lindo da mais maravilhosa garota daquele bairro. Eram minutos espetaculares de contemplação até que se perdia de vista atrás de postes e passeios arborizados. Tardes incansáveis dormiam no vespertino momento do ocaso antes das trevas dominarem o céu revestindo o lençol azul-escuro de magníficas estrelas cintilantes. A nostalgia que percorria seu âmago parecia revelar que outras vezes lera o mesmo romance, porém não lembrava do final dele. Porque o momento mágico seria esse em que uma figura feminina aparecia e sem querer perder tal vista não deixava de fitá-la com apreço e sentimentos impressionantes. O ar tornava mais leve enquanto cultivava o olhar fixo na bela e a brisa soprava seu rosto girando seu mundo de interpretações e lamúrias. Cruel o mundo ou o tempo que rouba o simples prazer e os

instantes preciosos de visões majestosas e indicam a falta de se ter alguém mais perto. Era jovem. Muito jovem. Na verdade, adolescente. E, por isso muita vida ainda estava para ser vivida, cria ele. Os certos tormentos noturnos encheriam todos os âmbitos e isso não demoraria a acontecer. Havia certa hora e hora certa houvesse o que houvesse. Sairia dali para sua casa que não era tão longe ou se intrometeria nas atividades do mundo incerto de tanta maldade contra a bondade. Uma luta milenar. Não lembrava de nada de sua infância, mas um dia saberia de alguma coisa, cria ele. Seus pais adotivos eram bons para com ele e seu interior se perguntava se ele tinha sido bom para com seus pais todo esse tempo desde que saíra do orfanato. Um adolescente magricela de cabelos castanhos clarinhos. Cabelos que a luz do sol dourava. Dotado de uma beleza angelical e de olhos e sorriso maravilhosos. Seus pais adotivos lhe chamavam: meu anjo!

Por adorar ficções, cultivava a ideia de que seria um anjo de fato. Gostava de ficar nas partes altas. Subia em muros, árvores e construções e via tudo de cima. Seu coração batia forte e isso é coisa terrena e não angelical. Ignorando esse fato ele nutria o pensamento de que em alguns momentos ele não precisava respirar. Principalmente naquele instante em que via sua garota passar vindo da escola. Estudava na parte da manhã e à tarde lia ficções. Não era muito estudioso porque pegava tudo com muita facilidade, sempre tinha as melhores notas da sala.

Pensava muito na distância que mantinha daquela menina e se consumia no seu adolescente amor. Seria capaz de namorá-la? Mesmo se fosse anjo? O orfanato não tinha dados sobre seus pais verdadeiros. Sabia-se apenas que ele fora a única vítima sobrevivente de um desastre de carro. Há muito resolvera parar de tentar saber do milagre de estar vivo, pois a mágica era o amor que enchia o interior das pessoas. E, ele só podia pensar nisso no momento. Teria a mesma natureza

dos outros amantes? Os colegas da mesma rua lhe impuseram o desafio de chegar à menina e saber se ela também toparia a ideia de irem ao cinema qualquer dia daqueles de verão.

O cinema aconteceu. Rolou como o esperado. Gaguejou um bocado até que conseguiu falar com ela e ela veio a topar a saída. Do filme ele não se lembrava direito, mas das mãos delicadas da menina ele nunca se esqueceria. Da pipoca salgada e do beijo que teve sabor de manteiga, essa que engordurou os dedos das mãos deles. Uma galera de oito pessoas. Adolescentes. Amigos que acabavam de sair do cinema e se dirigiam ao ponto de ônibus mais próximo. Os dois apaixonados iam acompanhando os amigos no fim da fila por um largo imundo de lixões revirados por gente e cachorros de rua. Seus olhos percorreram a maldade implícita no coração de três adultos fedendo a bebidas e cigarros. Apertaram o passo até chegarem ao ponto. O poste dali tinha uma luz fraca e a noite entrava na casa das onze horas.

- Tênis, criançada. Ouviram? – um sujeito de barbas mal feita se aproximou deles e exibiu uma lâmina que não brilhou por estar suja.

Seu sangue parecia lava vulcânica e seu coração disparou de preocupação com a namorada e os amigos. Duas meninas que principiaram a digitar no celular os números para o socorro foram impedidas com bofetadas violentas e os celulares se espatifaram no asfalto.

- Espero não bater mais em ninguém. Tênis e dinheiro galerinha! – encostou a mão em Dahlia.

- Tire suas mãos fedorentas dela – pronunciou o garoto enamorado. A fúria lhe subia nas veias em forma de uma erupção catastrófica como se pudesse expeli-la como lava. Seus punhos se fecharam e seus olhos fixaram às figuras horrendas da noite que prejudicavam seu primeiro encontro com a amada e seu passeio com os colegas.



Capítulo 11

AMNÉSIA

Acordou balançando a cabeça pesada e pensara se aquilo tinha sido um louco sonho. Pegou o celular e viu a mensagem enviada por Dahlia: “Hoje tem festa na casa do Fabrício... se estiver melhor, compareça. Ontem eu fui te ver. Bjs.”

Levantou desnorteadado e se olhou no espelho. Achou que estaria com um olho roxo pelo menos e não constatou nada. Desceu as escadas e entrou na cozinha.

- Seu café está na mesa meu anjo – a doce voz de sua mãe acalmou o fervente coração, ele estava incerto do que acontecera. Teria sido obra de sua mente fantástica?

- Que houve comigo? – fitou a mãe que trazia um bolo de cenoura coberto com chocolate.

- Você não se sentiu bem desde que saiu do cinema antes de ontem e seus amigos lhe trouxeram para casa.

- Eles estavam bem? Quero dizer... não teve ninguém machucado? Nada de polícia e bandidos? – os olhos do garoto percorriam no semblante amoroso da mãe dedicada.

- Meu amor. Peço para que pare de ler essas coisas na parte da tarde e pratique algum esporte. Saia mais com seus amiguinhos – apontou umas revistas em quadrinhos e romances policiais num cesto no canto da copa.

- Ontem, eu dormi o dia inteiro? – pois não se lembrava da visita da menina.

- Depois que viemos do hospital sim. Dormiu a tarde inteira.

Silenciou-se e comeu como se não visse comida por mais de dois dias. E passando por seus livros resolveu ignorá-los nesta tarde de um céu aberto e ensolarado. Olhou para o telefone e não quis ligar para Dahlia. Pois deixaria o que tinha de falar e perguntar sobre o tal dia do cinema para a hora em que a encontrasse, na casa do amigo, mais tarde.

Na pequena praça aglomeravam amigos e conhecidos que iriam curtir a festa de logo mais e o garoto meio tonto de medicamentos chegou e se juntou ao grupo dos mais chegados. Aqueles que foram ao cinema outro dia. Maddoc, Teddy e Lianna escorregaram de mansinho e atravessaram a rua dizendo que comprariam refrigerantes do outro lado da praça.

- O que houve com eles? – anunciou o fato de terem saído antes de receberem os cumprimentos do amigo recém hospitalizado.

- Não houve nada... eles voltarão logo – respondeu Dahlia dando-lhe um estalado beijo na bochecha. – Como é bom te ver corado e em pé. Você nos pregou um grande susto naquele dia...

- Não me lembro de nada. Havia três sujeitos estranhos naquele ponto de ônibus, não havia?

- Não. Três homens se aproximaram quando viram que a gente tinha problemas para te carregar e um deles chamou a ambulância.

- Delirei!? Eu tava muito mal... - a própria afirmação lhe fez sentir um idiota.

- Bota mal nisso!

O menino balançou a cabeça não querendo concordar com o que pareceu ser delírio, embora tão real em sua cabeça.

Tirou o braço do pescoço da namorada e fitou Clara e Anne. Notou hematomas no rosto e pescoço de uma e nos braços e testa de outra. Todos mal escondidos pela maquiagem.

- Que aconteceu com vocês? – apontou para o próprio rosto indicando os roxos e vermelhões das meninas.

- Vocês foram de ambulância e – apontou para o casal de namorados – nós pegamos um ônibus lotado que sofreu um pequeno acidente... eu e Anne beijamos o chão nojento e frio daquela maldita condução. Era a última viagem daquele motorista e ele abusou em atravessar um farol que já estava passando do amarelo, daí veio uma freada brusca e feia.

Abriram um sorrisinho obtuso, pois gargalhada não caberia a um dia de tantos incidentes.

A galera em peso foi para a casa do Fabrício e o som já estava ensurdecador. Um Dj animava a festa rolando muito som eletrônico deixando os adolescentes alucinados e delirantes. O menino saiu da festa não suportando a primeira hora de muita música e dança. Os amigos o olharam de um jeito desdenhoso como se não fizessem questão da presença dele ali na festa. E ele caminhou vagorosamente até a esquina e quando olhava para trás via as luzes e raios lasers como coisa louca e degradante. Não suportou. Sua namorada numa chispa veio após ele:

- Miguel – esse era seu nome. Pelo menos o nome que seus pais adotivos o chamavam. Muitas vezes pensara ou sonhara com seu verdadeiro nome. Aquele que seus pais biológicos colocaram ou pensaram em colocar.

- Dahlia, se quiser ficar lá não me importo. Eu saí porque não consigo suportar o som. Deve ser uma reação do remédio que me deixa meio mole – fitou a menina com sinceridade nos olhos e – eu não quero estragar sua festa. Sua noite. Nunca mais quero estragar.

Dahlia que segurava sua mão aos poucos foi se soltando e seu semblante foi abrindo um amigável sorriso daqueles que

garotas dão em troca de um agradecimento verbal ou no lugar de um abraço apertado.

- Você é sem igual!

Dois garotos mal encarados curtiram a cena da separação e logo que a menina voltou para festa um deles entrou dando uma cotovelada no parceiro, como quem diz: essa que eu tava esperando!

O menino viu a cena e nutriu pensamentos estranhos da qual sempre teimava em pensar: não sou igual aos outros; não sou terreal; tenho poderes; se eu me esforçar poderei ler pensamentos. E, de longe meditava ou encasquetava com uma de suas atitudes e a pior delas foi deixar Dahlia para outro alguém. Se fosse para alguém melhor e normal não teria problema, pensava. Subiu no muro alto de uma construção e ficou velando a festa que se recusava a terminar. Não vira outra vez, nessa noite, a sua ex e achava bom que não a visse mesmo, ainda mais com outra pessoa. A madrugada era bem agradável e sua posição de guardião, de pé sobre o mais alto muro, foi mantida até que o último casal abandonou a casa do amigo festeiro. Ainda bem – pensava! - Nem sinal de Dahlia. Nem sinal de Anne ou Clara – tanto faz – deu de ombros.

Capítulo III

O FRIO DE OUTONO

O outono chegou com ventos gelados e faustamente assombroso aos que não tem amores. Dias e noites enfurnado em casa envolto das cobertas quentes e pensamentos impertinentes. Dahlia nunca mais ligou, nem ele. Ela nunca mais apareceu à sua porta, nem ele à dela. Soubera por e-mail enviado por um amigo da escola que a menina estava namorando um colega da turma do segundo ano médio. Ignorou o fato de ela estar com alguém, mas se consumia em saber que ela iria embora daquele bairro próximo ao seu. Abandonou o aconchego de sua casa e ficou de plantão na mesma esquina que costumava ver a menina antigamente. O vento gelado parecia mais glacial do que nunca fora em dias de outono e a pele exposta queimava. Seu cachecol esvoaçava de forma biruta. Uma gota de lágrima de cada olho exibia a tristeza contida do menino ao ver o caminhão que levava a mudança passando por ali. Ela não foi vista, pois teria deixado a cidade um dia antes com sua mãe. No caminhão de mudanças estavam três homens, um era o pai da menina. O poste estava aceso e a luz acesa durante o dia traz um ar de tristeza e nostalgia pela sua insignificância. Certamente por que ainda em alguns lugares não havia necessidade da sua luminosidade.

O bairro ficou triste. Os amigos pouco se viam. Entrou o inverno com rigor e ele passava boa parte do tempo em cima de uma laje da casa da esquina que estava em construção há pelo menos dois anos e nunca terminara. Indagava-se a ideia de não poder mais vê-la. Não conversaria sobre ela com ninguém, nem mesmo com seus pais. Apenas fazia gestos para o céu como uma oração em linguagem de sinais. Porque tudo para ele era diferente: o tempo; oportunidades; amizades. Será que conhecia o céu e a quem dirigia tal oração. Seus pais adotivos há três anos deixaram de lhe chamar de anjo, pois já era um mocinho, adolescente não gosta de muito paparico. Nas tardes geladas do inverno corria e trepava em muros, achando que fazia coisas que ninguém normalmente conseguiria. Cultivava o pensamento de que voaria a qualquer momento quando menos esperasse. Sentia-se leve e se jogava na brisa gélida vespertina e voltava para casa na hora do jantar quentinho e delicioso. Tomava banho e pegava no sono com extrema rapidez repetindo para si mesmo: hoje voei!

Capítulo IV

MILAGRE APÓS DESASTRE

Os anos fugiram do controle e passaram extraordinariamente ligeiros diante dos olhos de Miguel que tornara um rapaz formidável, inteligente e belo. Deixou os pensamentos de que um dia voaria ou leria pensamentos. Depois de um ano no serviço militar resolveu entrar para a polícia. Sua mãe não gostou muito da ideia e seu pai não demonstrou partido algum nisso. Seu pai era muito ocupado com o ramo de vendas de imóveis e sua mãe era uma excelente professora. A mãe gostaria que o rapaz entrasse numa faculdade antes de pensar em trabalhar.

Numa tarde de primavera, sem esperar, muito decidido Miguel saiu ficou o resto do dia fora. De noite trouxe a notícia para seus pais de que estava matriculado em uma universidade local e começaria dali a algumas semanas seu curso. A mãe saltou de alegria e deu vários beijos no filho. Depois o pai lhe deu um forte abraço desejando todo o sucesso do mundo para ele.

Os pais torciam para que ele arrumasse muitos amigos, pois passara a ser solitário desde que rompera com Dahlia. Menina, que nunca mais ouvira falar. Nem os antigos amigos que tiveram um pequeno contato com ela ou a encontraram em alguma balada, nunca dirigiram a Miguel alguma notícia.

Dias antes de começar o curso, deitado na cama olhando o teto pintado pela metade na última reforma da casa. Nada, nada mesmo tirava da cabeça de Miguel aquele incidente depois do cinema que mudou extremamente seus amigos para com ele e sua namorada da mesma forma estranha. E, Aqueles ferimentos de Clara e Anne foram os ladrões que causaram. Com certeza! Eu não sou louco e nunca usei drogas ou bebi coisa forte, pensava.

Seria eterno como um ser do céu? Certa manhã acordou com isso e matutou o dia inteiro. Parou de pensar nisso no momento em que se preparava para pegar o coletivo que o levaria à faculdade. Era seu segundo ano. Novos amigos e amigas ganhara e preenchia suas horas vagas com conversas pelos corredores de piso frio da faculdade. Ora ou outra que estava só, ia para o andar mais alto e se apoiava no peitoril de ferro e se inclinava para ver o povo lá em baixo. A multidão conversando dava a impressão de imensas cascatas despejando água ininterrupta sobre um grande lago cercado de pedras. Olhava para o longínquo teto com lâmpadas que pareciam pequenos sóis iluminando aquela turma descontraída e juvenil. Sentia que poderia se jogar dali de cima, não para suicidar-se, mas para mostrar-se que era diferente de todos os outros jovens. Porém isso não seria certo, porque uma vez lera que nem o próprio Cristo na tentação do diabo se jogou do pináculo para dar espetáculo. Concentrou-se avidamente na possibilidade de possuir uma missão, embora não tivesse a menor ideia de qual seria ela.

Nunca mais encontrara alguém que lhe chamasse a atenção ou lhe fizesse querer andar e cuidar dessa pessoa. Dahlia vinha ao pensamento como um fantasma que te assombra todas as noites perto da hora de dormir ao ponto de pensar se estava ele sendo perturbado pelo passado ou ele mesmo se perturbava por tê-la deixado naquela festa. Dormiu.

Mais um semestre, concomitante duas estações. Numa viagem simples de ônibus e uma visão avassaladora arrebatou seu coração o espremendo como laranja para extrair o suco. Ela subiu no coletivo cultivando um ar imponente. Um olhar altivo e penetrante; silhueta formosa; rosto com traços fortes e formidáveis; cabelos a cada passo se elevavam soltos e eram louros clarinhos; olhos azuis e vibrantes. Ao fitá-la tudo girava e tudo sumia das órbitas naturais de um coração perturbado pela solidão e fantasmas de um passado. Naquela noite, quando fora dormir notara que a visão da bela havia expulsado todas as perturbações e exterminado os fantasmas antigos do seu interior.

Teve um dia diferente. Muitos dias diferentes. Mas ainda não tivera a oportunidade de conversar com aquela bela garota que lhe ampliava a calma e a esperança de dentro da alma de um coração flagelado pelo amor recôndito em sua amplidão poética.

Um dia teve o prazer de sentar-se ao lado da formosura e sem jeito algum começou uma conversa sem pé nem cabeça. Mas a fez rir, e meninas gostam de rir das palhaçadas naturais dos rapazes. Iam para a mesma faculdade e falavam coisas pertinentes a ela. Era bom estudar lá ou não, não importava, pois o relevante de tudo isso é que o coração de Miguel renascia como a fênix. De coração cinzento a coração flamejante e bem vivo. Não moravam longe um do outro, então, combinaram um piquenique num parque. A primavera era vista com outros olhos esse ano e no ônibus teve o primeiro ato de coragem antes de irem para esse primeiro encontro. Sua mão percorreu centímetros, estremeando e suando, até segurar a delicada mão da menina, que imediatamente apertou os dedos dele em aprovação.

Fazia um dia formidável e os raios de sol abençoavam todo ser que respirava a deliciosa brisa daquela primavera.

As borboletas coloridas passeavam pelo parque compartilhando as flores viçosas com as abelhas e beija-flores. Chegaram. Ele veio numa bicicleta roxa e ela numa bicicleta rosa e estenderam sobre a grama uma toalha xadrez. Pães, geleia, suco, uvas, maçãs, bolo e mel.

- Sabia que seu cabelo reluz como ouro ao ser banhado pelo sol? – numa voz doce a menina disse.

- Já me disseram isso. Nunca me vi no sol. Devo trazer um espelho na próxima vez? – sorriu singelamente passando geleia no pão.

- Não precisa. É só você acreditar em mim – Giselle fitou Miguel como nunca se viu igual. Parecia que seu olhar se fundiria com o dele e seu rosto se refletiria no dele.

Uma inevitável aproximação; as respirações mais profundas que se possa sentir; lábios sedentos se aproximando, de leve, um toque, quente, úmido, delicado, apaixonante, flamejante, estupendo e voraz. Um átimo de ternura que surpreende o inesperado. Uma explosão... inesperada explosão... dois estouros sonoros e violentos. Não!

- Nãoooooo! – berrou Miguel.

O semblante lindo e corado perdia a cor e a vida em seus braços. Largada e quase sem vida nos braços do rapaz estava Giselle. Agonizava e seus olhos perdia o brilho.

- Ambulância! Chamemmm...

Do outro lado da rua numa chispa violenta um motoqueiro saiu rasgando o asfalto e segurava uma sacola. Assalto. Disparou dois tiros. Um deles atingiu Giselle.

Os olhos de Miguel queimavam e seu berro faiscava clamando por socorro para sua namorada. Uma senhora de celular chamou a emergência. Ele deitou a menina sobre a relva verdinha ao lado da toalha. A costa da menina ensanguentada ensopou suas mãos. Tiro no pulmão era evidente.

A moto de quinhentas cilindradas ganhava o final da avenida em segundos. Miguel se pôs de pé e principiou a correr, correr como um desvairado. Olhos que queimavam como labaredas pareciam enxergar a moto a centenas de metros. Seus ouvidos estavam tão apurados que o único ronco que ouvia era do motor da moto que ganhava outra avenida a cento e trinta por hora. Seus pés pareciam elevar-se do chão e sua velocidade era absurda para qualquer campeão mundial em cinquenta metros ou maratonistas resistentes à distância elevadas.

Logo, avistou a moto que atingia seus cento e oitenta numa reta implacável para uma perseguição. Seus olhos minavam lágrimas quentes como lavas e seus punhos pareciam brasas incandescentes. Freneticamente seguiu a moto e sentiu que deveria saltar em cima do assassino. E, voou numa velocidade impressionante plantando os dois calcanhares nas costas do motoqueiro, fazendo com que seu tórax fosse comprimido contra o tanque da moto. Não aguentando o impacto, o eixo dianteiro estourou e estatelaram-se o motoqueiro e a moto. Deslizaram sobre o asfalto quente por mais de cinquenta metros.

Curiosos cercaram o lugar; carros pararam; gentes chamaram o socorro; motoqueiros pararam imediatamente para ver o que podiam fazer pelo acidentado. Mas, quando perceberam a arma caída perto da moto sentiram que era caso de polícia.

Notas de vinte e de cinquenta salpicavam o asfalto banhadas em gasolina. O motoqueiro respirava com dificuldade por causa das oito costelas quebradas. Sob a viseira quebrada e capacete rachado ele pareceu focar o pouco sentido de visão que ainda tinha num ponto no topo de um prédio onde uma figura humana estava de pé olhando fixamente para ele. Era Miguel com a camisa branca manchada de vermelho. Sangue da amada. Vida derramada

em escarlate e inocência vitimada por um ser que possui um poder de destruição chamada arma de fogo ou idiotice destruidora.

O céu se fechava. Bem diferente da manhã que fez hora atrás. Choveria de fato e ele não sabia como sabia que choveria, apenas sabia. Como vim para aqui em cima? Voei, claro que voei. Eu sabia que poderia fazer isso, pensava, sem tirar os olhos lá de baixo.

Na pista, paramédicos tentavam reanimar o motoqueiro usando o desfibrilador. Mais algumas tentativas sem sucesso. Cobriram o corpo e logo encostou o carro do capitão de polícia e seu rádio informava: esse é o mesmo motoqueiro que roubou um estabelecimento neste mesmo setor da cidade e efetuou dois disparos contra o vigia da loja. E, um dos disparos fatalmente pegou uma jovem na proximidade da loja, um parque em frente ao estabelecimento.

De cima do prédio, Miguel, com a audição superaguçada ouvia tudo. Foi tomado por um sentimento de nada nesse instante: nem tristeza pela perda; nem raiva do assassino; nem conformidade por seu ato de justiça que gritava em seu interior como vingança.

Lembrou que quando criança e adolescente cria que poderia voar ou ler pensamentos. Tentou concentrar-se no capitão da polícia lá em baixo e nada. Ninguém pode estar em todos os lugares, ler os pensamentos e dominar todas as coisas a não ser Deus, pensou.

Fechou os olhos e gotas grossas de chuva deram a cair. O céu chorava. Ele não conseguia. Os raios passavam lambendo o prédio e se perdiam nas antenas pararraio. Queria berrar como o trovão e chorar como o céu, mas sem conseguir sentou-se na beirada do prédio. Um caldo vermelho ia saindo de sua roupa e manchando o prédio bege.

Lembrara que nunca sentira dor, mas franquezas muitas vezes. Pois agora sua nuca ficou dolorida e seus olhos saíram das órbitas. Sua cabeça girava. Outro raio arrebentou próximo. Inclinou-se e caiu como aquele susto que se toma no princípio de um cochilo. Quando deu por si estava prestes a estatelar-se no piso de pedras magníficas que ladeavam a piscina desse condomínio. A queda sem fraturas. Milagre?!



Capítulo V

DENTRO DE SI

Agora se encontrava em uma canoa velha deslizando sobre a superfície tranquila de uma água cristalina e iluminada por astros celestiais muito cintilantes. Cada estrela refletia na água como se fosse uma noite cálida e convidativa para um passeio de barco. O marulhar soava como vozes que diziam várias coisas ao mesmo tempo e foram nítidas as perguntas dirigidas ao rapaz que navegava fitando o horizonte que era iluminado por um astro-rei diferente do sol que se conhece. Palavras soltas ou frases eram impelidas pelas ondas calmas: Vingança ou justiça? Força ou destreza? Bondade ou maldade?

O coração se enchia de tais indagações e a memória da formosa garota circulava ao redor dos pensamentos como adjetivos: doce, sincero, amável, sensível, surpreendente, viva, adorável, etc.

Tal situação despertara o que ele sempre fora? A última visão que o motoqueiro assassino tivera antes de fechar os olhos fora a dele como um anjo vingador no alto daquele prédio? Não deveria ter se envolvido com uma mortal? Será que sou imortal? Por que minha percepção não me alertou antes da tragédia? Muitas indagações foram atribuídas a

Miguel enquanto navegava pelas águas que espelhavam o céu límpido azulado.

Um mar de lembranças parece não ter fim. A deriva sem avistar praias e ilhas por quilômetros e mais quilômetros. Nenhuma nuvem vinha para esconder o sol que já se colocava no centro do céu e o calor parecia consumidor e a sede começava a instigar a alma por um refrigério imediato. O sol ardia e as ondas falavam sem intervalos. Não sabia se a direção era para o norte ou para o sul. A boca seca e língua colada ao céu da boca impediam o rapaz de pronunciar uma prece. Porém, sua mente nunca estava presa. A liberdade de seus pensamentos voava sem restrições e criaram pequenas nuvens para lhe proteger do sol escaldante. Olhos ofuscados por tanta claridade viram uma pequena ilha muito distante. Uma miragem não poderia ser. Coqueiros, matas, entre outras árvores frutíferas eram notados à distância. Um nome deveria ele escolher para esta ilha. Pois ele a descobriu e deveria batizá-la.

- Boa Esperança – imaginou que já existiria tal nome, -
Regresso – quem sabe?!

Passou anos navegando por esse mar lamurioso. As indagações cessaram e os sonhos juvenis ficaram num passado pouco distante, bem pouco distante. Desperto. Seus pais foram para Europa depois que se formou na faculdade.

Capítulo VI

LONGE DOS AMORES

Num apartamento recém reformado e com mobília nova em mogno acordava Miguel. Livros variados e cadernos enchiam a mesa. Rascunhos e contas confundiam-se em garranchos entre letras e números. Uma garrafa de água mineral depositada na mesa de centro suava gotinhas sobre o móvel bem encerado. A navegação fora um sonho bem estranho ou sua lição de vida entre esse tempo de vida desde o fatal acontecimento com sua namorada da faculdade. Recordou a infância ao olhar para uma fotografia ao lado do televisor ligado com o som no mínimo. Um volume suficiente para ele, presumia. A foto trazia seus pais adotivos e ele numa pescaria antes de ingressar naquela faculdade.

Décimo sexto andar. Longe do chão. Não gostava muito do chão. Sirenes lá fora faziam uma zoeira danada. Parecia despertar de um longo sono e não se lembrava da vida desde o ato de vingança. Estaria sozinho outra vez? Cocava o queixo e visitava a geladeira repleta de refrigerantes e iogurtes de papaia. A brisa fresca da noite adentrou pela janela aberta num sopro convidativo bagunçando as persianas. Dirigiu-se a sacada do prédio com uma garrafa de soda refrescante e bem gasosa. Ao retirar a tampa o refrigerante chiou e ele olhou para baixo encostando-se no peitoril. Recordou que o

natal fora alguns dias atrás. Mas como teria passado esse dia. Nem se lembrou da festa de fim de ano. Será que houve uma?

Voltou para a geladeira, pois ignorara um bilhete preso a ela. Deu uma boa golada no refrigerante e foi para o sofá lê-lo.

“Cadê a pessoa com quem me casei? Você está muito diferente!”

Fui para a casa dos meus pais. Annabelli mandou-lhe um beijo.

Ass. Verônica!”

Lágrimas quentes desceram sobre seu rosto por não ter sido capaz de imediatamente lembrar das feições de sua esposa e filha. Parecia que uma cortina estava até este dia cobrindo a janela de sua alma. Um véu pouco transparente, talvez.

- Minha esposa e minha filha! – chorou mudo com vertentes lágrimas correndo olhos abaixo. Pôs o bilhete no peito e o apertou. Lances de memória dançaram sob a luz tímida da sala como se circulassem ao redor de sua cabeça sustentada pelas mãos.

Uma lembrança não tão recente se ergueu na fonte das memórias: era uma tarde preguiçosa e muito quente, primavera, quase chegando o verão. Aniversário de sua filha, o primeiro aniversário dela. Consumido pelo serviço, ora estava na delegacia mexendo com papeladas e ora corria atrás de bandidos. Um desgraçado estuprara uma adolescente de treze anos. Era a sétima vítima do vagabundo. Por seus cálculos oitava. Pois atribuía a ele uma amiga de infância, a Dahlia. Ficara sabendo depois da faculdade que a menina, que se mudara para outra cidade fora vítima desse tipo de crime. Mas Miguel nunca mais a vira. Talvez tivesse incluindo nesse caso uma vingança contida ou justiça, dane-

se a verdadeira razão de tanto querer pegar o criminoso. Era novo na força policial e queria muito mostrar serviço, não pelo simples fato de se mostrar, mas de certa forma dizer que era capaz do trabalho.

Enquanto a família toda se reunia para o aniversário da pequena Annabelli ele caçava sozinho, sem reforços, pelas ruas nojentas de um bairro afastado. Pretendia pegar o infeliz e depois levar café para os companheiros que só ficariam sabendo de sua atividade depois, quando os malfeitores eram encontrados amarrados a cercas e grades por arames farpados ou cabos de aço. Comentavam: Miguel passou por aqui! E riam. Mas ninguém o indagava por estar sendo justo ou vingador? E nesse dia, dia de festa, deixara a família reunida e perseguia as pistas conquistadas por pesquisas e informações anônimas.

Entrou num beco fétido onde encontrou três garotos usando uma maldita droga em forma de pedra e arrazoavam com duas senhoras que vinham de alguma igreja pentecostal naquela hora, uma gorda e outra magra, abraçadas a um livro espesso. Pois elas tinham dito a eles: larguem essas porcarias! Presenciando isso o policial eficaz deu-lhes uns sopapos e fixando nos olhos desvirtuados dos garotos disse: o inferno lhes requer! E vocês irão? A voz do policial intrigou o interior da molecada como se tivessem ouvido a voz rouca e potente de um ser de outro plano, o espiritual. Saíram disparados e abandonaram os cachimbos ali mesmo. Meses depois ficou sabendo que dois deles foram para o seminário servir no sacerdócio.

E a busca daquele dia pode se dizer que não foi em vão embora não encontrasse o criminoso, pois duas almas se livraram do caminho espinhoso e maldito das drogas.

Voltara para casa naquele dia e se desculpava a cada instante com a mulher e sua filha. Todos os convidados da festa haviam ido embora e a esposa maravilhosa e

compreensiva dizia a cada convidado que perguntava dele: ele está com muito trabalho na delegacia. Ele estalou um beijo na bochecha da belezinha que dormia e deu um abraço apertado na mulher que amava – você é a melhor mulher do mundo!

Capítulo VII

LEMBRANÇAS

Despertou quando um trovão arrebentou próximo ao seu apartamento. E isso trouxe uma recordação de quando pegara aquele motoqueiro assassino. Sacudiu a cabeça para que os pensamentos prosseguissem outro rumo, porque queria lembrar mais sobre a vida de casado e sua pequena Annabelli. Dormitou diversas vezes na madrugada chuvosa e cheia de trovões. Acordou cinco horas da madrugada querendo ir pegar um refrigerante e uma solitária tatuagem no pulso formigou. Fitou-a não lembrando de quando a tinha feito. Isso lhe remeteu a um passado um pouco distante. Antes de sua filha. Na verdade, antes do seu casamento. Casamento com aquela bela mulher de cabelos castanhos escuros; de olhos castanhos claros e vibrantes. Havia entrado para a polícia e no tempo frequentava a academia do Departamento Regional da Força Policial. Pegava um coletivo de volta para casa depois das onze da noite. Notara uma moça maravilhosa que descia alguns pontos antes do seu. E a beleza da mulher lhe indagava para que puxasse papo com ela, e ele refletia que isso seria a qualquer dia e não naquele. Ele ia dias a mais durante a semana na academia para ter a magnífica visão da bela, linda. Um êxtase de alegria lhe comprimia o quanto próximo se sentava dela. Era absurda sua dedicação de alma pela moça.

Quase findando o ano, pegara o mesmo ônibus e sentira uma enxaqueca brava ao se sentar. Notara um homem pálido perto da mulher. O homem tinha traços fortes e uma cara carrancuda, mas isso era o de menos para ele que começava a lidar com bandidos. Hodiernamente a moça lhe causava calma e suspiros, mas aquele elemento louro de olhos cinza lhe cravava uma dor aguda na cabeça e sua tatuagem começava a formigar. Chegara o ponto em que a bela descia e o elemento desceu após ela. Deixaria a moça sozinha lá fora com aquele sujeito? Então, desceu no próximo ponto e rumou em direção ao ponto da mulher. Viu distantemente que o individuo se aproximava com alguma intenção à garota. Despertou dentro de Miguel algo que ele reconheceu ser problema. Foi como acontecera com a perseguição ao cara da moto anos antes. Correu para a direção dos dois e o rapaz já abordava a menina assustada. Passou penumbras de postes mal iluminados e pareceu um relâmpago enquanto corria. Parecia que tudo a sua volta estava em câmera lenta. Era um dia quente e a moça vestia um vestido verde bem leve e carregava livros e cadernos que foram para o chão quando o pilantra puxou seu delicado braço e a juntou perto de si. Exibia uma pistola cromada e a moça sem voz pelo susto não falava nada, apenas soluçava enquanto a mão do individuo inspecionava a silhueta formosa da moça e torneava sua coxa direita subindo a mão pela barriga até chegar em cima, e ali deteve sua mão, por um tempo, entre os seios. Agora ia comprimindo a garota num muro e numa mordida arrebentou uma alça do vestidinho dela. A rua vazia faltando cinco para a meia noite. Um ar cálido permeava. As estrelas do céu pareciam não concordar com aquela situação e no cintilar mais forte acompanhavam a aproximação do policial novato. Parecia um plano dimensional diferente do normal. O muro absurdamente continha palavrões execráveis. O sujeito louro com a arma pregada no pescoço da moça a lambia de forma profana.

- Acho melhor você deixá-la seguir – anunciou Miguel com uma voz altiva postando a autoridade que tinha.

A moça com os olhos encharcados pareceu respirar, profundamente como se tivesse prendido a respiração diante de um horrendo odor.

- Ela é sua namoradinha? Parece que estou com um corno bem na minha frente agora, - e, - que vai tomar bala na cara por ter me atrapalhado – os olhos cinza do indivíduo tomaram proporções macabras, ou fora apenas uma ligeira impressão de Miguel.

- Não falo duas vezes – voou para cima do pilantra e recebeu dois disparos. Inevitavelmente as mãos do policial prenderam o pescoço do rapaz socando-o ao muro. A moça caiu do lado segurando a alça arrebitada do vestido.

A força descomunal lançou o imprestável contra um poste e dois vigilantes noturnos, percebendo a cena, se aproximaram e um deles usou as algemas para prendê-lo no mesmo poste marcado pelo sangue de sua testa cortada no impacto. Um fio vermelho vivo descia da testa do homem para a ponta do nariz e pingava. Ele estava desacordado.

Miguel anunciou e mostrou seu distintivo para os vigilantes noturnos e logo uma viatura chegou.

- Mostrando serviço ao capitão, heim soldado? – sorriu o cabo que descera do carro e ficava a par da situação.

Enquanto os dois policiais ouviam a moça, vítima, Miguel sentava na calçada e reparara a camisa perfurada, porém não fora ferido por nenhum dos dois projéteis.

Vinte minutos depois a moça se aproximou de seu salvador.

- Machucado? – a doce voz ecoou aos ouvidos aguçados do novato policial que imediatamente ergueu a cabeça e abriu um sorriso.

- Não. Obrigado por perguntar. Mas, e você? – ele acompanhou a moça que se sentou ao seu lado e ainda segurava a alça de seu vestido.

- Fisicamente... digo que não. Mas, aqui – apontou para o próprio peito – dentro está um aperto e uns arranhões horríveis. Daqueles que são possíveis fomentadores de pesadelos por um tempo.

- Sinto muito!

- Que isso? Você me salvou!

- Eu percebi algo errado com aquele cara... e por pegar a mesma condução com você alguns meses, senti que hoje estava meio estranho... não sei explicar direito.

- Você foi espetacular – aproximou-se ainda mais do policial e lhe beijou a bochecha.

- Quantas vezes eu quis conversar com você e... não queria que fosse num dia como esse... com esse tipo de prelúdio... – encabulado complementou, - sei lá. Encontrar você num shopping ou padaria e puxar uma conversa... seria bem melhor – sorriu.

- A gente pode fazer isso agora – o olhar contagiante da moça adentrou as portas da alma de Miguel, – ou melhor, amanhã. Agora, hoje, eu quero descansar.

- Oh! Sim. Agora, quer dizer daqui pra frente – pareceu um pouco mais encabulado pela iniciativa que presumia que deveria ter sido dele.

- Se importa de me acompanhar até minha casa? Fica a dois quarteirões daqui – ela levantou nutrindo um olhar encantador.

- De maneira nenhuma. Será um imenso prazer – fez sinal para os companheiros de polícia despedindo-se deles.

Caminharam tranquilamente sob o manto negro da noite infestada de estrela que pareciam brilhar com todo o esplendor de alegria celeste.

Minutos depois a deixava em sua casa despedindo-se com mais um beijinho no rosto e uma troca de telefone. Seu nome era Verônica.

Saíram por mais de mês e começaram o namoro. Maravilhosas lembranças passearam pela mente de Miguel: viagens; museus; praias; lanchonetes até altas horas da noite; passeios por parques; cinema; comemorações de datas importantes; entre outros;

Os momentos com Verônica eram sobrenaturais. Tudo a sua volta parava como se entrassem noutra dimensão. Havia um elo de alma eterna no âmago do casal que destilavam doçuras como um favo de mel.

O namoro de um ano deu lugar a um noivado de um ano e meio, e então o casamento.

- Verônica! – gritou ao acordar de mais um cochilo. Suava frio e o dia clareava. Estava quente. Recordara muitas coisas nessa noite ou apenas sonhara com atributos heroicos e fantásticos? Seria reflexo dos Romances que costuma a ler na sua adolescência? Por que deixara uma parte de seu casamento sumir se tinha algo tão forte com sua amada esposa? Fez força para lembrar de momentos alegres com sua esposa e filha, e sobrevieram apenas ligeiras brincadeiras e beijocas que dava em sua garotinha antes de colocá-la para dormir. Amassou uma lata de refrigerante e a lançou na lixeira da porta da cozinha. – Minha família! – berrou, - ninguém acabará com ela... nem mesmo eu – colocou-se de pé num pulo e dirigiu-se ao banheiro.

Afirmava aquelas palavras a cada passo que dava. Por instante perdeu o sentido e quando recuperou foi atacado por náusea. No armário do banheiro procurou remédios. Antidepressivo, calmante, qualquer coisa! E não achou nada. De fato era singular seu estado, pensando que ele não dependia de nenhum medicamento. Variou a noite toda e

seus olhos estavam em brasa querendo boas horas contínuas de sono. Olhou-se no espelho e viu a aparência deprimente.

- O dia claro! Eu não vou trabalhar? – nem soube afirmar para si mesmo se ainda trabalhava na polícia. Então correu para a geladeira e pegou um iogurte de papaia. A janela estava entreaberta e ao sentar-se no sofá percebeu que a chuva da noite passada entrou e molhou um móvel onde estava o telefone. Bebeu o iogurte e sem demora deixou suas pálpebras lhe trazerem o sono tão requisitado, necessário. Eram quase oito da manhã.

Teve sonhos bons, não verídicos, mas bons. Fantasiosos, mas bons. Algo que lembrava instantes familiares e outros nem tanto. Voei? Sou anjo como mamãe dizia? Ora e outra as confusas imagens intrigavam seu subconsciente mesclando de forma delirante seus conhecidos, amigos, parentes, pais, esposa, filha, propósitos, trabalho, e um maldito estuprador que não conseguiu prender no dia do aniversário de sua filha.

Gostava de altitudes. Voos extraordinários; mirabolantes escaladas de prédio; força sobre-humana. Ou sonho apenas. Mais um dia inteiro se foi. Dormindo. Desligou-se completamente e o sono foi profundo.

Ele havia passado alguns dias trancado ali, de fato tudo indicava: sem telefonemas; sem jornal qualquer; sem ver TV; sem ouvir uma música; na verdade três dias. O mundo que via se resumia às idas até a janela. Viu o laptop sobre a mesa cheia de livros e resolveu se conectar ao terceiro dia de sua clausura, mas a operadora cancelara o serviço por falta de pagamento. Caminhou solenemente para o quarto como se fosse fazer algo de indefinível importância. Revirou gavetas e sentiu o cheiro das roupas de sua mulher e os de sua filha. Jogou-se sobre blusas amarradas de Verônica e fechou os olhos como se recordasse dela.

Horas depois foi para a geladeira que estava quase vazia a não ser pelo pote de azeitonas, lata de pêssego em calda,

um ovo, um saco de damascos secos e uma lata de refrigerante de cola.

Procurou o sofá e levou um álbum de fotos. Comeu os damascos e bebeu o refrigerante. Folheou as espessas folhas do álbum e se divertia com fotos não muito recentes. A filhinha na maternidade. A esposa barriguda. O carrinho de bebê. A sogra e o sogro. Seus pais adotivos no aeroporto indo para a Europa. E muitas outras.

Escurecia. Uma sombra estranha passava por sua sala. Não teve forças para segurar seus olhos fixos no canto da sala. Adormeceu como um bebê. As palavras: “venha me pegar!” intercalou várias lembranças em formas de sonho.



Capítulo VIII

TRAZENDO À MEMÓRIA

Certo dia Miguel chegava em sua casa com olheiras absurdas de feias e com as roupas manchadas de graxa e salpicada de sangue. Carregava um semblante incomum, estava irreconhecível para filha e quase para a esposa. Talvez tenha sido a única noite em que ele não foi dar um beijinho de boa noite em sua filha. Verônica rapidamente levou a menina para o quarto e disse que o papai estava muito cansado, depois de um banho e uma noite dormida brincaria com ela. Toda as manhãs, antes dela ir para a creche, ele montava casinhas de brinquedo para a menina brincar com as bonecas. Ele tinha um boneco próprio guardado e trazia para se divertir com ela. Abriam e fechavam portinhas e janelinhas; preparavam comidinhas. Nesse dia o ar entristeceu e na manhã seguinte estava arriscado não ter brincadeiras com a filha.

- Querido o que houve com você? – a esposa com muita presteza veio acudir o marido cambaleante. E ajudou a deitar no tapete próximo à porta. Há pouco estava escorando-se no batente.

No chão a primeira coisa foi tirar o paletó que havia furos. Vários furos.

- Quando você se casou comigo... sabia que um dia isso poderia acontecer – dificultosamente falava.

- Vou chamar socorro! – ergueu-se num salto a mulher focando o telefone.

- Não confio em ninguém da emergência...

- Que houve?

- Estava numa ambulância quando tentaram me matar.

A mulher arregalou os olhos como se fossem saltar às órbitas. Pôs a mão na boca e lascou uma unha no dente. O policial tentava ocultar seu braço totalmente fuzilado. Era amputação na certa pela aparência dele. Se um médico o visse agora diria que era para amputar seu braço esburacado. Braço ferrado totalmente!

- Encerrei três casos hoje. E, bem no último fui surpreendido por um elemento surpresa que arregaçou meu braço na bala de uma automática. Tinha colocado o braço na frente para me aproximar naquela hora e soquei-lhe o queixo com meu punho bom. Ele se estatelou escadaria abaixo do prédio onde eu tinha prendido o chefe da Boca do jardim Quimera – fechou os olhos e parou de repente...

- Miguel! – gritou ela. – Fala comigo!

- ... chamei uma ambulância. Quando entrei nela senti algo diferente nos médicos e um sacou a arma na hora que dei de empurrar a porta. Peguei uma maleta de aço onde ficam apetrechos de médico e me defendi de alguns disparos. Lancei a maleta no vidro da ambulância que já começara a correr. Depois de estilhá-lo todo eu me joguei para fora recebendo esses tiros nas costas. Corri como nunca pensava que poderia correr – extremamente cansado parou de falar e comprimiu os olhos plissando todo o rosto por causa das dores.

- Meu amor. Você veio para morrer – chorou copiosamente, - em casa. Nos meus braços!

Serenamente ele abriu os olhos e a olhou penetrantemente como a fitara anos atrás. Fazia lembrar que a alma deles eram ligadas.

- Ajude-me a ir ao banheiro – Miguel ergueu a cabeça avistando o banheiro. – Lavanda – anunciou o cheiro que vinha de lá. Ele gostava desse cheiro.

Verônica o levantou e sua blusinha lilás foi tingida de escarlata com o marido moribundo largado no seu ombro. Chegaram ao banheiro e ele anunciou com a cabeça para que o pusesse na banheira.

- Agora me deixe! – fazia uma cara horrível pela dor que lhe acometia. Com o braço bom apontou a porta, - por favor, meu amor, saia e feche a porta.

Trêmula e chorosa Verônica se pôs de pé com a mão na boca. Olhou diretamente para os olhos dele e entendia que era hora de deixá-lo ali, e quando adentrasse novamente ele já estaria em paz. Andou de costas fixando os olhos, agora, no braço arreventado do marido e suas lágrimas desciam como um dilúvio. Saiu e cerrou a porta após si.

Do lado de fora do banheiro, a esposa pegou o telefone e se sentou no chão à beira da porta que acabara de fechar. Pensamentos terríveis rodeavam sua cabeça. Não ouvia nenhum gemido nos primeiros quinze minutos que ficara ali. Discou o número da central onde trabalhava seu marido.

- Aqui é a esposa do detetive Miguel... gostaria de saber se houve algum caso com ambulância hoje?

- Olá, Verônica. Aqui é a tenente Madureira. De fato uma ambulância foi encontrada detonada na ponte São Petrúnio. O que nos pareceu foi que ela se desgovernou e bateu contra uma das pilastras de sustentação da ponte e foram achados dois funcionários do Hospital Flores, mortos. O motorista e um enfermeiro.

- E... não transportava ninguém? – com a boca seca gaguejou.

- Foi a ambulância que o hospital designou para atender uma chamada da polícia... de um policial...

- Prossiga... por favor... tenente – soluçou ao pedido.

- Sinto muito... temos uma equipe de busca no local... porque sabemos que foi a ambulância que tinha recebido o chamado do seu marido... e ele ainda está desaparecido. Estávamos prestes a fazer tal ligação para a senhora. Pode ter caído no rio que passa sob aquela ponte, pois os vidros traseiros estavam todos estourados e uma maca retorcida pendia para fora.

- Obrigada! Pelas informações... eu retorno mais tarde... tarde... – chorou sonoramente pensando no marido que morria no banheiro e não teve forças para dizer a tenente que o detetive estava morrendo em sua própria casa.

- Qualquer novidade a senhora será informada. Tente dormir um pouco – era quase duas da madrugada.

Um álbum inteiro de fotografias mentais passou pela memória de Verônica e seu ouvido colado à porta do banheiro não captava ruído algum do marido. Teria ele morrido silenciosamente. Sem um gemido sequer.

- Que será de nós duas? – lembrou da filhinha que adormecera encantadoramente.

Não era possível que isso estaria acontecendo. Lembrou que antigamente fazia orações e atualmente não tinha mais esta prática. Abandonara a fé? Ou a fé que a deixara? Lembrou de quando ia à igreja com sua mãe e professava possuir fé. Depois de um tempo sem praticar a fé Deus a ouviria? Intervenção divina era a única solução para aquela situação. Sua cabeça girava e uma enxaqueca a perturbou por instantes subsequentes. Sem jeito ela se afirmou nos

joelhos. Queria orar de joelhos no chão como se aquela posição fosse a maneira correta de se falar com Deus.

- Faz tempo que eu não faço isso Deus... como posso começar? – um estalo veio de dentro do banheiro. Algo fora estilhaçado sobre o chão. Parecia que uma marreta fora arremetida contra o piso. Levou a mão à maçaneta, mas não teve forças para girá-la. Pela fresta debaixo da porta percebeu uma luz azulada que tremeluzia como curto-circuito. Embora a energia do resto do apartamento não tivera nenhuma avaria, poderia ser a fiação do chuveiro.

- Querido! – conseguiu abrir a boca num tom de preocupação e choramingou, - que houve aí?

A esperança lutava em seu coração contra o medo e o silêncio consumiu o âmbito outra vez à medida que não recebera uma resposta. Sua consternação elevava no momento em que se levantava e se preparava para girar a maçaneta. A luz se firmou lá dentro notado pela fenda que abrisse. Devagar a porta ia se abrindo e seus olhos encharcados e tristes percorreram o banheiro.

- Verônica! – disse saudavelmente Miguel.

- Você está bem? – suas pernas vacilaram e o marido a segurou.

- Não me pergunte “como”. Eu nunca saberia te responder querida – e lha trouxe ao seu peito musculoso e viril. Abraçou a esposa e beijou sua boca com doçura e loucura. – Eu te amo demais para te deixar tão facilmente.

- Isso foi um milagre! – não sabia medir o choque de constatar o milagre de ele estar perfeito. Ignorou o pensamento de encontrá-lo no chão frio. Com certeza qualquer das situações é de amolecer as pernas.

O braço outrora arrebatado estava vigoroso e com uma pele nova sem cicatriz alguma.

A zonzeira venceu a mulher e ela desmaiou nos braços do marido. Ele a levou para a cama e terminou a madrugada acordado sem tirar um segundo sequer os olhos daquela sua maravilhosa joia. Seus lábios inocentes e úmidos eram formidáveis e para Miguel: tocá-los era a coisa mais espetacular do mundo. Quase amanhecendo, ele pegou no sono. Com o corpo revigorado não parecia cansado e nem um pouco abalado. Sua restauração fora algo inexplicável até mesmo para ele.

O relógio despertava para um novo dia. Ele não sentiu o cheiro de café e nem de pão assado com manteiga. Levantou-se e se dirigiu à cozinha. Tudo deserto? Seria um sonho bobo. Um sonho que prega uma peça daquelas e quando se acorda respiramos aliviados. Cadê a filha? Esposa? Devo ter morrido mesmo. Ou tudo que conheço morreu pra mim.

Na cozinha. Um bilhete. Maldito bilhete!

Capítulo IX

RUAS SUJAS COMO SEMPRE

“Venha me pegar!” uma pavorosa voz ecoava na sombra de sua sala, mas um barulho intenso lhe chamou a atenção, despertando o detetive de um conturbado sonho que lhe revelou acontecimentos inacreditáveis e o abandono de sua esposa por não querer passar por mais um susto daqueles. Barulho vinha da rua, lá embaixo. Ele foi à sacada colocando um casaco. Ventava frio. Era quase dez da noite. O detetive se interessou pela situação que ocorria lá embaixo. Colocou uma calça e sapatos e desceu pelo elevador.

Como louco um carro de polícia dobrou a esquina e chegou à confusão.

- Essa moça foi violentada... alguém chame uma ambulância! – gritou um no meio da multidão que aglomerava o local.

Isso chegou aos ouvidos do detetive que se aproximava ligeiramente.

- Detetive Penedo? – uma pessoa o reconheceu.

- Pois não?

- E sua saúde? Ainda está afastado do serviço por problemas? - Ficou sem jeito por causa da palavra que usou. O jovem policial parecia ter uma devoção por ele. – Eu torço

para que o senhor retorne à atividade o mais depressa possível – falou pausado e pesou as palavras dessa vez.

- Qual seu nome filho?

- Rosso, soldado Kelvin Rosso. Quando cheguei à central me disseram que o senhor estava afastado por ordens médicas.

- Ordens que acabaram de acabar!

- Retornará na próxima semana?

- Não. Estou retornando HOJE. – fixou os olhos no jovem policial, - poderia me passar suas algemas?

- Pode ficar com elas, senhor.

- Encontre-me à quatro quadras daqui, para o leste – outros três policiais que acompanhavam tudo aquilo fitaram de longe o detetive que conversava com o novato e singelamente eles o cumprimentaram num balançar de cabeça. Um deles pôs a mão na aba do quepe e fez de tirar reverenciando o colega de departamento, era o capitão Santos. Amigo de longa data naquele distrito.

O detetive se livrou do aglomerado de gente e cortando a rua ganhou a calçada do outro lado, cheia de latões de lixo infestados de ratos. Suas passadas iam ganhando estranha velocidade dando um sentido real a muitos dos seus sonhos nesses dias de clausura. Em instantes estava de frente a uma fábrica abandonada ladeada por um fétido beco, que ele lembrou bem que era refúgio de muitos miseráveis em fuga, bandidos e traficantes.

- Seus dias de pegar menininhas chegaram ao fim! – empurrou dois latões cheios de gatos vira-latas que se aninhavam ali.

O silêncio apoderou do local e o breu era macabro parecendo que tal beco não tinha fim. O detetive havia

andado um bocado de metro e de repente um disparo. Miguel não se mexeu nem para direita e nem para esquerda.

- Você achou que eu estava perto dos latões? – o detetive estava atrás do autor do disparo e golpeou sua mão lançando o revolver para a escuridão infinita. O policial parecia ter se transportado magicamente de um lado para outro. O próximo golpe foi uma joelhada quebrando três costelas. Deu para ouvir os estalidos.

Algemou o homem que gemia de dor e o arrastou até a calçada insuportavelmente suja que era banhada por luzes precárias de postes. Maldita iluminação pública.

Dois carros da polícia encostaram. O soldado Rosso com uma fisionomia alegre parabenizou o trabalho de Penedo. O capitão deu ordens para colocar o bandido na viatura e deu um apertado abraço no amigo Miguel.

- Eu voltei!

- O coronel ficará muito feliz, homem.

- Amanhã eu irei à central.

- Estamos te esperando. Sinta-se bem primeiro e vá depois. Não apresse as coisas.

Virou-se, o detetive, e prosseguiu por um largo melhor iluminado do que ali. Pensou na arma que amanhã seria achada por alguma criança e isso lhe perturbou um pouco até que pensamentos de família o tomaram pelo resto do trajeto a seu prédio. Pediria uma pizza para comemorar o reencontro consigo mesmo e muitas latas de refrigerante bem gelado.

- Oh, minha amada! – exclamou.



Capítulo X

MAIS UM BILHETE

Novo dia, novo começo, nova manhã, novas no jornal muitas vezes nos surpreende. Decidido a voltar para a delegacia Miguel recolheu o jornal, não fazia isso há dias. Buscara os pães e vinha lendo as chamadas das notícias. Preferiu subir as escadas para se exercitar um pouco, teria engordado uns oito quilos desde que parara de trabalhar. Pisoteava cada degrau como se pisasse num problema e a cabeça viajava pela situação do casamento. Hoje estava disposto a tirar o carro da garagem e ir trabalhar ou ir até a cidade vizinha buscar suas amadas meninas, esposa e filha. Seu andar estava muito longe. Estava no sexto e o seu era o décimo sexto. Resolveu pegar o elevador.

Para onde foram os mortos à bala ou atropelados? Deram lugar a pessoas mortas por esfolamento e carbonização. Assustador! E tudo isso bem perto do detetive. Na verdade em sua área de cobertura. Zona Sul da cidade tornara o centro da imprensa que cobrava mais policiais no local.

Abandonou o jornal sobre a mesa e tomou um excelente café com um bolo que comprara na padaria. Deu vários beliscões no pão, mas não o comeu totalmente.

Parecia uma cerimônia o vestir das roupas de trabalho. Uma potente pistola cromada cintilou ao tirá-la do alto do armário de roupa.

Hoje havia decisão e vigor em seu interior lhe afirmando que seria um grande dia. O enorme. Seu carro, um clássico, dos anos setenta com inúmeros cavalos de força saiu rasgando o chão do estacionamento e os pneus cantaram nas primeiras curvas quando ganhou as ruas.

Parou de frente ao prédio que trabalhava e nem abriu a porta do carro. O sol batia nas janelas e ofuscavam sua visão. E ele continuava olhando aparentemente para o nada. Não desligou o carro. Minutos prosseguiram desde que chegara e agora engatava a primeira marcha e cantava pneu se enfiando na pista contramão e pegou a saída que pareceu estar em sua rota. Rota de não sei aonde vou!

Um imenso mercado. Ele precisava abastecer sua geladeira e despensa. Entrou com rapidez como se fugisse de alguém. Como relâmpago cruzou os corredores quase infinitos. Era um mercado de uma grande rede. Comprou muitos refrigerantes; biscoitos; queijos; iogurtes; chocolates; bacon; damascos secos; uísque, por ter achado bonita a garrafa e o rótulo deslumbrante; cigarros, mesmo odiando tabaco ele colocou um maço no bolso. Demorou-se no setor dos eletrônicos. Comprou um novo celular com sistemas avançados demais para ser compreendido e fuçado por alguém com mais de trinta anos. Seu telefone móvel antigo caíra numa boca-de-lobo meses atrás. Não passava pela cabeça a ideia de ter furado com a promessa que alegara aos companheiros da força policial. A promessa de voltar ao trabalho “hoje”.

Mergulhou em pacotes e sacolas e se dirigiu ao carro no estacionamento do mercado. “Venha me pegar!” – uma voz sussurrou. Seria a terceira vez que ouvira tal coisa. Jogou

de qualquer jeito as compras para dentro do carro e percorreu o âmbito antes de dar a partida no carro. Nada de anormal! Saiu.

Seu passeio às compras demorara três horas e meia. Passou num posto de gasolina e completou o tanque antes de retornar ao apartamento.

Como pôde, carregou a montanha de compras para o interior de seu prédio. Estava ofegante e ficara feliz por não ser um fumante depois do trajeto até o elevador, porque seu estacionamento era no subsolo dois. Uma moradora do andar quinze fez um gracejo e ele fingiu ser apenas um cumprimento e, assim, respondeu – Bom dia! – no elevador subia apenas os dois. Ela continuou a fazer charminhos para chamar atenção. Abriu um pequeno estojo e retocou uns detalhes da maquiagem.

Logo, no andar quinze desceu a moça formosa e sedutora. Porém, ignorada por Miguel. E, sem demora chegara a seu andar e uma das lâmpadas piscava fazendo a sombra de uma planta dançar. A tatuagem do pulso latejou. Abriu a porta com dificuldade por não querer colocar pacote nenhum no chão. Após destrancá-la, abriu-a com um chute não muito forte. Percebeu coisas mexidas. Miguel deitou os pacotes levemente à mesa, e sacou de sua jaqueta, de couro cor de vinho, uma pistola nove milímetros cromada e seguiu à passos almofadados até o quarto. Uma brisa fresca adentrou elevando as cortinas e balançando as persianas bagunçadas sem tomar a atenção do policial. O estômago incomodava dando socos de fome e o coração batia forte e tenso ao se encaminhar ao quarto. Uma vistoria rápida anunciou que não havia ninguém, mas algumas coisas foram reviradas. Ao passar pela geladeira notou mais um bilhete. Abaixou a arma. Tranquilizou-se por saber ter sido sua esposa quem andara mexendo nas coisas em sua ausência de algumas

horas. Depositou a arma no interior da jaqueta e sentou-se no chão com o bilhete na mão.

“Fiquei sabendo que voltaria ao trabalho hoje. Isso é bom!

Espero que se encontre. Annabelli manda-lhe beijos.

Estou pegando minhas roupas.”

Ass. Verônica.

Chorou de forma emudecida e beijou o papel e o apertou com muita gana. Lembrou das orações que sua esposa costumava a fazer no começo do casamento e principiou numa:

- Não me deixe... por favor não me deixe – ora olhava para o teto como se clamasse ao alto, ora fitava o papel como se clamasse à esposa. Ficou pelo menos quarenta minutos sem exclamar outras palavras que não fossem essas – não me deixe!

Se a fome não esmurrasse seu estômago de instante em instante passaria mais tempo ali no chão, abraçado aos joelhos e comprimindo o papel entre os dedos. Devolveu o bilhete à porta da geladeira. Imediatamente, de olhos encharcados, foi pegar três ovos e os quebrou numa frigideira. Acendeu o fogo e jogou um pouco de queijo dentro do recipiente para misturar aos ovos. Lançou um tempero apimentado de aroma extraordinário.

Ao passar pela secretária eletrônica quis saber quem havia ligado para ele: - piii ... o senhor precisa passar em sua agência bancária para resolver sobre o cartão que está vencendo... – piii... aqui é o coronel Arruda. Sei que as coisas estão difíceis pra você. Venha quando estiver pronto. Não se apresse filho. Até logo! – piii... aqui é Mirna. Se ainda estiver

aí... espere um pouco. A Verônica passará por aí. Espero que vocês se acertem. Tchau! ... bip.

A sogra tentou avisar que Verônica passaria ali, mas de manhã saiu antes de tais ligações. Abriu um refrigerante de limão levemente gaseificado e colocou num prato os ovos mexidos. O estômago estava como um cão raivoso e faminto e o cheiro da comida lhe atiçava. Garfadas violentas foram dadas contra o alimento delicioso. Ovos, maravilhosos ovos.

Minutos depois estava se dirigindo ao quarto e largara o prato no meio de outros utensílios sujos dentro da pia. Jogou-se na cama com muita satisfação, eram quase duas da tarde. Notou uma peça de roupa de sua esposa caída no chão. Esquecera-se? Um robe lilás usado pela primeira vez numa viagem que fizeram ao caribe há menos de dois anos. Parecia que a peça havia caído do céu. Tomou-lha do chão e abraçou proeminentemente. Pegou no sono sentindo o perfume indelével da peça. A janela entreaberta do quarto deixava um facho de luz do sol abençoar Miguel com momentos de sonhos bons. E a tarde se foi. Sem pesadelos ou sonhos ruins alimentado pelas más lembranças.



Capítulo X1

UMA COISA!

Dias se passaram e a primeira tarde fria de outono, ventos carregavam folhas ressequidas e gravetos infestando as calçadas e largos do bairro mais assombrado dos últimos dias, Apogeu. Os jornais expunham a onda de violência crescente e delinquências cometidas a cada manhã.

Decididamente Miguel se equipou com a jaqueta cor de vinho e sua pistola e rumou à delegacia. Tomara um café bem quente e não comera nada ao sair de seu apartamento. Seu semblante era sério e compenetrado. Um dia antes, conversara com sua filha pelo telefone. Disse para ela que logo estariam todos morando juntos novamente. Tinha esperança. Acabaram-se as choradeiras. Seu setor de trabalho precisava do bom e aplicado detetive. Sua filha disse que viu na televisão falarem que a polícia estava perdendo para os bandidos e sua mãe a tirara da frente do noticiário. Estava mais do que na hora de voltar. Seu carro roncou na garagem e em instantes ganhou as ruas sujas de lixo.

Lera a notícia do jornal Matinal: traficante é encontrado sem a pele do rosto no beco da fábrica abandonada. Miguel conhecia bem aquele local. Aquilo era um covil de traficantes e ponto de prostitutas. Precisava ficar a par de todas as

medidas tomadas pelo departamento de polícia, por isso se deslocara para lá com tanta urgência.

Sua frenagem era conhecidíssima e quando parou o carro à calçada do departamento; foi vítima de olhares curiosos da janela, aplausos e brados de vitória.

Não demorou em o detetive se apresentar à sala do coronel Arruda. Com sorriso o velho oficial o recebeu.

- Bem-vindo meu filho! Sua sala foi cuidada por esse tempo pela tenente Madureira. Presumo que a conheça bem? – sabia que haviam feito academia juntos.

- Sim senhor. Antes de entrarmos na Força estudamos juntos. Academia.

- Ela está lá ajeitando algumas papeladas e logo estará se retirando.

- Só quero voltar o mais depressa a ativa e pegar o maldito que tem esfolado pessoas por aí.

- Sempre dedicado. Meu rapaz voltou! – o austero senhor de cabelo grisalho sorriu com mais vontade.

Olhos curiosos do departamento todo fitavam a porta da sala do coronel. Novos funcionários e antigos se espichavam sobre seus computadores para ver o policial que era um fenômeno em capturar bandidos terríveis.

O detetive se dirigiu à sua sala e entrou dando de frente com a exuberante tenente Madureira.

- Olá, tenente! – secamente cumprimentou a colega de departamento.

- Você sabe que pode me chamar de Joyce, detetive...

- Sim, Madureira!

A mulher deu um sorrisinho para ele e continuou a andar carregando sua caixa de pertences para uma outra mesa, do

lado de fora de sua sala. Assim que ela pôs o último pé para fora o detetive fechou a porta.

- Voltou mais educado – murmurou a mulher ajeitando suas coisas sobre a mesa pequena da sala central.

Miguel se enfiou em diversas papeladas e notou pontes que ligavam casos parecidos. Mapeou as ações horrendas que tem acontecido comumente e traçou alguns planos de investigação. Trim! Seu telefone.

- Pois não?

- Aqui é a Joyce. Liguei pra ver se você precisa de alguma coisa? Caso não esteja entendendo alguma coisa? Ou uma outra coisa...

- Obrigado, Madureira. Deixe-me ver uma COISA, e qualquer COISA te ligo.

- De nada. Saio para o almoço às onze. Caso queira ir?

- Obrigado. Daqui a pouco te ligo.

- Tá bom... – dudududu.



Capítulo XII

TESTEMUNHA SEM CRÉDITO

Lá fora a mulher abriu um sorriso inacreditável.

- Madureira – chegou um policial, - vamos almoçar hoje?

- Não posso. Já vou com o detetive Penedo.

- Está brincando comigo. Há um mês e pouco que o cara não vem trabalhar...

- Pois é. Vai chover hoje. Ele está de volta e mais compenetrado do que nunca. E, ainda sem esposa – deu um sorrisinho satisfeito e encantador.

- E você acha que vai conseguir algo com ele? Faz tempo que o conhece e nunca teve nada com ele, teve?

- Valente, nós somos bons amigos. Mas, você não sabe que eu sei conquistar usando minhas armas? – arrumou o blazer fazendo notório o volume dos seios.

- Não tenho dúvidas disso minha amiga – o cabo falou e foi saindo nutrindo um aberto sorriso para a companhia de trabalho recém chegada àquele departamento.

Pele clara, olhos espetacularmente verdes, cabelos negros e um corpo escultural eram as armas mais perigosas da policial Joyce Madureira.

Trim – a tenente pegou com apreço o telefone.

- Estou saindo em cinco minutos. Você está pronta?

- Sim. – ela olhou no relógio que acusava ser dez e meia. Mesmo assim assentiu. – Vou retocar minha maquiagem. – deu um salto e foi ao banheiro retocar-se.

Ela aplicou um brilho aos lábios, sombras e outras peculiaridades do estojo feminino.

A sala estava olhando de maneira enviesada para a tenente que voltara toda retocada. Ela não abandonara um espelhinho de mão desde que chegara do banheiro.

- No meu carro Madureira. – Miguel passou como um relâmpago por sua mesa, e a mulher agarrou a bolsa e o seguiu aos tropicções.

Os olhares os acompanharam. A dupla desceu pelas escadas desaprovadas pela tenente. Miguel fizera um sinal de que o elevador demoraria a subir para pegá-los.

No carro. Mal a mulher puxara a porta e o detetive enfiou o pé no acelerador. O carro urrou de primeira até a breve mudança de marcha e ganhou uma avenida muito movimentada.

- Muitos bandidos estão morrendo por aqui!

- Como?

- Eu disse que muitos bandidos...

- Não. Eu sei o que você falou. Mas é obvio que quem escolhe esse caminho sabe que a vida pode ser bem curta e de fim desastroso. Não acha?

- Sim. Mas tem morrido muitos bandidos que normalmente não morreria nessas quebradas. Entendeu?

- Por serem o rei do pedaço?! – apertava o cinto de segurança.

- Exatamente. Há quanto tempo você não é mais loira?

- Seu imbecil – deu um soco no braço do detetive que abria

um sorriso. O primeiro do dia. – Deixei de ser loira há quase um mês.

- Seus olhos verdes... pensei que eles só combinassem com seus cabelos dourados, mas vejo que ficaram perfeitos com seus cabelos negros.

- Obrigada. Quer dizer que você ainda sabe elogiar? Que mais você sabe fazer, ou lembra como se faz? – ela perdeu seu olhar no detetive que em nenhum momento virou-se para fitá-la.

Miguel ignorou por achar a pergunta da amiga meio sagaz e descabida para o momento.

Os olhos de atenção da mulher foram tomando a direção do painel do carro onde havia uma foto da esposa e filha.

- Linda sua menina.

- Elas são.

O próximo quarteirão foi silencioso e Madureira desviava de olhar para a foto. O motor roncava em quinta marcha e o potente carro avançava para uma esquina. Lugar que arremeteu maus pensamentos ao detetive. Fixou os olhos no parque onde perdera um grande amor de sua juventude. Tirou os olhos de lá e acelerou o máximo que pôde. Ganhando uma rua cheia de restaurantes. Parou no primeiro que encontrou numa frenagem louca, dando um solavanco na passageira que balbuciou um xingamento.

- Chegamos, Madureira.

- Quando me chamará pelo meu nome?

- Chegamos, Joyce.

- Agora, sim, melhorou – a policial elegantemente desceu do veículo e esperou seu parceiro dar a volta.

Sentaram à mesa. Primeira mesa da fileira na entrada do restaurante e sem demora um garçom trouxe o menu.

- Ainda gosta daquelas coisas nojentas? – sorriu o detetive.
- Frutos do mar. Se é o que você quis dizer gosto e muito.
- Coisas viscosas, geladas, gosmentas... me dão ânsia só de pensar.

- Seu estômago continua o mesmo do tempo da academia? Enjoado para se alimentar. E por isso passava fome diversas vezes – gargalhou a mulher apontando um prato para o garçom.

- O que me salvava eram as besteiras que eu guardava no armário: chips, chocolate e puxa-puxa. – deu uma boa gargalhada e pediu, - o mesmo dela.

- E se for algo gosmento? – ela o encarou com um olhar encantador.

- Eu sei que esse lugar não tem comida estranha... por isso, daqui eu como de tudo.

- Sempre precavido! Miguel, você não existe.

Conversaram mais um pouco antes do garçom trazer pato assado e purê de batatas com nozes. Joyce pediu uma taça de vinho branco e Miguel um refrigerante de cola.

- Refrigerante não faz bem à saúde meu amigo... e nem este tabaco no seu bolso. Começou a fumar?

- Ah. Não, não fumo não. Mas pensei em dar umas tragadas e nem abri o maldito maço.

- Faz bem. Eu demorei a largar essa desgraça. Agora sou ratinha de academia e amante de tudo que é saudável.

- Fico feliz – fez uma pausa para abocanhar o succulento pato.

- Se quiser mexer o esqueleto na academia do Aroldo, está convidado. Estou lá nas terças, quintas e sábados. Sempre às dezoito horas.

- Qualquer dia... – deu uma colherada servida no purê.

Comeram um bocado sem dizer palavra alguma. Ela o olhava a todo instante com um ar muito gracioso e Miguel mantinha-se deveras comedido. Mal retornava os olhos ao prato e a mulher já o fitava tacitamente. Era explícito o sentimento da tenente pelo parceiro e ele fazia de desentendido na situação.

- Meu rádio está tremulando... uma chamada.
- Seu celular é ligado com o rádio da central?
- É. O seu não?
- Lembre-me de fazer isso também – disse o detetive.

O chamado era para os carros da redondeza. O restaurante fazia parte do setor que fora solicitado tais carros.

Uma brisa agourenta soprou tenebrosamente por ali num assovio sinistro. E, um ar tenso adentrou o restaurante. Miguel arrumou a jaqueta e pegou algumas notas de dinheiro e deixou sobre a mesa e deu de sair. Joyce pendurou a bolsa ao pescoço e seguiu o detetive. Era quase onze e meia. Não terminaram os pratos, mas Miguel acabou com o refrigerante.

- A vítima é uma mulher de trinta anos – Joyce repetia as palavras da central, - próximo ao beco que divide um condomínio de uma garagem de caminhões e ônibus.

Chegaram ao local em menos de quatro minutos e uma viatura já se encontrava ali. Cabo Valente tomava nota de alguns detalhes de moradores próximos e trabalhadores da empresa de ônibus e caminhões.

Em plena luz do dia uma mulher com um top rasgado dependurada pelo pescoço com arames farpados e de rosto desfigurado sobre um latão de lixo. A cena era horrível e Joyce se ateve aos comentários que circulavam por ali.

Seria uma briga feia por ciúmes que levara um parceiro a fazer tal coisa. Em plena luz do dia era o que mais intrigava os policiais e por que ninguém nem vira ou ousara a dizer algo sobre a vítima.

Um policial gordo, capitão Santos, veio em direção ao detetive.

- Estamos nessa merda faz um mês e não sabemos nada do cara que tem esfolado pessoas por essas bandas – o gordo tragava um cigarro e expelia sua fumaça pelas narinas.

- Li alguma coisa no jornal. Acreditam que algum justiceiro tem matado traficantes e prostitutas por aí. Ou será que tal matador quer tomar o lugar dos traficantes e cafetões da região.

- Penedo, essa segunda opinião é a mais provável. Não existe esse negócio de justiceiro ou herói e blá, blá, blá...

- Penso como o senhor, capitão.

Deu meio dia e o corpo ainda esperava ser retirado pelos agentes do IML. Esfriava muito e ventava bastante.

Joyce esfregava as mãos aos braços para se aquecer um pouco. Miguel não saía de perto do corpo havia uns vinte e cinco minutos. Ela se aproximou do detetive.

- Não sou perito, mas posso jurar que o que esfolou o rosto da mulher foram unhas.

- Dá para saber a causa da morte? – perguntou Joyce.

- Parece que foi estrangulada, amarrada no pescoço com arame, trazida até aqui num carro e pendurada pela outra ponta do arame na viga sobressalente do muro.

- Por que carro?

- Foi uma ação rápida. O bandido já deve ter trazida prontinha para pendurar. Esperou a rua se esvaziar por uns segundinhos e talvez com a ajuda de algum comparsa penduraram a moça sem problema com testemunhas.

A mulher pendurada vestia uma calça jeans preta e um top laranja salpicado de sangue.

- Detetive – chamou o cabo. – Detetive.

- Pois não?

- Tem um mendigo ali na calçada dizendo que viu um sujeito de capa esvoaçante.

- Leve-me até ele.

- É por aqui!

- Sujeito de capa deve ser um herói mascarado e a defunta deveria ser uma assassina – o capitão gordo gargalhou escutando o que contava o mendigo. – Esse mendigo deve estar chapado. Miguel, você vai dar ouvidos a um bêbado?

O detetive conteve uma resposta nada legal para dar ao capitão e saiu. Joyce acompanhou Miguel.

Um homem de cinquenta anos; barbudo; sujo; de boina amassada; com um paletó verde-oliva esburacado, mas parecia protegê-lo do frio; e uma garrafa de caninha em uma das mãos.

- Eu não disse? Um bêbado – o capitão baforava fumaças de um novo cigarro.

O detetive se aproximou fitando os olhos vermelhos e displicentes do velho mendigo.

- Eu *vi ele*, doutô! Uma capa preta voando pela ventania que correu aqui de manhãzinha. Não olhe pra minha garrafa... eu a ganhei agora pouco dum homem que passava – deu de ocultar a garrafa atrás das costas.

- Deixe disso – apontou o objeto escondido, - e tome um café. Alguém traga um café para este senhor.

Um policial trouxe um copo descartável e o encheu da bebida quente.

- Brigadu seu polícia! – pigarreou. Deu uma golada. – O homem de capa preta pendurou a dona e saiu pulando os muros como um fantasma.

- Valeu! Tome seu café – Miguel virou-se e foi saindo. E

lançou ao velho seu maço de cigarros. O mendigo agradeceu com um gesto.

- Você não acreditou? – indagou Joyce.

- Por que não? – coçou o queixo.

- É muita fantasiosa a afirmação do mendigo – ela olhou para trás e o velho imundo bebia o último gole de café. Com uma fisionomia satisfeita puxou um cigarro e acendeu.

- Pois coisas inacreditáveis acontecem de vez em quando.

- Uma vez ou outra sim. Então, não podemos afirmar que essa onda de homicídios hediondos tem vindo de um mesmo meliante que usa capas e pula os muros de três metros de altura como se fosse um fantasma.

Miguel fez sinal ao capitão Santos de que iria para a central. Esperaria os relatórios em sua mesa até as dezenove horas. O gordo capitão fez com a cabeça que entendeu e um sinal de positivo com o polegar.

- Espero que você não extrapole no horário hoje – disse Joyce ligeiramente virando-se para o alvoroço de gente em volta da mulher que era retirada nesse instante, correu os olhos de um lado para o outro e não viu mais aquele mendigo.

- Não vou. Pretendo ligar para a casa da minha sogra e conversar com minha filha antes das oito. Entrarei melhor, de cabeça, nesse caso amanhã.

- Durma direitinho para que tenha muita energia amanhã, viu!

- Sim. Depois de uma noite de sono tudo se renova – mexeu o pescoço para esquerda e para direita, estava tenso.

- Posso – a tenente antes de entrarem no carro ofereceu uma massagem nos ombros, ele se sentou no meio-fio.

Ela se ajoelhou atrás do detetive e delicadamente foi apalpando dos ombros até o pescoço repetidas vezes.

Aproximou-se mais um pouco ao ponto de sua respiração aquecer a nuca do policial.

Por uma fração de segundos seus sentidos foram longe: lembrou-se da mulher que ama e da filha tão linda que tinha. Resolveu se levantar interrompendo a conclusão da massagem da colega de departamento.

- Já estou legal. Obrigado! – apontou para o carro. – Entre.

Joyce comprimiu os lábios e esfregou as mãos indo para o carro.

Na central. Das quatro da tarde até as seis o detetive ficou enfiado em papéis da mesa ao teto. Pediu apenas um café amargo e um vidro de adoçante. Oras pretendia diminuir o açúcar, oras não dava a mínima para o que os doutores diziam sobre sua dieta repleta de refrigerantes. Muita glicemia.

A tarde estava espetacularmente fria para um começo de outono. Com certeza era a tal sensação térmica devido aos fortes ventos deste dia. O sol abandonava a cidade dando lugar às luzes vespertinas. Eram quase seis e dez quando Miguel se levantou da cadeira e disse – chega! Por hoje é tudo. – coçou os olhos irritados e um pouco vermelhos.

- Tchau pessoal! – passou ligeiro pelas mesas de uns escrivões e da tenente.

- Posso te acompanhar amanhã cedo? Ou melhor, você pode me dar uma carona, amanhã? Vou deixar meu carro hoje à noite na oficina.

- Claro, Madureira. Amanhã saio às sete em ponto.

- Detetive pontual esse nosso! – chegou o capitão com uma garrafa de café.

- Plantão? – perguntou Miguel.

- Pois é. Mais uma noite. Eu e minha garrafa de café! – riu

com a sala inteira. – Somos inseparáveis desde que a Judite me botou pra fora de casa. Mulher desgraçada! A maldita se engraçou com o professor de musculação dela.

- Dureza essa nossa vida sem mulher – o detetive nutriu um singelo sorriso e foi saindo abanando a mão para a turma toda.

Capítulo XIII

ATORMENTANDO A NOITE

Depois que o detetive deixou a sala o capitão foi até a mesa de Joyce.

- Você tá louquinha por ele, não?

- Cale sua boca, capitão! – a mulher abaixou a cabeça e foi dando saída do sistema em seu computador.

O capitão já tinha sido disciplinado várias vezes por indecências e ações dúbias. Ele tinha um semblante rude e um ar depravado. Alguns suspeitavam de envolvimento com cafetões e prostitutas da cidade, mas ninguém tinha prova alguma e sua patente concedia-lhe certo respeito.

- Tenha uma boa noite capitão! – Madureira levantou-se de supetão quase derrubando o gordo da beira de sua mesa.

- Igualmente docinho! – fitou a saída da tenente mordendo a língua num canto da boca e pensou de como seriam maravilhosos os momentos com aquilo tudo de mulher debaixo de seus lençóis.

Estava, às dez da noite, o capitão no quarto e último andar. A parte dos cárceres ficava nos subsolos um e dois. Não havia muitos presos por lá, muito menos os mais perigosos. Apenas prisioneiro de pequenas infrações. O gordo fuçava em sites de humor e dava gargalhadas como

um idiota. Apenas a grande sala estava iluminada. Ele levou a mão ao bolso e trouxe um cigarro barato, do mais fedorento que já se viu. Acendeu e ficou baforando as nuvens fétidas e tomando muito café. Sua camisa estava desabotoada, não tinha ninguém por perto para que escondesse a enorme pança.

Dava meia noite e o gordo resolveu fazer uma ronda pelos andares de baixo. Apertou o cinto e abotoou uns três botões da camisa bege e saiu em direção às escadas. O telefone tocou atrás dele e ele retornou ofegante e atendeu.

- Ninguém. – emergência cairia no andar térreo, não ali.

No térreo três atendentes e cinco policiais atenderiam os chamados de emergência da noite, fora os carros que estavam circulando pela cidade. Cidade pequena, de duzentos mil habitantes no máximo. Um pouco violenta às vezes.

- No último andar não é lugar de um nove zero, merda! – praguejava o gordo acendendo outro cigarro e desistindo de descer as escadas. – Quer saber – disse audivelmente, - ficarei por aqui a noite toda e danem-se os andares de baixo. No térreo temos policiais à doidado – encheu mais uma caneca de café e tragou profundamente um cigarro recém acendido.

A energia caiu e seu computador desligou-se.

- Que droga está havendo! – pegou o telefone e discou o ramal da recepção.

- Pois não, capitão?

- Houve uma queda de energia ou o disjuntor é que ferrou?

- Aqui não houve nada. Nem as ruas perderam energia, capitão.

- Obrigado! Pode deixar que eu vou verificar os disjuntores daqui dos andares de cima. Bom trabalho pra vocês aí embaixo.

- Boa noite, capitão!

Foi para o corredor onde ficavam os disjuntores praguejando o acontecido.

- Tinha quase concluído o vídeo daquela gostosa e... achei você. Energia pra que te quero! – Pressionou a alavanca e pronto. Luz.

Voltou para o andar e sua sala com uma dancinha imbecil e foi direto ao maço de cigarros.

- Eta merda! – verificou o maço, - cadê meus cigarros? Quem é o idiota que está brincando comigo? Se eu pego? – rondou a sala toda olhando debaixo das mesas e nada. As lâmpadas começaram a falhar como em curto-circuito. Uma estourou e o gordo deu um pulo. Uma impressora começou a trabalhar expelindo fotos de pornografia. Algumas meninas das fotos não tinham nem dezoito. Santos ficou pasmo com a situação.

Uma sombra cruzou o fundo da sala e se enfiou na penumbra da parte do banheiro. O policial gordo empunhou um trinta e oito e foi para lá.

Entrou no banheiro observando todo canto possível.

- Se for brincadeira você pode se machucar! – avisava o gordo com a voz embargada.

Uma sombra, uma capa, não soube definir, mas ela passou por ele exalando um cheiro horrível, especificamente de lixões orgânicos.

- É você mendigo desgraçado? O cara de capas é você?

- Não. – respondeu uma voz obscura e rouca. – Sou seu tormento e seu alento.

- Cale sua boca e se mostre!

- Seu desejo... – a figura de capa negra esvoaçante pulou sobre o gordo e ele disparou quatro vezes, - será realizado.

As imensas unhas da criatura cortaram o pescoço do policial que caiu empoçando o chão de sangue. A criatura circulou o corpo como se verificasse alguma coisa.

- Com Miguel será pior – riu sinistramente antes de pular sobre o infeliz policial e arrancar as feições do rosto na base da unhada.

A noite emudeceu no âmbito da escuridão e no uivo dos ventos espectrais da madrugada que entrava o gordo gelava na poça de um vermelho escuro que corria para debaixo das mesas.

Capítulo XIV

CASOS DE SANGUE

Era um sonho macabro que fazia Miguel se revirar na cama. Atormentado por uma visão de um branco indefinível que cercava objetos desconhecidos de um vermelho escarlate sem igual. Apenas o objeto central reluzia douradamente e transformava o que era alvo num resplendor majestoso, grandioso e que por ora não ofuscava a visão.

Acordou dando um pulo quando o objeto dourado se aproximou de sua cama, cama que só apareceu nesse momento.

- Que loucura! – calçou pantufas de tigre e foi beber água gelada.

Passou pela cozinha e colocou pães na torradeira e adicionou um tempo. Pegou um pote de geleia de morango e um copo de iogurte de sabor papaia.

Lavou o rosto e sua tatuagem latejou. Coçou e esfregou sabão na figura em sua pele buscando refrescar a queimação que começara e caiu de costas no chão do banheiro.

“Venha me pegar!”

Zonzo. Levantou apoiando-se nas louças do banheiro. Primeiro ao vaso, depois ao lavatório. Pôs-se de pé e a tatuagem tornara riscas sem formato definido. Era um círculo

com um ponto no centro; e dois triângulos: um contra o outro se encontravam no ponto central. Estranho – muito estranho, - dizia ele em voz baixa.

Não ventava como no dia anterior e a janela aberta mostrava um belo dia ensolarado.

Na noite passada ligara para a filha. Ela estava triste por não poder vê-lo mais a cada manhã, mas a mãe prometera que assim que ela arrumasse um trabalho a filha poderia ficar nos fins de semana com o pai. Isso entristeceu o detetive. Tal afirmação era uma punhalada dolorida no coração de quem queria restaurar a família. Terminou dizendo que passaria lá, na casa da vovó qualquer dia para vê-la. Chorou antes de ser vencido pelo sono.

Depois do desjejum passou a pensar no trabalho do dia que seria daqueles. Uma mulher desfigurada veio a sua memória e agora imaginou que teria reparado numa letra riscado com algum objeto cortante (ou unhas) na barriga nua da vítima. Era a letra M. tinha quase toda a certeza do mundo. Nesse instante ficou louco para ver as fotos tiradas pela criminalística.

O telefone interno do prédio anunciou a subida de Joyce. Depressa vestiu uma camisa azul clarinha e se enfiou em um sobretudo preto.

- Miguel!

- A porta está destrancada, Joyce.

- Levei um pouco de serviço pra casa ontem e revi umas fichas da mulher assassinada – ela entrou despejando o trabalho antes de dizer – oh, me desculpe. Bom dia!

- Que seja pra nós todos!

- Amém!

- Que você dizia? – ajeitou a pistola dentro do sobretudo.

- A mulher era traficante de drogas; envolvida com prostituição infantil; ex-mulher de Mureta. Aquele bandido que assassinaram no ano passado. Arquivamos como acerto de contas.

- Seria a própria esposa quem encomendou o safado?

- Poderia ser, mas agora ambos estão fora da terra dos viventes – ela estava mexendo no celular. Seria uma mensagem da central? Tocou a tela sensível e viu a mensagem.

- Que cara é essa, tenente?

- Mataram o capitão Santos dentro do departamento...

- Como seria possível? – apressou-se a pegar as chaves do carro e saiu após a parceira. Desceram pelo elevador que não parou para mais ninguém.

No estacionamento, correndo, entraram no carro e depois de dois roncões o motor os colocou em movimento ganhando as ruas em segundos. A cancela mal tinha sido aberta e zuniram por baixo dela.

Minutos mais tarde paravam em frente ao departamento central de polícia da cidade. Subiram como leopardos atrás de presas.

Um alvoroço de policiais cercava o corpo gordo e sem vida ali no chão. Abriram caminho para os dois se aproximarem da cena.

- Uma letra... no abdômen – foi a primeira coisa que Miguel reparou.

- Que tem isso de importante? – Disse Joyce em voz baixa.

- A mulher tinha a letra M... e o capitão tem a letra I.

- Veja que o rosto dele está desfigurado por algum tipo de objeto como: faca; canivete; foice...

- Unha! – o detetive se ajoelhou na frente do corpo e analisou de perto as escoriações, perfuração na carótida e

vergões nos braços. – Objeto perfurante ou as unhas... novamente usados para assassinar – falou em voz alta e o coronel chegava perto.

- Legistas e outros peritos deram uma olhada. Pedi para retirarem somente depois que você chegasse. Pensei mesmo... que havia uma semelhança com o corpo de ontem (o da mulher).

- Creio que tenha uma ligação do caso da mulher ontem com este. Desfigurar o rosto da vítima com as unhas é uma coisa muito doentia. – Miguel caminhou por onde deram espaço para ele e fitou os papéis expelidos pela impressora. Garotas nuas.

- Era um homem nojento... mas não merecia isso – Joyce ladeava o parceiro e cochichava sua opinião.

- Os de plantão disseram que ele tinha ligado para eles perguntando se havia caído a energia do prédio todo e disseram que lá embaixo estava tudo normal. Não ouviram barulho algum, embora o Santos tivesse efetuado disparos. Sua arama efetuou quatro disparos e não foi encontrado nenhum dano em móveis ou parede.

- Entende-se que ele acertara todos os disparos?!

- O obvio seria. Mas não encontramos nenhuma gota de sangue ou rastro que não fosse de Santos.

Miguel emudeceu e parecia ligar os fatos como se fossem contas de matemática que se somam nos dedos.

- A família está aí fora pedindo a remoção do corpo. Os legistas e outros já fizeram o trabalho deles – anunciou o coronel Arruda.

O detetive fez sinal de positivo para os agentes responsáveis pela remoção do corpo e caminhou para o canto da sala pensando nas palavras do mendigo. Capa preta, fantasmagórico pulando os muros de três metros. Pularia do

quarto andar de um prédio usando a mesma técnica fantasma.

- Já sei. O mendigo te impressionou ontem? – Joyce mantinha-se grudada ao detetive e lhe falava quase que em sussurros.

- Serei assombrado todos os dias? – Miguel sentou e pôs as mãos no rosto comprimindo as lágrimas teimosas que desciam para o queixo.

Joyce abraçou-o ternamente e ficaram ali até depois da retirada do corpo.

- Hoje vocês podem refrescar a cabeça noutro lugar minha gente – disse o coronel apontando para os policiais que trabalhavam naquela sala. – Pessoas competentes estão encarregadas do caso do Santos. Amanhã nos apertaremos nas salas do piso inferior a este, até que a limpeza seja geral. Turnos noturnos quero no mínimo quatro soldados de plantão em cada andar.

- As câmeras, coronel? – o cabo Valente ergueu uma pergunta.

- Com a queda pararam. Depois de restaurar a energia elas não voltaram imediatamente ao funcionamento... e quando voltaram Santos jazia ali – o coronel respondia em voz alta para que não tivesse de repetir e repetir a mesma fala.

- Posso almoçar com você hoje? – Madureira perguntou.

- Quero ficar só. Hoje à tarde quero refletir nos casos e unir o que tiver de unir nesse quebra-cabeça dos diabos! – levantou e entrou em sua sala. Foi reunindo ao braço uma pilha de papelada. Saiu calado despedindo-se em acenos.

Eram quase onze da manhã e uma nuvem teimou em cobrir o bonito sol que fazia.



Capítulo XV

ALGO DO PASSADO

Depois de comer dois hambúrgueres entre duas fatias de queijo no pão, Miguel, ficou a repassar mentalmente os acontecimentos antes de abrir sequer o relatório que trouxera de seu gabinete. A tarde ficou fria. Aqueceu-se com uma jaqueta que ganhara de aniversário de sua esposa. O céu escureceu por completo como se fosse eclipse. Ligou a TV e nada do jornal da tarde esclarecer tal fenômeno. Talvez chovesse! O tempo está maluco a cada dia que passa.

Virou a primeira folha. Leu o nome “Elionai”. O filho da mulher dependurada no muro. O conselho de menores havia levado o garoto para o Lar dos Pequeninos de Santa Fé. Miguel recordou dos anos que passara nesse mesmo orfanato. Ele tinha ido para lá com menos de um ano. Após o acidente que lhe tirou seus pais verdadeiros. Aprendeu muitas coisas boas por lá: disciplina; organização; educação; religião; etc. lembrou-se das freiras e madres que cuidava dele e de outros órfãos, dóceis e amáveis mulheres de Deus. O reitor metia medo. Era um padre sisudo de sobranceiras grossas; olhos perspicazes; nariz grande e curvado como o bico de uma arara; orelhões enormes capaz de ouvir os cochichos dos alunos na aula de catecismo; alto e magro. Seu nome era Jerônimo.

Uma nostalgia apoderou-se dele despertando a vontade de qualquer dia dar uma passada por lá. Conversar com o padre que hoje teria uma idade bem avançada. No orfanato me chamavam de Milagre – riu por algum tempo – devido à maneira que ele sobrevivera. Carro desgovernado sai da pista após meu pai ter se desviado de um caminhão com um motorista muito louco de droga. Capotou três vezes antes de incendiar-se – uma gota de lágrima verteu no canto de cada olho. Foi arremessado para fora ou sua mãe – tinha quase certeza de que foi ela – que lhe colocara para fora quando o veículo começou a inflamar do motor para dentro do carro. O carro estava com as rodas para cima, amassado, comprimido contra os rochedos do fim da ribanceira. Nenhum adulto passaria pelo vão que sobrou entre os para-brisas. Sabia que ela o colocara para fora, intensamente pensava. A chama ardeu e crepitou na lataria. Estouraram peças e peças, também os pneus. Ele não tinha um ano sequer. A chama não lhe afetara em nenhuma parte do corpo. Incrível! Ele não estava tão longe do fogo. Lembrava das luzes vermelhas que chegavam lá em cima, na estrada. Policiais. Bombeiros. Curiosos e o caminhoneiro assassino. Homem careca de roupas imundas – ele não sabia como se lembrava daquilo tudo, além do mais, sua idade era de onze meses, - ainda não se firmava sobre seus pequenos pés. E um policial, naquele tempo, era soldado Arruda, hoje coronel, deu voz de prisão ao imbecil que não conseguiu andar numa linha feita com giz no asfalto. Feito três metros de linha, e o safado embriagado até os ossos não conseguia dar dois passos no traçado. Um branco total na memória a partir do momento em que os policiais lhe passaram às mãos de uma senhora franzina de cabelos grisalhos do conselho de menores que imediatamente lhe envolveu em um lençol branco, muito branco. Encheu os pensamentos com indagações: Nunca

soube de outros parentes? Onde nasceu? O que seus pais faziam nesta cidade? Pois com o carro tudo foi carbonizado: documentos que lhe outorgaria um sobrenome; um local de nascimento; destino de seus pais; nome dos avós; e muitas outras descobertas viriam com isso.

A polícia talvez tivesse pistas do carro, porém sem alguma descoberta relevante. Nome do dono e coisas do tipo. As chamas destruíram qualquer passado que ele poderia ter.



Capítulo XVI

MAIS UMA VÍTIMA DESTIGURADA

Trim! O telefone disparou e num golpe arrancou-o do gancho antes do segundo toque. Esperava que fosse a filha ou sua esposa. Respirou fundo. A voz do outro lado engasgou. Ouviu a respiração da pessoa do outro lado da linha. Deduziu ser a respiração da esposa. Não ousou dizer um “A”. Apenas ouviria o que ela teria a dizer. Olhou para o relógio no seu netbook de trabalho, viu que era quase cinco da tarde.

- Sábado... quero te ver sábado no GRC (Grand Restaurant Caffee). Pelas cinco tá bom?

- Bbomm!

- Tchau!

- Beiii – pipipipi – joo, minha querida Verônica!

Uma soma de euforia e equilíbrio lhe alargou um sorriso na boca. Faltavam quatro dias para o encontro com sua esposa num Café famoso da cidade. Onde tinha música boa e ótima comida, mas nada poderia ser melhor que uma tão esperada companhia num lugar desses.

Até entrar as sombras noturnas, Miguel, ficou absorto em pensamentos sobre seus casos e papéis sobre a mesa. Acabava

de abrir seu oitavo refrigerante e um terceiro saco de batatinhas. Duas horas e meia se foram.

Trim! Voou para o telefone.

- Miguel...- demorou a voz.

- Pode falar Madureira.

- Um jovem pregado pelas mãos e pés no portão de um clube da cidade... nosso setor – a tenente parecia sem força na voz. Certamente levava trabalho para a casa como o parceiro havia feito.

- Estou descendo agora! Eu te pego em cinco minutos.

- Estarei no ponto de táxi mais próximo de minha casa.

- Beleza!

Estava uma noite fria e sem luar. Colocou o sobretudo preto e sua pistola cromada por dentro, descansando no coldre.

As palavras da tenente brincavam com seus pensamentos de uma maneira desgostosa. Jovem pregado no portão deveria ser uma coisa estranha. Que objetos fariam coisas do tipo. Estacas; barras de ferro; grampos de marceneiro. Resolveu se ater ao trajeto que faria. A casa da tenente ficava perto da cena desse crime. De fato ficava quase no centro da cidade e já passava muito das sete da noite quando consultou o relógio da saída do seu prédio.

Clube noturno deveria estar fechado por ser apenas terça-feira, meio de semana, quem é que não tem nada melhor para fazer numa terça-feira. Leia um livro ou alugue uma porcaria de filme, oras, pensava Miguel dobrando uma esquina aos gritos dos pneus.

Os olhos interessados do detetive ganhavam as calçadas abarrotadas de gente bem agasalhada e o vento sem perdão zunia permeando os concretos e vidros da cidade. Barzinhos

cheios, em plena terça-feira, fizeram o policial pensar que um clube não era uma coisa tão tola quanto presumia ser.

Algumas centenas de metros e já parava o carro para a tenente adentrar. Cumprimentou-a singelamente. Ela estava cheirosa, muito para quem estava apenas trabalhando, de bom tamanho para quem estivesse num encontro. Vestia uma blusa bege, calça jeans e botas. Um cachecol de lã envolvia seu pescoço fino.

- Soube do novo capitão? O que assumirá nossa central no fim de semana?

- Não estou por dentro – fitou um mendigo. O carro passara por um mendigo que parecia ser o mesmo que disse ter visto o ser fantasmagórico pular três metros. Voltou-se para a mulher que cravava os olhos nele desde que entrara ali.

- Estevão Campos. Lembra-se dele?

- Da academia de formação policial.

- É.

- Claro que lembro. Ele fazia a gente correr como loucos todas as manhãs senão não tínhamos café – sorriu de viés e olhou para frente. Um alvoroço total em frente ao clube. Foi parando lentamente bem perto duma viatura.

Coronel Arruda e um novato estavam esperando os peritos e mantinham os curiosos numa linha de três metros de distância. Uma faixa listrada de amarelo e preto.

Miguel de sobretudo preto avançou sem esperar Madureira sair do carro e foi encarando a situação abismado com a criatividade desse assassino em série.

Um rapaz de vinte e dois anos, no máximo, seminu pregado literalmente no grande portão de madeira do estabelecimento. Grampos enormes de pregar madeiras

prendia cada dedo da vítima sobre o portão; rosto desfigurado por algum objeto cortante; arranhões no peito formavam uma letra, a letra G. Foi a primeira coisa que tomou a atenção do detetive.

- Um parceiro? – disse Joyce.

- Que você quer dizer com isso? – Miguel a fitou.

- G de gay. Talvez seu parceiro tenha descoberto algum caso dele com outro ou outra e contratou alguém para dar um fim. Bem passional, não acha?

- Dedução boa se não fosse as mesmas características dos outros corpos de face desfigurada.

- Está certo. Os outros tinham letras no peito...

- Exatamente. E alguém está brincando feio comigo.

- Por que pensa isso Miguel?

- É. Por quê? – chegou o coronel.

- Os outros corpos tinham as letras M e I. E esse vem com a letra G. Eu não duvido se a próxima vítima vier com um U – Madureira e Arruda se entreolharam duma maneira assustada e surpresa.

- Que já sabemos do rapaz? – indagou Joyce quebrando o congelamento desse instante.

- Vamos lá – iniciou um soldado com uma prancheta: - ele frequentava essa boate há uns quatro anos; tinha vinte e dois anos; pais separados que não moram no país (pai alemão, mãe brasileira); namorava um outro rapaz da mesma idade que não foi encontrado...

- Acertei uma – cochichou a tenente para Miguel.

- ... talvez porque era procurado por tráfico de drogas não deu bobeira por aqui; morava a dois quarteirões daqui e seu nome era Igor Zeihmr.

- Moço! – uma garota chamou a atenção dos policiais, - ele era um bom rapaz; trabalhador; companheiro; não fazia mal a ninguém! Peguem o desgraçado que fez isso com ele... por favor... peguem....

- Pode deixar – Madureira consolou a menina que pranteava como uma cascata e a levou para dentro do clube a fim de pedir um copo de água.

- Um ritual macabro!

- O quê? – Miguel encarou o coronel.

- Isso mesmo. Não ri não. Isso existe e muito por aí. Esses três casos até agora têm uma semelhança indiscutível.

- De fato!

- Então podemos trabalhar nessa hipótese.

Peritos analisavam e quase uma hora depois estavam retirando o cadáver do portão e colocando no caixote de lata.

Miguel absorto em pensamentos incríveis e espantosos o bastante para compartilhar com qualquer pessoa caminhou para o outro lado da rua e fixou os olhos nas pessoas que acompanhavam aquela situação. Era um espetáculo uma situação daquela? Seria um momento em que todos se perguntavam se aquele fim era merecido ou a morte de forma horrenda seria apenas mais uma apresentação do estado doentio humano em que um desvairado poderia chegar? Não sabia se queria respostas para suas próprias perguntas. Queria mesmo é pegar o tal assassino antes de terminar todas as letras de seu nome. Pois cria que o bandido estava interessado nessa façanha. Sabia lá o porquê de ter escolhido um mero policial de uma cidadezinha qualquer. Talvez seria esse o momento de suas habilidades lhe conferirem um meio de achar e prender esse matador impiedoso.

Madureira veio com um copo de café para oferecer ao detetive que estava no momento cabisbaixo e sentado no meio fio.

“Venha me pegar” – um sussurro sinistro como já ouvira antes.

Ergueu-se num salto e Joyce derrubou o café antes de poder abrir a boca para lhe oferecer.

- Senti sua presença! Uma voz – arregalou os olhos e fixou-os sobre os postes.

- Você está me assustando – Madureira disse abanando a mão queimada pelo líquido negro e quente derramado. O vento uivou sobre as casas e prédios da rua. A frente do clube foi ficando vazia depois que levaram o corpo do rapaz. Era meia noite e vinte. Num aceno o velho coronel se despedia dos dois.

- Madureira. Você pode ir com o meu carro.

- Mas você?

- Fique tranquila. Pegue meu carro e vá embora daqui – não quis ser arrogante no falar, mas o tom de voz foi impulsivo e desordenado.

- Por que isso agora, Miguel?

- Faça isso pela nossa amizade. Eu preciso de uns instantes sozinho.

- Mas, minha casa que é mais perto daqui. Seria injusto eu ir com seu carro e você voltar a pé para sua casa.

- Confie. Eu vou ficar bem. Vou interrogar o barman do clube – apontou para a portinha que não tinha se fechado. – Acho que ele deve saber mais sobre o rapaz dessa noite. Depois eu me arranjo para ir embora.

- Posso ficar?

- Eu chamo um táxi depois. Fique tranquila Joyce – e deu um beijo na bochecha da parceira policial.

Alguns postes começaram a piscar freneticamente. O vento piorava. Joyce entrava no carro, velada pelo olhar de Miguel.

O detetive arrumava o sobretudo, endireitando a gola. Pôs a mão por dentro conferindo a arma no coldre.

Quando o carro disparou e sem demora quebrou a esquina, todas as lâmpadas da rua se apagaram. Num baque a portinha outrora aberta da boate se fechou. As pequenas lâmpadas que indicavam o clube noturno estouraram, até as que nem estavam funcionando. O ar ficou tenso e sem ventos. Miguel sacou a pistola e verificou os dois lados da rua. Caminhou bem devagar observando poste por poste. Latões de lixo iam sendo abandonados por gatos vira-latas e os estampidos das latas ecoavam pela rua inteira. Raios e trovões seguiram numa orquestra sinistra. Choveria em menos de dez minutos pela violência dos raios e os berros dos trovões. Os olhos do detetive se adaptaram àquela escuridão e seus ouvidos pareciam tão aguçados ao ponto de ouvir um alfinete caindo na extremidade da rua.



Capítulo XVII

APARIÇÃO SINISTRA

O frio não havia amenizado mesmo com o sumiço ou a ausência dos ventos. No fim da rua um farol fez de entrar, mas numa violenta virada de volante jogou o veículo para a avenida que descia para o lado do hospital central da cidade. Os pneus cantaram estridentemente até conservar-se na reta da avenida.

Miguel transpirou e limpou a testa com a manga do casacão que vestia. Fitou uma figura inusitada dando uma de equilibrista sobre um fio de alta tensão da rua. Sobre o poste mais alto caminhava o ser de manto esvoaçante, equilibrando-se perfeitamente vindo em direção ao policial abismado com a figura. O ser não parecia caminhar, mas deslizar sobre o fio e sua capa era ouriçada com uma corrente de ar que aparentemente não existia ali, ou o detetive não havia sentido tal vento espectral. De maneira fantasmagórica o ser passou a deslizar de cabeça para baixo com toda a naturalidade, ignorando qualquer lei da física.

Seus olhos pareciam pequenas luzes amareladas no fundo da capela do crânio; sua pele era cinzenta e murcha, colada nos ossos; poucos fios negros de cabelo se espalhavam com o vento espectral; seus dentes, todos eles, eram afiadíssimos e

os superiores transpassavam os lábios murchos e se encontravam com os dentes inferiores; seus dedos esqueléticos escondiam-se por instantes dentro das mangas esfarrapadas da vestimenta anterior à capa.

- Enfim sós! – grunhiu o ser.

- Quem é você?

- Não costumo ter nomes bonitos de onde venho meu rapaz. Mas, Ceifeiro Artesão pode vir a calhar de uma forma bela e nítida de como gosto de trabalhar.

A figura se aproximou o bastante para Miguel encará-lo e sentir arder os olhos e nariz pelo fedor que exalava da criatura sinistra.

- Tentei dar um fim em você antes de completar o primeiro ano de vida e não fui feliz... aquele casal era um saco... não conseguiam ter filhos e fizeram tantas besteiras para conseguir um e depois tentam fugir do pactuado – arrastava as palavras pachorras e soavam como um grunhido entre sua dentição soberba e amarela.

- Maldito – uma fúria se levantou no âmago de Miguel fazendo com que descarregasse o pente de sua pistola no vulto esvoaçante que se locomovia estranhamente e rápido demais para os olhos humanos. Ensandecido, o detetive, cravou mais um pente novo em sua nove milímetros e tentou ganhar a visão de onde estava o ser.

- Armas? Humanas demais para me causar qualquer dano. Fora que, lentas demais para me acertarem.

O céu se abriu exibindo as estrelas e uma lua muito prateada que melhorou a visão de Miguel. O ser estava a alguns metros dele e o fitava com uma tímida admiração.

- Sabe fazer melhor? – grunhiu o ser caminhando de lado. Acompanhado pelo olhar ensandecido de Miguel. – Alguma

coisa muito boa te cobriu por esses trinta anos que eu não pude te ver, te pegar, te matar...

Um neurônio deu a informação que Miguel fora protegido desde que o passaram às mãos duma mulher que imediatamente lhe cobrira com um lençol branco como a neve. Só podia ser. Orfanato. Os padres e irmãs que lhe acolheram com tanto amor e dedicação. Depois vieram os pais adotivos e uma versão não física daquele lençol o acompanhou até seu último aniversário. Por que não antes dos trinta? Por que só agora que a coisa começou a ficar estranha? A esposa lhe deixara alguns dias após o seu trigésimo aniversário. O que tinha de errado em fazer esse aniversário? Cobertura espiritual dos mantenedores do orfanato? A oração deles falhando? Que havia de especial nesse orfanato? Para lá foi enviado o filho da mulher assassinada dias atrás. O nome do menino é Elionai. Uma nostalgia tomou o detetive de certa forma que o fez desligar da estranha figura que o fitava e parecia impossibilitado de avançar contra o policial.

- Seus pensamentos te perturbam? Quando eu der a lambar sua esposa todinha vou causar uma perturbação maior ainda – uma língua escura, fina e gosmenta encontrou passagem entre os dentes afiados.

- Não toque nela nem em seu pensamento maldito! – disparou cinco vezes contra o peito oco do ser. As balas foram morrer no portão do clube noturno num estampido chocho.

- Talvez a pequenina seja mais interessante. Não é? – avançou contra o policial que tentou disparar outras vezes antes de ser golpeado e lançado a quinze metros dali. Sua arma voou para outro lado.

- Filho da Puta!

- Ai, essa me ofendeu. Quer dizer de novo? – a figura fantasmagórica veio sobrevoando a poucos centímetros do

chão em direção ao policial desnorteado com a batida contra uma grade de ferro fundido.

Sua cabeça latejava e girava. Dor. Horrível dor. Sentiu um melado escorrendo para dentro de seu casacão. Era o sangue espesso que descia do corte do alto da cabeça. Doía muitíssimo. Não tinha outra arma dentro do sobretudo. Via o movimento distorcido da figura sinistra que vinha de encontro. Seu punho ficou quente como uma brasa incandescente. O punho que trazia um sinal. Uma tatuagem estranha que desde que se entendia por gente já a tinha. Pensou no pacto de seus pais, embora não quisesse acreditar em coisa alguma que aquele sujeito tinha dito. Parecia que sua mão estava dentro de uma vasilha com água fervendo. Parecia sentir a ebulição do líquido dessa panela. Alquimistas ferviam ininterruptamente metais menos nobres como o chumbo para que atingissem à nobreza, tornando-se ouro. Sua cabeça fervia nas têmeoras. Gemeu de dor. Dor da cabeça. O ser se aproximava com os impiedosos olhos amarelos e com os punhos esqueléticos prontos para lhe socar. Num salto o detetive ficou de pé e o punho tatuado e efervescente foi usado para aplicar um soco no ser sinistro. Poeira. Pó. Cinzas. O ser funesto havia desaparecido antes mesmo de receber aquele golpe. Apenas uma camada de cinzas caiu sobre o policial. Teve certeza de que não foi o golpe que o reduzira à pó. Bem que isso viria a calhar em dadas circunstâncias. Seria um doido a menos. Ou um demônio a menos.

Levou a mão quente, a mão direita, até o ferimento da cabeça e ele se fechou instantaneamente. O cabelo encharcado de sangue incomodava. Caminharia até seu apartamento que estava quase que do outro lado da cidade. A lua se escondera e as estrelas perdiam o brilho anunciando o astro maior que pretendia nascer no horizonte. Beirando

às seis da manhã. O tempo voara magicamente e isso não podia ser um sonho. Nos sonhos o tempo é irrelevante, mas a dor mostrava que tudo era real. Sangue ressecado entre os cabelos castanhos claros, bagunçados. Ferimento e o ser desapareceram. Estaria ele louco? Fora apenas uma pancada na cabeça e começara a ver coisas?

O sinistro fora embora por causa do raiar do dia? Por que vira seu punho ficar brilhante e se acovardou? Sabia lá as respostas. O que queria mesmo era um copão de iogurte e uma ducha quente. Dormir talvez fosse querer demais.

O detetive começou a correr como nunca tinha corrido. Nem naquelas ilusórias lembranças havia corrido daquele jeito. Era um homem especial. Seu punho o revelou isso. A tatuagem não diminuiu a intensidade do brilho, a mão sim.

Em casa, depois do banho e um iogurte sentou-se no sofá. Dormitou. Teve sonhos relevantes ao acontecido da madrugada. O lençol. As orações. O pacto era a peça intrigante do tal quebra-cabeça. Voltaram atrás no pacto, seus pais? E por isso fugiam passando por esta cidade?

Chegara do trabalho no dia do seu trigésimo aniversário e sua esposa nutria um semblante emburrado. Quis saber o porquê da insistência da nova colega de departamento, Joyce, querer saber dos gostos dele. Há poucas semanas foi transferida para o mesmo departamento de Miguel sua antiga colega de academia militar. Ligara para sua casa pedindo informações para a própria esposa. - Que Madureira tinha de se meter nos meus gostos ou querer saber deles? Verônica pensara que estávamos tendo um caso? Verônica sabia da minha amizade com Madureira na academia de preparação para o serviço policial. A própria Madureira vinha de vez em quando almoçar conosco. Mas, um bilhete romântico? Foi um infeliz bilhete encontrado no bolso interno de um

paletó. Joyce jurou por tudo que é sagrado de que não era ela e a letra, para piorar, foi digitada. - Tinha algo ainda muito nebuloso naquele dia do seu aniversário. Não conseguia ter clareza de quase nada que não fosse sua esposa irritada com todas as suas ações.

E “te encontrar de novo é tudo que eu quero!” dizia o maldito bilhete.

Capítulo XVIII

UM TEMPO ATRÁS

- Você trabalha demais e passa um tempo exagerado em casa observando pilhas de papéis... – zangava-se Verônica. – e esta sua amiga que mal começou a trabalhar no mesmo lugar que você e já não larga do teu pé. Vocês só podem estar saindo!

- Não pense uma coisa dessa querida. Ela é uma amiga possessiva, isso não tenho como negar, mas não viaja não. Que saindo com ela, o quê! Tira isso de sua cabeça.

- E isto... – estendeu a mão trêmula com o bilhete. – Diga-me que estou falando merda agora? Diz que isso só pode ser coisa de sua colega de trabalho.

- Não é. Não faz o jeito dela...

- Então quer dizer que você sabe qual é o jeito dela – vociferou a esposa, - deve ser um jeito muito gostoso pra você defendê-la dessa forma. – Entrou no banheiro e bateu a porta com toda a força que pôde.

- Meu amor não faça isso. No fundo você sabe que esse pedaço de papel não quer dizer nada...

- Não me faça rir Miguel. Depois que nossa filha chegar da creche eu partirei desse lugar e você faça o que bem entender de sua vida... de sua carreira... de sua amiga... Pro inferno vocês dois!

– Amor... - uma corrente de ar gélido adentrou pela janela e arrepiou os pelos dos braços de Miguel. Seus olhos fugiram das órbitas, tonteado, caiu. Seu pulso fraquíssimo e respiração dificultosa o acometeram nesse instante.

Verônica saiu do banheiro e viu aquela cena deprimente do seu marido caído perto da porta e com uma aparência pálida e horrível. Correu com urgência até o telefone e chamou uma ambulância. Dez minutos depois os médicos estavam cuidando do policial e ainda não entendiam a sua situação. Levaram-no para o tratamento intensivo do Hospital Central e Verônica não pôde acompanhar porque esperava a filha voltar da creche. A esposa chorava copiosamente, porém nada tirava de sua cabeça a possível traição do marido. Nutria pensamentos dos momentos em que a policial Joyce fazia gracejos e brincadeiras com seu esposo em meio ao almoço.

Muitas vezes Joyce almoçara com eles. Principalmente aos domingos. Joyce não tinha família por perto e se apegara muito ao detetive, mais que uma irmã. Ela só dava um pouco de sossego nos fins de semana em que arrumava um namorado ou ficante. Certa vez arrumara uma namorada. Apresentara Scarlett ao casal amigo, Miguel e Verônica. Era uma gringa recém chegada da Inglaterra e com extrema dificuldade falava português. Foi uma tarde apenas que os casais passaram juntos conversando e discutindo sobre assuntos corriqueiros e atuais. Linda moça – dizia Verônica para Miguel após elas terem ido embora nessa tarde. Você ficaria com ela – brincou Miguel.

Scarlett voltaria para Inglaterra duas semanas depois e fora surpreendida no embarque com dois quilos de cocaína espalhados no forro de três de suas jaquetas. Todas compradas na capital. Joyce foi vê-la quase que no último dia em que permaneceu no país, pois seria deportada para

Londres naquela mesma semana. Joyce se manteve firme com um olhar imponente sobre a sua amiga que partiria logo mais. Conversaram por um bom tempo, por ser da polícia teve o privilégio de exceder o tempo alegando estar fazendo perguntas sobre o local da aquisição da droga. Os cabelos escuros e a pele clarinha da moça era um contraste magnífico; seus olhos azuis encantavam e penetravam perspicazmente nos de quem conversasse com ela; lábios bem contornados quase sempre com um brilho cintilante amendoado. Joyce segurou as mãos algemadas da moça inglesa e desejou que ela se safasse e saísse desse mundo tenebroso das drogas o quanto antes, ainda disse que estaria sempre ali, mesmo país e cidade para uma visita da amiga. A moça de vinte e quatro anos chorou no colo da amiga e pediu desculpas mesclando palavras nas línguas portuguesa e inglesa. Joyce debruçou sobre ela e deu-lhe beijinhos afetuosos e bem sonoros na cabeça e depois no rosto da inglesa. Conteve-se para não deixar seus olhos se encharcarem e minutos depois disso foi colocando-se de pé e se virando para a porta. Bye!



Capítulo XIX

ABSORTO

Miguel voltara do hospital no dia seguinte da discussão com sua esposa e ela o abandonara de fato. Nenhum traço de onde estava sua filha e sua esposa. Então, foi revirar os cômodos e gavetas para encontrar um bilhete qualquer e nada. Mil coisas giraram em sua cabeça a partir desse instante e seu corpo voltou a estremecer. Nunca sentira tão mal em sua vida, nem mesmo naquele dia em que quase perdera o braço quando alvejado por arma de fogo da pesada e a mirabolante escapada da ambulância. Naquele dia ele estava um caco. Um bagaço de gente ambulante. Arreventado por projéteis ferinos. Destruído por balas de calibre grosso. Mas amparado por sua esposa. Inda que ela esperasse que ele não escapasse com vida daquele dia. E, um milagre aconteceu. Trancado no banheiro para morrer no chão frio ou na banheira gelada, sua tatuagem começou a arder; sua mão direita a dourar-se; seu braço despedaçado parava de doer dando lugar a um formigamento indescritível. E o braço restaurara e sua energia se renovara instantaneamente. Mas, agora estava solitário no apartamento sentado no sofá olhando para o nada. Persianas abertas revelavam o dia lindo lá fora, e uma tempestuosa situação ali dentro. Nada faria sentido longe de suas meninas adoráveis. Isso o levou passar

longos dias longe do trabalho e das ruas. Num trecho de um bilhete dizia “cadê a pessoa com quem me casei?”. Estava despertando com o cheiro de mogno novo e apartamento recém reformado. Mas nada fazia sentido sem suas meninas amáveis e doces.

Certo dia Joyce, talvez por não encontrar as palavras corretas no momento, disse: ela é linda, e Miguel complementou: elas são!

Capítulo XX

A INVESTIDA DO SER OBSCURO

Adormeceu depois de passar a madrugada enfrentando o ser sinistro que possivelmente tem o procurado desde seu nascimento. E agora Miguel sabia, quando foi o momento em que o fantasma passou a enxergá-lo novamente depois de ser coberto pelo lençol protetor em sua infância. Claramente reviu nesse momento pesado de sono o momento em que sua esposa o desprezou, deixando-o à própria sorte. Foi quando ela, irritada e nutrindo a vontade de abandoná-lo disse: pro inferno vocês dois! Era a chave que a criatura fantasma esperava para poder agir na vida do detetive e acabar de arregaçar com tudo.

O relógio anunciava dez horas e o telefone de Miguel tocava pela oitava vez.

- Trim!

O detetive se contorceu na cama e num pulo se pôs de pé. Correu até o telefone e:

- Alô!

- Miguel. Como voltou para casa ontem à noite? Ficou muito tempo por lá? – era a voz preocupada da parceira.

- Dei uma corridinha – riu, - há muito não corria. Não demorei muito não – mentiu, pois viera para casa quando o

céu já clareava e no horizonte tingia de uma cor rosada. – Dormi demais?

- Só estou te telefonando pela oitava vez!

- Pesado. Sono muito pesado! – olhou para a tatuagem que nutria uma singela luminosidade no apartamento escuro pelas persianas e cortinas cerradas.

- Eu estou com o seu carro, lembra? E já estou na Central de Polícia. É só falar a que horas você virá para cá que eu vou te buscar!

- Sim.

- Sim o quê?

- Daqui à meia hora. Vou comer qualquer coisa.

- Tudo certo! Logo, logo estou aí!

Encaminhou para a cozinha e um vento frio entrou por sabe lá que lugar. Todas as janelas estavam fechadas. O pulso tatuado formigou. Lembrou do orfanato. Aquela tatuagem teria sido coisa dos padres ou do pacto de seus pais. Talvez encontrasse resposta por lá. Esperaria a tenente chegar e diria que seu trabalho hoje seria uma investigação particular e não na central de polícia. Passou manteiga no pão e levou ao micro-ondas ignorando as persianas que agitavam à suas costas. O faqueiro balançou e parou ao simples olhar do detetive. Uma brisa gelada foi enchendo seu apartamento.

Um silêncio perturbador acometeu os segundos seguintes depois do micro-ondas acusar estar pronto o pão. Silêncio. Miguel tomou meio copo de leite com o pão quente.

- Sploc! – um pássaro se espatifou em sua janela resultando em uma mancha de sangue e uma pequena trincada no vidro.

- Sploc! – outro pássaro contra o vidro e a trinca aumentou.

- Isso está saindo dos limites – resmungou o detetive se aproximando da janela. E a abriu com violência.

Lá fora o tempo fechava. Escurecia numa velocidade incrível. Seria uma boa chuva. Miguel perdeu-se em pensamentos no peitoril da janela olhando para o horizonte belo ainda que cinzento. As nuvens se aproximavam rapidamente. Pombos se espantavam com uma corrente de vento e voavam para longe do prédio. Arrulhavam e voavam lançados ao vento frio. Já passara os trinta minutos e nada da tenente Madureira chegar. O detetive olhou para baixo e avistou seu carro. Mas, por que a tenente não acionou o telefone interno do prédio? Não avisou sua chegada. Nem isso fez! Deveria estar no carro esperando, pois o detetive dera o tempo para ela e talvez não precisasse avisar a chegada.

Vestiu o coldre. Recarregou o pente da arma e os dois reservas. Vestiu uma jaqueta de couro vinho-escura e uma calça jeans preta. Dirigiu-se à porta e:

- Miguel? Tá tudo bem aí? – gritou Madureira. Cansara de esperar no carro e resolvera subir até o apartamento.

- Tudo bem. Não encontro minhas chaves – revirava os bolsos e a toalha jogada no sofá. Refez os possíveis caminhos dentro do dormitório e sala, e nada. – não consigo achar!

- Posso chamar o síndico se você quiser?

- Não se preocupe Joyce... e me encontre no carro.

- Como assim... se você não consegue nem sair daí. Não posso te deixar na mão, parceiro! – parecia gentil demais a voz da mulher.

Ela estava louca por ele. Via a possibilidade de tê-lo depois de que sua esposa o abandonou. Sempre sentira algo pelo amigo e parceiro de polícia.

- Eu disse para me esperar lá embaixo – Miguel falou firmemente e pelo barulho dos passos ela teria ido para o lado chamar o elevador.

O detetive mirou sua janela aberta. Respirou fundo e correu de encontro a ela. E se atirou do décimo sexto andar numa segurança que nunca sentira. Seu pulso tatuado latejou e sua mão direita inflamou como brasa vermelha.

Estaria se suicidando? Com certeza outrora pensaria, mas agora sabia que coisas absurdas havia, ele, feito outras vezes e a luta da madrugada foi a prova final de que muitas coisas que se lembrara nos últimos dias não eram apenas sonhos fantásticos. Logo que passou pela janela pensou – sou louco – e ao cair como uma pena gargalhou do que humanamente era impossível de se fazer. Defenestrar-se daquela maneira concluiria o homem super-humano que era. Algumas gotas de chuvas o acompanharam na descida magnífica. Pousou os pés no chão de forma abrupta e decisiva dobrando levemente os joelhos. Seu olhar ficou altivo e confiante. Seu ato fora espetacular e ainda deslumbrava-se quando Joyce chegou ofegante correndo até o carro.

- Você? Como já...? Não me diga que estava brincando comigo. Fui uma tola em te esperar lá no hall e depois subir e descer correndo... e te pego dando risada da minha cara – ela fechou a cara para ele, e o detetive continuava sorrindo. – Vai me dizer como chegou antes de mim? Que mentiu já sei. Deixou algum aparelho gravador falando que não encontrava a chave e etc. enquanto descia para cá. Boa! Miguel. Muito boa!

- Não posso explicar agora. Preciso ir até o orfanato onde vivi os primeiros anos de minha vida. Tenho de falar com o padre que me acolheu por lá – olhou para o contato. – por favor, Joyce me dê a chave do carro.

- Aqui está seu abusado! – ela fez um biquinho e ele sorriu para ela de forma contundente desta vez.

- Obrigado, menina brava!

- Muito brava! – ela sorriu e puxou o cinto de segurança.

Quando o detetive pensou em girar a chave uma gritaria por polícia e ambulância se levantou atrás deles. Do outro lado da rua. Curiosos se ajuntavam como formiga no açúcar. Os policiais desceram do carro e caminharam em direção ao alvoroço. Uns gritavam, outros choravam e outros nem conheciam a pessoa. A pessoa que estava fígada nas lanças de uma grade de dois metros e meio.

Quatro lanças lhe atravessavam os braços e uma o pescoço. Goteiras de sangue ainda caíam pelo chão fazendo um pequeno lago escarlata. A vítima de sexo masculino usava um short de corrida e aparentava ter por volta de trinta anos. Seu peito nu tinha uns riscos que formavam a letra U. Parecia um V, mas na concepção de Miguel seria a sequência das letras de seu nome. A face do homem estava desfeita pela metade. Parece que o malfeitor não teve tempo para desfigurar o resto do rosto. Umas senhoras choravam muito e apertava um objeto em suas mãos. Era um terço. Contas de oração. Acabavam de vir de um encontro do Divino.

- Sinistro – balbuciou o detetive.

Nesse momento Madureira pedia carros de polícia para o local, dos peritos e o do IML. Ela preferia não olhar muito e conversava com algumas pessoas que disseram ver um sujeito de capa escura correndo para o condomínio da frente e se safar por entre os carros estacionados. Ao ouvir isso sem que Miguel estivesse olhando para o lado da amiga, ela sacou sua magnum e correu para os carros do prédio onde Miguel morava.

- O desgraçado estava perto da gente! – vociferou a tenente e correu.

- Aonde vai, Joyce? – gritou Miguel avistando a amiga se enfiando por trás de uma van amarela gema.

A tenente nem ouviu o parceiro e adentrou no estacionamento que cheirava a óleo queimado e borracha de

pneu. Caminhou suspirando baixo e ofegando pela corrida. Um ar gelado pairava no ambiente e congelava o nariz. Sua respiração passou a produzir uma fumaça de vapor. Muito gelado. Muito frio para um dia de outono. E o vento espectral não parou nem um instante.

No canto mais escuro os olhos amarelos como fogo da face esquelética, a fitavam.

- Teve sua chance mulher!

- Tá falando do quê, miserável?

- De passar a noite com seu colega policial. Não te darei outra chance. Porque eu vou acabar com você agora mesmo.

- Tente! – efetuou três disparos na direção dos olhos flamejantes.

- Tola – o ser passou por ela numa velocidade incrível e lhe socou o estômago lançando-a numa caminhonete.

- Cof! Cof! Uhf – tentava recuperar o ar quando o ser chegou frente a frente com a tenente. O fedor impregnou em suas narinas como se estivesse dentro de uma rede de esgoto.

- Tolinha de tudo – recebeu mais dois disparos e o ser jogou a arma dela para longe. Exibiu suas horrendas mãos e das pontas dos dedos foram saindo centímetros e mais centímetros de unhas negras e fétidas.

A mulher estava sem reação encostada na porta amassada da caminhonete e pressionada pelo sinistro que falava como se fosse grunhidos de feras. Seus olhos se perderam na profundidade do olhar da estranha figura e sua cabeça ficou zonzinha de tanto fedor. As unhas imundas se aproximavam do rosto da mulher. Brincou com os lábios dela por uma fração de segundos. Sua língua pegajosa, fina e escura saiu de entre os dentes amarelos e afiadíssimos e lambeu a mulher do queixo até a testa.

- Destruir rostos lindos é o meu prazer. Desprezo sua imagem e semelhança! Eu desprezo – berrou como grande urro de feras, - sua imagem e semelhança!

- E eu a tua, coisa feia! – Miguel chegou tão rápido e surpreendente dando um soco na face seca do ser que o lançou para o meio de um jipe. Afundou a lataria do carro vermelho.

Numa velocidade absurda o detetive foi vasculhar o carro rachado ao meio pelo sinistro e constatou que ele havia sumido. Apenas poeira e cinza estava no banco do veículo.

- Eu ainda acabo com você! – gritou Miguel com uma confiança que ardia em seu coração. Era para aquilo que fora chamado. Uma pessoa especial dotada de um poder sem igual. Mas por quê? Alguma resposta tinha certeza de encontrar onde fora criado. Talvez outras, sua própria trajetória lhe ensinaria ou lhe mostraria segundo suas dúvidas.

Recolheu a arma de sua parceira e pegou a mulher em seus braços. Saindo dali chamou o sargento Flores que estava cuidando do acontecimento do outro lado da rua.

- Adalmo. Cuide dela pra mim!

- Vou chamar imediatamente uma ambulância. Deixa comigo, detetive – bateu continência para Miguel.

- Ela saiu correndo para o estacionamento e deve ter desmaiado. Talvez impressionada pela situação que este assassino em série tem deixado suas vítimas.

A blusa da mulher estava um pouco aberta e a barriga roxa.

- Parece que levou um soco? – comentou Flores.

- Deve ter caído. Eu a encontrei debruçada no estacionamento.

- Fique tranquilo. Acionei a emergência.

Miguel deu meia volta para sair e se deteve quando viu o coronel chegar por ali.

- Coronel?

- Pois não!

- Posso fazer uma pergunta sobre algo de trinta anos atrás?

- Se eu me lembrar... responderei, detetive Penedo.

- O acidente do despenhadeiro... lembra-se do arquivo?

- Mais ou menos.

- No nome de quem estava o carro que caiu?

- Com certeza não era do condutor que morreu carbonizado nele. Porque se fosse, teríamos o registro no departamento de trânsito e saberíamos o nome do falecido.

- Poderia ser... alugado?

- Exato! Foi alugado... mas roubado logo em seguida pelo condutor que morreu no acidente.

- Como souberam disso.

- Buscamos, no tempo, pelo chassi. O carro pertencia a uma empresa de locações e Peterson era o nome do locatário. Encontramos o cara logo depois do acidente. Os oficiais da cidade de origem do veículo tinham um Boletim de Ocorrência registrado pelo roubo.

- Hum! Obrigado! – comprimiu os lábios.

- Ajudei? É só conferir nos nossos arquivos o tal acidente.

- Eu já dei algumas olhadas e agora você me esclareceu mais um pouquinho daquele quebra-cabeça – sorriu de viés e foi se retirando para o lado do seu automóvel.

Bem, agora era filho de um ladrão de carro. Teria uma justificativa para seu pai roubar um carro? Claro. Fugir com

a família. Ir para longe de pessoas ruins. Manter o filho e esposa longe de malfeitores. Teria um motivo muito relevante para fazer algo do tipo. Afinal, seu pai deveria ser uma ótima pessoa. E sua mãe a mais amável das mulheres.

O coração de Miguel batia forte e emocionado em pensar em seus pais. Dava partida no carro e relembrava os bons momentos em que vivera naquele orfanato. Apanhar e ser castigado não fora muito necessário a ele. Para os meninos mais rebeldes aquilo era o purgatório. Para Miguel não.

O carro ganhou a rua e o pneu gritou na saída levando os olhares dos curiosos. O sargento acenou com a mão e na outra esquina apontava uma ambulância. A que levaria Joyce para cuidados médicos.



Capítulo XXI

TRÁFEGO INFERNAL

Miguel percorreu compridas avenidas com a imagem da amiga na cabeça. O ser sinistro passara perto demais dessa vez. Foi longe demais. O próximo encontro quis ter certeza no coração de que acabaria com aquela criatura nem que fosse a última coisa que pudesse fazer na vida. As ruas se encheram de carros. Os semáforos conspiravam contra sua corrida. Um vermelho. Dois vermelhos. Um foi ignorado pelo amarelo que apagava dando lugar ao vermelho. Olhava para os retrovisores de forma espantada. Parecia dar voltas sem sair do lugar. Uma névoa em pleno começo de tarde era mais do que estranho. Carros de menos cilindradas o deixavam para trás numa avenida de velocidade rápida. Buzinas o acusavam de estar muito devagar na faixa da esquerda. Balbuciou palavras desagradáveis e se colocou à direita. O que poderia estar ocorrendo com o motor potente de seu carro? Pensou em parar para observar o motor. Não entendia muita coisa de mecânica, mas deduziu que seria uma besteirinha qualquer que estava fazendo seu carro perder a consistência na avenida principal. Parou. Desceu coçando a cabeça. O acostamento foi improvisado em cima da calçada. Ergueu o capô e sentiu um cheiro horrível de carne esturricada impregnada em algumas partes. Matara um gato

dentro de seu motor. Muita cinza e poeira próximo aos rolamentos e correia. A avenida tornou-se um deserto silencioso acometido por um frio mórbido. Geladeira de necrotério o detetive conhecia bem. E o silêncio também. A brisa vinha do nevoeiro sinistro que avançava do fim da avenida para o subúrbio. Ninguém passava por ali. Ficaria a tarde inteira esperando ajuda para o carro? Não trouxera celular. Caminharia até o telefone público? Dali ele não via um sequer e não se lembrava quando passara por um. Estava sozinho no sereno que começava a respingar em seu rosto incrédulo. Suas sobrancelhas elevavam numa desconfiança de que estaria dormindo. Socou com violência o para-lama do carro e sentiu os metacarpos se fragmentarem. Ignorou a dor tremenda e com outra mão desceu o capô brutalmente sacudindo o carro todo. O barulho ecoou pela imensidão da avenida. Entrou no carro mantendo a mão fechada e aquecida ao bolso da jaqueta. A mão arrebitada era a mesma que outrora ficara dourada e cheia de poder. A tatuagem do pulso sumia, enfraquecia a cada pontada de dor. - Que poderá estar acontecendo comigo? - Pensava em voz alta. Estava longe. Bem longe do destino que o fez entrar naquela avenida. O orfanato ficava numa parte extrema da cidade. No subúrbio. Quase em outra cidade. Quase chegando à cidade em que moravam seus sogros. Tentou dar partida. Horrendo cheiro do gato queimado adentrou o veículo. Sua mão parecia inchar, porque era impossível o bolso estar diminuindo. Mil pensamentos e imagens eram inoculados em sua cabeça através daquele cheiro. Esposa e filha cheias de fuligem de algum incêndio; Joyce numa gaveta de necrotério; o ser fantasmagórico desfigurando algum conhecido com as enormes e pavorosas unhas; seu carro explodindo próximo à delegacia. Sacudiu a cabeça, Miguel, para despertar do devaneio. E, seu carro pegava depois de mais uma tentativa. O cheiro sumira estranhamente. O

nevoeiro dissipara. Os carros passavam normalmente ao seu lado. Seu carro ainda estava parado sobre a calçada. Perto de um poste. Havia fissuras neste poste. Forçou a vista para compreender os traços. Letra E. A letra era para ele. A letra E era para ele. Tinha convicção disso. Sua mão latejava e estava gorda dentro da jaqueta. O bolso mal continha a mão inchada lá dentro. O frio ainda estava presente e correntes de ar gelado entravam no carro. O fedor acabara, mas a mão doía pra burro. Pareciam adagas penetrando os tendões. Mesmo com uma mão, uma única boa, engatou a primeira e saiu da calçada. O trânsito estava bem moderado. Ninguém o infernou com buzinas. Sua mão pedia cuidados e analgésicos. Miguel queria respostas e pôr um fim no ser sinistro. Os semáforos foram favoráveis desde que voltou à pista. O lençol negro era avançado com muita velocidade. Logo os carros foram chegando. Disputando espaços no asfalto. Caminhões e carretas estavam distantes. Nunca o alcançariam. Noutro dia talvez não. Mas de repente num cruzamento. Um caminhão com carga inflamável. Alto risco, grande risco para todos que trafegavam por ali. Miguel tentou esterçar o máximo possível. Seu pé pregou no freio. Os pneus gritaram deslizando pela malha negra. Inevitável. Entrara na lateral do caminhão. O caminhão desgovernou e entrou num poste do cruzamento. O sinal estava verde para os dois. Foi a última coisa que Miguel viu. Depois, desacordado ou não presenciou o inferno. Chamas ardendo. Explosões. Chamas. Labaredas lambiam em volta de seu carro um líquido amarelado. Era delicioso, pois as labaredas gostavam muito. Chamas crescentes. E cadê o ser sinistro. Se fosse o inferno ele estaria lá. Calor insuportável. Imensa escuridão.

Muitos carros foram parando e bombeiros chegavam numa rapidez de se parabenizar. Juntaram dois e três em

cada mangueira de espuma e lançavam na base da chama. Chama esta que começava a meter a língua no carro de Miguel. Fumaças enegreciam o céu cinzento desse dia de outono. A chama não se cansa enquanto não vê o fim de tudo que se pode absorver, lamber e sugar.

Uma ambulância parou logo que conseguiram controlar a chama e retirar o detetive de dentro de seu carro. Sua jaqueta ajudara a não se queimar muito. Sua mão estava horrível. Desacordado o colocaram numa maca e ligaram o oxigênio para ele. Havia inalado uma proporção enorme de dióxido de carbono.

O caminhoneiro explicava para a polícia o ocorrido e fazia o teste do bafômetro. Logo o aparelho mostrou que o homem não apresentava índice algum de álcool. Fora percebido por ele, também, que o sinal estava verde tanto para a rua quanto para a avenida e daí o acidente.

Médicos cuidavam de Miguel dentro da ambulância e ela dava de sair dali. Deram injeções para conter a dor e enfaixaram sua mão depois de aplicarem uma pomada esverdeada.

M.I.G.U.E. faltava apenas a letra L para completar seu nome. Delirava o detetive.

- Falta o L. a letra L. Miguel... meu nome... – seu olhos rodeavam notando o interior da ambulância. E isso o arremeteu a pensar naquela vez que teve de fugir de uns assassinos que o pegaram fingindo serem paramédicos. – Deixem-me sair daqui. Quero sair daqui.

- Acalme-se detetive. O senhor precisa de alguns cuidados médicos – uma voz dócil e feminina rompeu no interior da ambulância.

- Verônica? É você?

- Não detetive. Meu nome é Brenda. Brenda Campos. E o senhor vai ficar bom logo, logo.

O detetive fechou os olhos e sentiu segurança na doce voz que o fez lembrar da de sua esposa. Por ora sumira as dores. Por ora descansaria. Por ora deixaria que o levassem para qualquer lugar. Apenas por ora. Até que seu poder se manifestasse novamente. Até que se recuperasse milagrosamente da mão ferrada. – Onde está minha arma? – Pensava antes de apagar. Escuridão. A chama ficou para trás. Inferno nunca mais.



Capítulo XXII

VISITANDO A AMIGA

Mais de quarenta e oito horas depois num quarto de hospital.

Tudo era um branco impossível. Aparelhos bipando para todo lado. Um ar sereno e fresco vinha com um suave cheiro de álcool. Cortinas brancas sacudiam próximo ao ar condicionado acima da janela fechada. A claridade de fora demonstrava o belo dia que fazia. O céu azul continha poucas nuvens. O sol não brilhava com esplendor porque ainda era um pouco cedo para isso. Bem cedo, ou nem tanto. Uma doutora de vinte e nove anos, no máximo, se aproximou da cama do detetive.

- Sente-se melhor?

Miguel abria os olhos como se suas pálpebras pesassem toneladas e meneou a cabeça de forma positiva. Havia reconhecido tal voz. A da ambulância. Uma bela doutora e muito dócil.

- Foi preciso sedá-lo, pois o senhor não parava na cama. Hoje poderemos te dar alta – ela fitou os olhos preguiçosos do policial e, - então, passarei aqui de novo lá pelas dez. Tome seu café da manhã direitinho!

Uma enfermeira negra e gorda acabava de colocar uma bandeja ao lado da cama. A parruda não tinha uma cara muito amigável e virou-se para sair. A médica saiu após a enfermeira.

Quatro biscoitos Água e Sal; uma fatia de pão com geleia de framboesa; um copo de leite e uma maçã. Foi devorado com uma precisão tremenda. Mal se sentara e já acabava com o líquido espesso e branco.

Uma garrafa de soro estava chegando ao fim e Miguel puxou a agulha que injetava em seu braço gotas demoradas de um líquido avermelhado. Avermelhado ou seus olhos é que estavam despreparados para enxergar as coisas. Um baque e fitou o vidro da janela. Uma pomba se chocara. E mais duas. A janela trincou de uma extremidade à outra. A quarta pomba varou o vidro e pegou um farelo de pão que caíra da bandeja de Miguel. Observou o policial e precipitou-se para fora farfalhando suas asas cinza. Cacos de vidro caíam um a um efetuando uma melodia descabida e atrapalhada. Ninguém entrou para ver o que estava acontecendo ali.

Miguel vestia um roupão largo e branco. Notou que estava sem cueca. Precisava de suas roupas. Precisava de sua arma. Foi para o corredor. Deserto como nunca esteve antes. Seus pés descalços vacilavam no chão gelado e uma tonturinha o fazia levar a mão à parede. Uma mão estava enfaixada, mas não doía. Chegaria até um telefone. Parecia um objetivo óbvio. O corredor nunca acabava e agora cruzava com uma pessoa de idade avançada que perambulava pelos corredores carregando um saco de soro em uma das mãos.

- Está querendo ir embora meu jovem? – perguntou o velho e pigarreou.

- Quero minhas roupas. E depois dar o fora daqui. Hoje é sábado, não é?

- Creio que sim meu filho. Minha esposa está internada na ala das queimaduras e só posso vê-la aos sábados – dava passos arrastados e conversava com o policial.

- Boa sorte pra vocês! E que saiam logo deste lugar.

- Obrigado filho! Seus pais devem estar orgulhosos de você. Você me aparenta ser um homem íntegro, audacioso e do bem – respirou fundo para retomar o ar. – Anos de cigarro acabaram com meus pulmões – pigarreou. E foi por um corredor do lado oeste do hospital. E – não perca sua família por nada! Viva por ela! Lute por ela! Vença o sinistro por ela! – o velho já estava um pouco longe quando citou o sinistro. Miguel não ouviu direito a voz fraca e rouca do velho que se distanciava.

- Senhor. O que faz aqui? – a enfermeira parruda o interrogou.

- Estou pronto para sair. Estou louco para sair. Tenho um encontro para uma possível reconciliação com minha esposa – ele olhou a enfermeira com lágrimas descendo no rosto.

- Sei que o senhor está de alta, mas não poderia deixar... antes da doutora Brenda... – a gorda olhou de um lado a outro e, - quer saber: vai por ali assine sua ficha na bancada com a Jaqueline e pegue uma roupa no armário que te sirva, pois as suas foram jogadas fora. Estavam queimadas ou chamuscadas nalguma parte. Pelo menos dá pra usar uma para ir embora.

Caminhou em passadas largas até o balcão de saída.

- A enfermeira... a doutora Brenda me deu alta ou me dará alta daqui a pouco, mas eu preciso sair o quanto antes. Espero que você me entenda, – pausou, - tenho um encontro inadiável!

- Você é o detetive Penedo?

- Sim, senhorita – respondeu à mulher loira do balcão.

- Ontem o coronel Arruda trouxe uma jaqueta, camisa, calça e sapatos para você. Ele te visitou bem de tardezinha.

- E se esqueceu das flores? – deu um sorriso e a Jaqueline sorriu exibindo o aparelho dos dentes.

- Pois é. Flor ele não trouxe, mas disse que isso iria substituir sua arma carbonizada – ela puxou de debaixo do balcão uma escopeta cano serrado calibre doze e algumas munições.

- Eu amo aquele cara! – riu novamente acompanhado pela mulher.

- Tem uma sala ali. Pode se trocar lá e deixe num cesto a roupa do hospital, por favor. Um cesto que você verá por lá.

- Muito obrigado, Jaqueline!

- Estou ao seu dispor! – sorriu de forma maravilhosa encarando o detetive. Tentou esconder a escopeta por baixo do vestidão. Mas o volume era considerável.

Miguel foi afastando do balcão dando um sorriso em resposta ao dela e se virou a dois metros dali, dando um encontrão num doutor de cabelos avermelhados e de cara carrancuda. Estava de plantão há quase dois dias, não era para menos aquela cara. Desculpou-se e prosseguiu para a sala onde pegaria roupas descentes. Andava com uma mão na frente e outra atrás, evitando uma possível elevação da vestimenta do hospital. Tinha quase certeza de que Jaqueline estava olhando-o enquanto seguia para o lugar que ela mesma indicou. Não deixaria o traseiro à mostra. Não deixaria mesmo.

Sua mão enfaixada parecia não estar tão ferrada como parecera minutos atrás. Uma comichão atormentou-o e o fez eliminar aquela faixa enquanto entrava no quartinho escuro e sem demora avistou uma sacolinha plástica com seu nome e outra sacola do lado com a respectiva jaqueta. Ligeiramente se despiu da roupa do hospital e vestiu as suas.

Colocou a arma de grosso calibre dentro da jaqueta e puxou o zíper.

Um grito de horror rompeu do fundo do corredor. O corredor que ficava o quarto onde Miguel estivera por esses dois dias. Tropel desenfreado começou ecoar sem direção. Uns corriam para lá. Outros voltavam de lá. Uma interrogação surgiu no pensamento de Miguel e ele apreçou-se no calçado e saiu da saleta. O horror estava estampado nos olhos de quem vinha de lá do fundo do corredor. Um arrepio subiu à espinha do detetive. Sinistramente o corredor ficou mais frio e sem vida do que comumente já é. Os leitos do hospital não estavam lotados como era comum, mas os berros não eram de pacientes, enfermos. Eram de enfermeiras e médicas recém formadas. Um pavor cresceu. Jaqueline acabara de ir ver o que acontecia no distinto quarto. Seguranças do hospital corriam para todo lado empunhando seus trinta e oito. Pandemônio geral assolou a enfermaria. Estômagos fracos vomitavam seus cafés da manhã pelo corredor após olharem para dentro do quarto. Eram dúzias de pessoas chegando, curiosos, pessoas de muletas, visitantes e plantonistas. O detetive avançava a passos lentos e precisos. Ganhando tempo para levemente abrir o zíper e colocar a mão no cabo do trabuco. Seu semblante foi enraivecendo ao distinguir o cheiro maldito que sentia cada centímetro que se aproximava da porta.

- Policial! Sou policial! Por favor, afastem-se! – alguns gritavam “deixem o detetive passar!”. Miguel meneava a cabeça e seus olhos afirmavam seu enfrentamento com o caos. Virou-se para a porta e lamentou a visão mais horrenda de sua vida.

Na cama onde estivera por dois dias estava escrito: “vim te buscar, mas só encontrei essa gostosura com jaleco branco”.

- Brenda?! – chorou o detetive diante da cena. A doutora que tinha uma voz doce e semelhante à de sua esposa.

Instrumentos cirúrgicos prendiam a doutora no teto. Sua blusinha estava retalhada expondo o piercing no umbigo e a letra L na altura do estomago. Letra gravada com um bisturi. Com certeza era com um bisturi. O corte era fino e ininterrupto. Mas, a face da moça fora esfolada por unhas. Unhas do sinistro fantasma que tem perseguido Miguel por esses dias. Da letra L gotejavam o sangue ainda morno e de maneira sobrenatural foram essas gotas que formaram a frase no lençol alvíssimo da cama. Duas tesouras estavam cravando o braço direito no teto. Cinco bisturis cravavam o outro braço. A fiação da lâmpada do teto fora puxada para baixo a fim de amarrar os tornozelos da jovem doutora.

Sirenes de carros de polícia chegavam lá fora. Um sábado de muito trabalho. Miguel ia saindo cabisbaixo. Fechou a jaqueta novamente escondendo a arma. Olhou para a mão que deixara de doer. Não estava, a mão, nem mesmo roxa e podia abrir e fechar os dedos sequencialmente de maneira natural. Uma brisa horrível e fria passeava pelos corredores do hospital gelando as lágrimas que saíam mornas dos olhos de quem pranteava a moça que tinha muita vida pela frente e fora horivelmente morta por um inimigo sobrenatural. Logo seus parentes estariam ali. Chorariam copiosamente. Mãe, pai, irmãos e namorado, ou noivo, ou marido. Miguel pensou em Verônica. Hoje às cinco da tarde teria um encontro com ela. Seu coração nutria uma imensa vontade de estar com ela e sua filha. Mas o ódio pela criatura que tem derramado sangue por dias efervescia suas veias como sal de frutas num copo d'água.

Chegou até o portão. Viu o coronel e lhe agradeceu pelas roupas. Sentou-se ao lado da viatura sibilante. O sargento entrou com três policiais. O cabo Valente veio após o coronel e parou perante o detetive.

- O senhor sabe qual o quarto da tenente Madureira? – sem jeito o cabo perguntou.

- É mesmo. Nem me lembrei que ela podia estar aqui. Esses dois dias que estive sedado me fez esquecer de que Joyce havia se ferido no confronto com – abaixou a voz – aquela coisa. Preciso vê-la também. Vamos lá! – se pôs de pé num salto.

Jaqueline estava perto do balcão de atendimento, mas não parecia poder atender ninguém, pois tamanho era seu abalo em dada situação do hospital.

- Moça, – disse o cabo. Ela levantou a cabeça e seus olhos despejavam rios de lágrimas. – Você poderia nos dizer qual o quarto da tenente Joyce Madureira?

- A policial está no bloco C quarto duzentos e três, terceiro andar.

- Obrigado! – meneou a cabeça o cabo.

Miguel passou por ela e afagou seus cabelos por ligeiros segundos.

- Vamos pegar o maldito que trouxe esse terror hoje aqui – e seguiu atrás de Valente que já chamava o elevador.

Em pouco menos de um minuto, os dois policiais, subiam para o terceiro andar.

- Duzentos e três – repetia Valente.

- Ali! – anunciou Miguel.

Era hora do almoço no hospital. E com a bagunça no andar térreo, isso atrasaria até a entrega de medicamentos aos pacientes. O ar sinistro arremessou contra a janela do fim do corredor um corvo de olhos vermelhos. E o baque chamou a atenção apenas de Miguel.

- Vai entrando que eu volto logo – disse Miguel seguindo o corredor e o barulho de vidro trincando ao enredo do

vendaval que se pronunciou naquele instante. E outra pífia criatura de penas socou a vidraça até que ela se estilhaçou em frente ao detetive.

Miguel colocou a cabeça para fora e arrebentou o resto de vidro que lhe impedia colocar a metade do corpo. No poste de eletricidade mais alto da rua avistou a figura sinistra de capa extravagante e negra esvoaçando ao sabor do vento gélido sob um céu cinza e tristonho. Os dentes amarelos da figura parecia se alargarem num sorriso satisfeito e ébrio. A teoria de que a criatura não se apresentaria em plena luz do dia havia se quebrado nesse instante. O sol era tímido sobre as nuvens cinzentas e espatifadas. O olhar funesto da criatura encontrou os olhos enraivecidos de Miguel e se encararam por uma margem larga de tempo até um nevoar negro passar pelo ser e o fazer sumir de onde estava. O detetive olhou para outros pontos altos da rua e nada encontrou. Sua mão direita começou a ficar dourada. Olhou para dentro de um quarto, entrou e pegou luvas cirúrgicas para esconder a luminosidade de sua mão.

Logo se dirigiu para o duzentos e três.

- Como vai minha parceira? – via que ela conversava alegremente com o cabo.

- Estão dizendo que não posso sair ainda, mas sinto que estou ótima. Pronta para aquela coisa que me pôs aqui!

- Vamos com calma Joyce! – disse Miguel pondo a mão no bolso e sua tatuagem latejava.

- Calma é tudo que se tem numa clausura hospitalar – tentou sorrir olhando para um soro que parecia estar no começo.

- Segunda você já estará de volta ao trabalho – Valente quis alegrá-la.

- Pois é. Fiquei sabendo do seu acidente e que ficou mais ferrado que eu – fitou o detetive que pareceu se encolher dentro da jaqueta marrom.

- Foi só uma fogueirinha de nada!

- Ah! Tá bom! Acidente de carro contra um caminhão de carga inflamável e já está de pé e com alta do hospital para voltar para casa e trabalho – Joyce elevava o tom a cada palavra e Miguel se comprimia como podia no canto do quarto.

- Saro rápido... eu acho!

- Desculpe-me levantar a voz meu amigo... é que não aguento mais esta merda toda!

- Sei como é.

O silêncio imperou por uns minutos e nenhum olhava para o outro e sim para baixo. Ela para o lençol sobre suas pernas. Valente para as mãos com os dedos entrelaçados. Miguel para o zíper da jaqueta.

- O sinistro matou uma doutora? – fitou o parceiro.

- Como sabe?

- Valente disse que a polícia veio aqui ver mais uma caso de morte com a face desfigurada. E a gente sabe que é aquela criatura que me atingiu no estacionamento do seu prédio.

- Tudo indica que seja o tipo de assassinato que se encaixe no perfil dos outros ocorridos nos últimos dias. Podendo ser feito por aquela figura.

- Com certeza é. Ele me meteu um medo lascado! Mas tive de enfrentar. Atirei. Acho! Não lembro direito. Puta merda que coisa era aquela?

- Do que vocês dois estão falando? – Valente tinha uma interrogação enorme diante dele.

- Acalme-se cabo. É uma estranha figura. Joyce e eu achamos que essa figura esteja por trás dos horrendos crimes de homicídios dos últimos dias.

- Você pode me descrever depois... para que eu fique atento, também! – disse Valente.

- Vai descendo que eu vou logo atrás e te conto o que ela e eu vimos.

O cabo se levantou e antes de sair deu um beijo estalado na testa da amiga hospitalizada. Encaminhou-se para a porta e sumiu das vistas dos dois que ficaram ali.

- Seja forte Joyce e mantenha isso contigo – retirou a mão com luva de dentro do bolso e buscou dentro da jaqueta o trabuco de cano serrado. Sua mão se aqueceu como se estivesse numa panela fervente. E a arma se aqueceu. Foi entregando à policial Madureira.

- Bela arma – ela esticou a mão para receber. – Ai! Está quente demais!

- Deve ser boa! Por isso está quente – riu da cara que a tenente fez. – Guarde debaixo de seu travesseiro. A criatura pode aparecer e daí você sabe o que fazer. Munições... tome-as – entregou as que estavam no bolso.

- Boa sorte! Tenha mais sorte do que eu, Miguel! – após ter colocado a arma de grosso calibre e as balas debaixo do travesseiro ela puxou a cabeça do amigo que estava inclinado sobre seu leito e lhe conferiu um demorado beijo. Beijo que ele deixou que ela tomasse conta.

- Obrigado! – ele foi afastando a amiga lentamente de si e se afastou um pouco da cama. – Hoje verei minha esposa...

- Toda a sorte do mundo pra vocês dois, Miguel.

- Agradeço de novo... e se cuide garota.

- Garota? A garota ficou para trás... tempo de faculdade

e academia policial – riram por um pouco e o detetive foi seguindo para o fundo do quarto que dava para a porta.

- Às vezes esqueço-me que crescemos – riu por mais um pouco de tempo e acenou ao sair do quarto.

Os passos do detetive foram sumindo pelo corredor e Joyce pegou a arma de novo e apreciava a maravilha. Era dourada. Não notou isso quando pegara da mão do amigo. Agora também não estava quente como estava antes. Calibre doze. Magnífica. Um arraso de arma! Estupenda destruição! Recoberta de ouro. Valeria uma nota! No momento em que maquinou o beijo, e efetuou-o, não prestara atenção que guardava uma arma de ouro. Apenas que era quente a ponto de queimar suas mãos. O beijo. Não correspondido indicava a ligação de alma que o amigo tinha com sua esposa. Ele era com toda a certeza do mundo o cara mais apaixonada que ela havia visto ou conhecido. Todos na Central dariam tudo para tê-la, menos Miguel seu parceiro.

Miguel! A esposa dele era sua vida junto com sua filha Annabelli.



Capítulo XXIII

PRESENTE IDEAL

Joyce sentiu seu quarto se encher de um cheiro peculiar. Já sentira esse cheiro antes, mas lutava para tentar se lembrar de onde. Sua cabeça deu inúmeras voltas. O teto girava mais que uma roda gigante. Uma enxaqueca atormentou-a. Levou a mão debaixo do travesseiro e agarrou o trabuco dourado. A arma reluzia. O quarto se encheu de luz ainda mais forte que a luz que vinha duma lâmpada do centro do teto. Joyce deu um pulo quando um corvo chocou-se contra a vidraça do seu quarto. O ar no interior do quarto se condensou numa gélida brisa vinda de não sabia onde. Macabra, sinistra, maligna corrente de ar. A porta que estava entreaberta após a saída do detetive fechou-se de repente num baque ensurdecedor. A maçaneta caiu. A tenente respirava profundamente. Seus pulmões não se acostumaram de imediato com o ar denso que adentrava as vias respiratórias. Um segundo corvo estilhaçou o vidro da janela. Os cacos tilintaram por segundos e caíram feito uma cascata de cristal.

Um silêncio tumular seguiu-se depois de uma forte corrente de ar que adentrou pela janela. Ali dentro fazia mais, muito mais, frio que lá fora. Um chiado se misturou ao uivo do vento. Não um chiado. Mas uma gargalhada doente e perspicaz.

- Olá docinho – grunhiu uma voz baixa e sinistra, como se viesse de debaixo da cama.

Joyce pulou da cama e foi parar próximo a um armário onde guardavam toalhas e gaze. A moça fitou a sombra da cama e nada de diferente foi notado. Seus ouvidos zuniam como se tivesse disparado uma arma próximo deles.

- Sem proteção do amigo! Sem família! Que mais de bom esperar da vida? – indagava uma voz esganiçada e carregada de infelicidade.

- Acabar com tua raça, talvez! Já seria uma boa coisa de se esperar dela – respondeu a mulher meio encabulada em conversar com as paredes. Devia estar ficando louca? Seu novo hospital seria um manicômio? Estava doente da cabeça?

Do outro lado da cama fantasmagoricamente foi surgindo uma figura de face esquelética; de olhos fundos e cintilantes como brasa; e de capa negra esvoaçante.

- Oi! Novamente nos encontramos. E com imensurável prazer ceifarei sua vida. Gosto de prejudicar o Miguelzinho... pena que não pude tocar em sua esposa desprezivelmente linda! – arrastava a fala e caminhava lentamente contornando a cama.

- Não encostará um dedo nele!

- Por mais que eu tenha tentado... realmente não tenho conseguido mesmo... por isso minha estratégia é acabar com seu círculo de amizade e assim poderei tocar mais fundo. Tocar no íntimo. O coração. Tá me entendendo? – riu sinistramente.

- Não dê mais nenhum passo! Eu te ordeno!

- Hua! Hua! Hua! Huuaaa! – o ser gargalhou tenebrosamente. – Muitos já me ordenaram... mas você não tem esse poder... não tem o conhecimento necessário para fazer tal coisa.

- Talvez isso aqui fale por mim – e apontou o trabuco dourado e o ser ganhou um semblante de seriedade em meio aquela face de pele escura e podre. Seus olhos chispando fogo pareceram reconhecer algo que poderia finalmente lhe machucar naquela arma.

- Ele te deu isso?

- Tá com medinho coisa feia!

- Sinto que ele está levando a sério demais as nossas desavenças... – engoliu o final da frase.

Blam!

Tiro certo!

Joyce disparou contra o peito magro e recoberto de um tecido que se assemelhava a trapos velhos. Tecido escuro que se misturava com o da capa esvoaçante.

O ser foi lançado contra a parede perto da janela. Uma nuvem de penas negras inundou o quarto. Como se tivesse disparado contra um bando de corvos. Um vento leve e gelado foi limpando o ar repleto de penas. Penas negras e fedidas por estarem chamuscadas encobriam seu leito e o chão outrora bege clarinho.

A policial andou desconfiada pelo quarto. Chegou perto da janela e viu o borrão escuro na parede que indicava que seu tiro foi bem sucedido.

- Em cheio!

O tiro arrebentou o peito do ser e ele desapareceu após ter sido jogado contra a parede.

A arma reluzia mais do que antes. Havia uma inscrição no cano dourado do trabuco.

- É latim! – identificou a policial.

E dizia: spes immotalis.

- Esperança imortal!

De fato a arma era magnífica. Onde Penedo teria encontrado tal arma? Toda em ouro. Devia valer uma fortuna. Pelo menos nesse momento não haveria dinheiro suficiente no mundo para comprá-la, pois era o objeto que conseguiu causar tormento naquela coisa cheia de dentes finos e amarelos.

O soro pingava suas últimas gotas no chão. Joyce nem percebeu, quando o garrote do soro havia se arrebetado. Provavelmente no momento em que pulara da cama ele escapulira do seu braço.

A tenente levou a mão ao braço e retirou a agulha que mantinha a veia aberta. Um fio de sangue desceu por seu braço imediatamente. Uma linha vívida e escarlate gotejou depois de deslizar pelos dedos médio e indicador.

Uma tonteira tomou conta da mulher e ela desabou sobre as penas pretas amontoadas debaixo da janela. Por ora o chão estava mais fria que o ar de antes. O ar sinistro não preenchia mais o local. A arma estava quente. Brilhava como uma lembrança do resplendor do sol. Era mágico. Joyce caiu desajeitada sobre o trabuco e instintivamente abraçou a arma querendo se aquecer com ela. E conseguiu se aquecer abraçado a ela. Sempre se deve abraçar a esperança. Principalmente quando ela é eterna. O cheiro horrível das penas chamuscadas não a perturbava mais. Um sono. Descanso.

Capítulo XXIV

UM ENCONTRO

O detetive pegou uma carona com uma viatura. Sua cabeça viajava por situações que esbatiam seus pensamentos primórdios. Segurança de sua esposa, filha e amigos. Joyce estaria segura? A arma que deixara com ela seria suficiente para um confronto com aquela coisa fétida? Não sabia responder a nada do que pensava. O caminho parecia mais longo que o normal, ou o cabo Valente não gostava de enfiar o pé no acelerador. O silêncio era um convite para escabrosos pensamentos. A loucura trucidava o otimismo levando Miguel aos embalos negros e as gralhas carnicieiras que evocavam o medo aparente por esses dias. Não podia dizer nada sobre o que passava em sua cabeça, se não, sua próxima parada com os amigos policiais seria uma camisa de força e um sanatório. Enquanto o carro embalava numa avenida de alta velocidade via no céu cinzento onde o sol não tivera a coragem de aparecer centenas de gralhas e corvos negros.

- Você consegue ver aqueles pássaros? – perguntou como se aquela visão pertencesse apenas a sua loucura.

- Urubus? Sei lá. Eles voam tão alto. Não sei nada de bichos de pena – atentou-se ao caminho de extenso asfalto, ruas limpas, quase sem tráfego naquela tarde de sábado.

- Próxima à direita, cabo.

- O senhor é quem manda... – olhou para os retrovisores e foi virando, - Detetive.

Não demorou e o detetive anunciou apontando o dedo para a sua residência. O carro foi parando gradativamente, sem pressa alguma. O cabo estava em serviço e o detetive por ordens médicas só voltaria ao trabalho dali a uns cinco dias. Um bando de pássaros negros grasnava sobre os fios de um poste na mesma rua em que Miguel morava.

- Precisando de alguma coisa, detetive, é só nos chamar.

- Obrigado – meneou positivamente a cabeça e fechou a porta da viatura. – Vê se faz umas visitas a tenente sempre que passar lá por perto do hospital.

- Aquilo tá uma loucura depois do assassinato da doutora. Então, policial é que não vai faltar por lá. Mas, pode deixar que ora ou outra, eu dou uma chegadinha lá para fazer uma visita a nossa colega – omitiu que seria ótima tal ideia.

Despediu num aceno, a mão ainda enluvada por estar brilhando como uma peça de ouro eficazmente polida. As gralhas grasnavam ferozes sobre os postes e fios de alta tensão. Deu as costas para os pássaros e entrou em seu prédio apressadamente. O vento cortou o ambiente num frio sinistro e sem paciência para elevador, Miguel subiu numa correria tremenda os degraus até seu décimo sexto andar e entrou em seu apartamento esbaforidamente.

Precisava de um carro imediatamente. Consultou as páginas amarelas da lista e ligou para uma locadora de veículos. Não demorou para conseguir um carro possante, muitos cavalos de potência, que o funcionário da locadora traria em menos de vinte minutos até sua residência.

Aproveitou esses eternos vinte minutos para colocar alguma coisa no estômago. Vasculhou como um cão faminto seu refrigerador e pegou um litro de iogurte e duas barras de

cereais. Sentou de frente à TV e ligou num jornal local que mostrava o homicídio da doutora Brenda. Os olhos de Miguel encheram-se de lágrimas e sua tatuagem latejava. Retirou a luva de látex da mão dourada e pensou em buscar sua luva de couro que estava numa gaveta da cômoda. Acabou com o litro de iogurte e dilacerava os derradeiros pedaços da barra de cereal. Mastigando brutaemente a mistura de aveia, mel, passas, flocos de arroz e canela. Ele entrou no quarto e revirou a gaveta que continha gorros, cachecóis e luvas. Pegou as de couro, luvas marrons, quase tinham a tonalidade do marrom da jaqueta. Não tinha mais nenhuma arma em casa. Pensou em pedir alguma para o coronel Arruda. Apenas pensou, pois para onde ia agora não precisaria de arma. Eram duas e meia da tarde. Mais uma hora e meia e estaria no lugar onde encontraria sua esposa. Chegaria ao local de encontro antes dela. Esperaria mais uma ou duas horas plantado naquele lugar e isso não seria problema nenhum. Às cinco. Estava marcado. Verificou a secretária do telefone e nenhuma mensagem se opôs ao seu encontro. Isso lhe garantia o encontro. Havia apenas comerciais de cartões, malditos cartões de crédito. O porteiro anunciou a chegada de seu carro. Um sedan prata estava em sua vaga de estacionamento. Não precisou descer para receber o carro, o porteiro o fez. Não precisou enviar um cheque ou dinheiro vivo, porque passara o número do, agora, bendito cartão de crédito. Então, sobrou um tempinho razoável para Miguel se esticar no sofá e cochilar com o som da TV anunciando um filme de ação no horário nobre. Ignorou o grasnar dos pássaros negros do lado de fora de sua sacada. Sua pálpebra pesou e dormitou o detetive. Não houve sonhos e nem delírios. Uma hora e meia de descanso. Parecia o céu. Paraíso. Sua esposa e filha. Sentia-se feliz. Elas estavam por perto e seguras, ou pelo menos seguras ainda que não por perto.

Um baque. Sons de trincas e estilhaços.

Malditos pássaros! Infernizando o silêncio do descanso. Atormentando os ouvidos que se deliciavam com o som baixo da TV num programa musical de calouros bem afinados.

Caminhou, Miguel, até a sacada e encostou-se ao peitoril. Os olhos cintilantes das aves não o amedrontaram.

Voltou-se ao relógio da sala e preparou-se para descer. Deu as costas para os pássaros. Nenhum corvo o impediria de avançar! Nenhuma gralha! Nenhuma pomba! Nenhuma seta de fogo!

Desceu pacientemente andar por andar dentro da caixa chamada elevador. As luzinhas do painel faziam uma contagem decrescente dos andares e ele observava tudo com apreço e sabor. Oito, sete, seis, cinco, quatro... Parecia que os minutos cantavam um rock e os segundos um hardcore. E, encaminhou-se até o estacionamento. Admirou o sedan, pegou a chave com o porteiro e entrou naquela máquina magnífica. Girou a chave e o ronco do motor acelerou seu coração. Compraria um daquele na primeira oportunidade, com certeza. A beleza ganhou as ruas sob os olhares dos pássaros. O céu cinza tinha ficado mais denso. O sol não apareceria naquele dia. O carro virava a primeira esquina. Lanternas e faróis avançavam pelo cobertor negro do asfalto.

Ruas e ruas atravessadas. Avenidas não muito cheias. E chegaria ao local do abençoado encontro.

Ela voltará para casa amanhã! Ela voltará para nosso lar! Deus queira! Ele quer! – pensava Miguel embalando o carro por um retorno antes de chegar ao local.

Desceu do carro e observou o céu. Não importa as nuvens. O sol está lá! Não importa os problemas. Deus está lá! – pensava.

Sentou-se a uma mesa de frente com a rua. Próximo ao parque onde perdera uma pessoa especial. Fora um dia incrível e inesquecível. Ativara naquele dia sua velocidade sobrenatural. Pulara. Voara. Sentira uma energia e força descomunal. Olhou para a mão, com luva de couro, mas ela formigava energeticamente. Sua tatuagem latejava e o desenho brilhava. Miguel fazia de tudo para não usar a mão direita, pois se a manga da jaqueta se elevasse um pouco revelaria o sinal radiante no seu pulso. Puxava a cadeira com a mão esquerda. Pedira uma garrafa de refrigerante de cola e servia-se com a mão esquerda.

No fim da rua um cenário se formava. Aves negras se amontoavam nos fios de alguns postes.

Muitos minutos depois, porém antes das cinco da tarde, um ônibus parou no ponto mais próximo. Detrás do coletivo surgiu uma mulher bem vestida. Com andar elegante. Olhar envolvente e passos confiantes. A brisa fria elevava seus cabelos castanhos levemente cacheados. Seus lábios com brilho adotaram um sorriso amável.

- Verônica! – palpitou forte o coração do detetive. Nada roubaria aquela majestosa visão. Nem todos os pássaros do mundo ou sombras do mal.

- Você está com uma aparência ótima Miguel – chegou a mulher e ele puxou uma cadeira para ela. – Você está se alimentando direito pelo que estou vendo!

- Refrigerante, fritas, hambúrguer e iogurte fazem milagres – sorriram juntos. – Você está linda!

- Você... algo em você está mudado. Cria que você mudaria. E mudou! Algo que não consigo identificar, mas vejo em seus olhos. Confiante, seguro, maduro...

- E apaixonado – ele a fitou e ela ficou ruborizada.

- Assim eu fico encabulada, Mi.

- Não fique meu amor. Não teve um santo dia que não pensei em você e Annabelli. Mesmo em dias de trabalho sufocante atrás de um assassino em série, quando me retirava para casa meus pensamentos buscavam vocês duas.

- Deixei nossa filha na casa de minha irmã. Pegarei amanhã, pois segunda-feira, eu tenho de levá-la para a creche.

- Quando voltarão?

- Voltar?

- Isso. Voltar para nossa casa.

- Bem... não sei o que está havendo... ou o que houve comigo, conosco... não consigo ter certeza de nada. Trabalhar e olhar a nossa filha na parte da tarde tem sido uma experiência diferente...

- Outra pessoa?

- Que,... ? Namorado? Não. Ninguém mesmo.

- Então?

- Complicado... – respirou fundo, a mulher.

- Por que eu não vejo complicação?

- Será que é porque você era tão desligado para faltar datas importantes para nós. Aniversários e coisas do tipo. Ainda por cima levar trabalho para casa ou seu corpo esbagaçado – lembrou-se da horrível cena de Miguel com o braço destruído quase que completo.

Os pássaros se aproximaram e grasnavam sem parar.

- Milkshake de morango, por favor – disse Miguel quebrando o silêncio após a fala da mulher. – Seu favorito!

- Sim. E um sanduíche natural.

- Sanduba natural, garçom! – levantou a mão direita.

- Relógio novo?

- Ah! O brilho? A não... quero dizer... deixa pra lá! – escondeu o braço entre as pernas e levou o copo de refrigerante à boca com a mão esquerda..

- Relógio com um mostrador bem iluminado esse, heim?

- Baita relógio – sussurrou o detetive e bebericou o refrigerante mais uma vez.

Comeram e beberam visualizando a rua cheia de pedestres e motoqueiros que chegavam ali para tomar uma bebida e comer algum lanche. Logo a lanchonete estava abarrotada de gente e as luzes dos postes iam uma a uma acendendo. Passava das seis. O dia inteiro fora escuro pelas densas nuvens cinza. Escureceria mais rápido que um dia de sol. Isso era certo.

- Preciso ir. Ônibus é um saco!

- Eu te levo! Se você quiser?

- Ainda não. Deixe-me digerir esse nosso encontro. Gostei deste novo você – ela segurou a mão de Miguel. A direita. – Por que esta luva? Não está fazendo frio. Bem, apesar de o vento às vezes soprar gelado, mas frio não. Não é um exagero?

- Uma coisa estranha na mão... acho que é irritação! Nem ligo para o frio – fez cara de bobo.

- Procure um dermatologista então, Mi – olhos amáveis e preocupados expressaram-se nela.

- Procurarei. – O silêncio. – se você vier me encontrar aqui... no sábado da próxima semana... – gaguejou, - traga a Annabelli. Ou venham vocês duas de uma vez para nosso lar.

- Não prometo nada. Mas pensarei com muito carinho. Só não queria que nossa filha visse o pai buscando a morte e chegando em casa todo esburacado de balas. E preferindo a morte a vida com os seus – as palavras de Verônica foram

duras e consistentes. Miguel ficou cabisbaixo e sabia que ela estava correta.

- Meu trabalho é perigoso e você sabe meu amor.

- Mas você passa dos limites, Mi. – O silêncio.

Um casal na mesa de trás começou a se beijar. Verônica se desconcertou e foi para a calçada. Miguel a seguiu.

- Até outro dia!

- Dê um beijo na Annabelli por mim.

- Darei – a mulher não olhou para trás. Atravessou a rua e um ônibus virava a esquina. Não demorou e a condução foi parando para as três pessoas do ponto.

Miguel, estático, olhou o ônibus entrar numa marginal e sumir atrás de alguns prédios. Seu coração ficou contente por ter visto aquela magnífica mulher. Sua esposa. E nutriu um tímida esperança de que ela voltaria para o lar o mais breve possível. Talvez um sonho acordado. Esperança! Amiga da fé.

Tudo escuro. Céu negro. Noite. Solidão abraça muito mais apertado que qualquer companhia. Seja de amigo, de amante, de amores. O frio abraça forte os solitários. Nada pode aquecê-los.

Miguel pagou a conta e entrou no carro. Agora percebeu que o carro tinha som. Ligou em uma FM qualquer. Um som de guitarra gritante, acompanhado por um contra-baixo e bateria evocava um heavy metal de arrebentar os ouvidos de quem não gosta desse tipo de música e um vocal rouco fazia sua cabeça se movimentar para cima e para baixo. Os olhos castanhos de sua esposa estavam emoldurados em sua retina e o cheiro do cabelo castanho e esvoaçante dela parecia calado em suas narinas.

Entrou em uma rua após outra.

Parecia sem direção.

Deu voltas imprecisas. Contornos que lhe fizeram passar duas vezes pelo mesmo lugar.

O importante eram os pensamentos que viajavam em sua cabeça. Ignorou o latejar da tatuagem e o formigamento da mão direita.



Capítulo XXV

O BELO SONHO

Chegou a seu apartamento depois de vagar e perambular gastando todo o combustível do carro. O tanque na reserva. O carro no estacionamento. Era meia noite. Subiu absorto em seus pensamentos. Tirou as luvas e colocou-as no bolso da jaqueta. Sua mão iluminava o caminho como se fosse um objeto fluorescente. Adentrou e bateu a porta atrás de si. Pulou no sofá e não deu a mínima para a janela com seu vidro quebrado. O vento frio entrava num sopro espectral. Viu sete pássaros empoleirados na janela. Apontou o dedo para a janela. Piscou demoradamente de sono, ao abrir os olhos eles haviam sumido.

O frio, a solidão, a dor, os pássaros, o ser sinistro, todos desapareceram de sua consciência. Adormeceu e sua mão brilhou como uma chama de uma fogueira que aquece um escoteiro acampante de floresta.

Houve um rio neste lugar onde pisava neste instante. Agora só restava uma areia fina torneando uma vala e essa vala serpenteava no infinito de um vale rochoso. Uma placa indicava que alguém havia dado um nome a este rio. Fluvius spei. Miguel não sabia o que significava. Mas caminhou ladeando a vala achando que aquilo que fora um rio daria em algum lugar, melhor do que ficar parado é caminhar. De

nenhum lugar para lugar algum. Dane-se, parado é que não podia ficar. Tentou correr e a terra árida o fez cansar muito antes de contornar a terceira curva do rio. Sua pegada era desmanhada a partir da próxima pegada. Ninguém podia deixar rastros por ali. Ninguém viveria por ali. Um local deserto e sem água. Nada poderia sobreviver neste vale. Será que algum dia aquilo teria sido um vale verdejante? Aquele rio algum dia teria tido água e peixes? Não sabia fazer outra coisa que não fosse andar e indagar sobre as situações em que vivia. Muitas pedras foram encontradas pela frente. As rochas alteavam sobre as planícies próximas. Umas se inclinavam num aspecto de ondas. Uma bola de fogo escaldante no centro do céu causava ardor na pele. A sombra das rochas altas era a saída para um momentâneo refrigério. Miguel caminhava sem parar. Usava uma camisa branca de mangas longas. O suor ensopava a camisa e a cada passo ele soltava um botão. Não demorou a estar com ela toda aberta. Por que o rio tinha um nome? Por que um nome que ele não saberia o significado? Era um caminho árduo sem uma sombra descente. A areia ofuscava a visão pelo brilho estonteante do que parecia ser um sol.

Sentado numa pedra havia uma figura. Um velho de chapéu.

- Olá! Senhor? – foi se aproximando do velho. Calça cheia de remendos; cinto de couro surrado e de cor crua; chapéu de palha; descalço; e camisa xadrez.

- Diga jovem andante.

- Onde dará esse rio seco?

- Ele não está seco.

- Como? Eu estou vendo que ele está seco – chegou perto e levou a mão até a areia e pegou um punhado. – Veja!

- Aparência! Não deixe se levar pela aparência das coisas meu jovem. – O velho aparentava uma idade muito

avançada. Desceu da pedra com um pulo espantoso e foi caminhando até a margem do rio. Lentamente, mas não decadente.

Miguel observou o velho se abaixando à margem seca do rio. Já não era um velho, mas um menino de doze anos. Que pegava do rio com a concha da mão um bocado de água límpida. Bebia exageradamente e derramava pelos cantos da boca ensopando a gola de sua camisa. Trajava uma calça curta nas canelas; camisa surrada, rasgada de cor crua; e estava descalço.

- O Rio da Esperança. Se você está caminhando seguindo ele é porque acredita que dará em algum lugar melhor do que onde estava. – O olhar amável do menino pousou sobre o detetive. - Um passo correto.

- Ainda não vejo água! – Miguel correu os olhos pela vala do rio.

- Verá. Você tem o potencial que fará brotar água – o menino sorriu e começou a riscar o chão com uma pedra. Os sulcos na terra pareciam formar palavras, palavras que Miguel não conseguia entender ou decifrar. Nomes? Símbolos? Palavras? Sabia-se lá.

- Sabe onde posso chegar com tudo isso? – ainda olhava os escritos na terra macia.

- Sei. Sei de onde veio e para onde vai – agora o menino era um homem de voz potente, mas serena. Fitou o rapaz com um olhar profundo e amável. Ficou de pé. Vestia uma calça comprida de barras dobradas; cinturão com a fivela de ouro; camisa de mangas dobradas na altura do cotovelo; calçava sandálias de correias de couro; seus cabelos escuros e compridos eram espatifados por um vento cálido que vinha de entre as rochas. Ventos orientais que traziam fragrâncias de flores campestres.

- Vou caminhar até encontrar a água para matar minha sede. Não irei parar e nem buscarei atalhos. Caminharei ao lado do rio todo o sempre para encontrar a água necessária para mim.

- Por isso este rio tem o nome que tem – a voz trazia um tom gentil e poderoso. – Continue meu jovem! Não pare! – olhou para o horizonte belo com um olhar austero.

Miguel meneou a cabeça positivamente e voltou a caminhar ladeando o rio. O homem ficou para trás. A conversa parecia ter sido uma oração. daquelas que poucas vezes tentou fazer na vida. Não desistiu de ladear o rio e focar na parte funda. Ansiando pela água. Parecia que caminhava há horas e o sol não arredava do centro do céu. O calor era quase que insuportável não fosse por uma brisa que ora ou outra percorria entre as rochas. Resolveu ajoelhar à margem arenosa de certo ponto do trajeto. No horizonte sumia o vale de onde veio. E à frente sumia o trajeto que faria se fosse preciso. Com a língua seca apegada ao céu da boca, ajoelhou-se e esticou a mão direita até tocar a areia fina no fundo do rio. Sentiu seus joelhos molhados. Abriu um sorriso. Puxou a mão em forma de concha trazendo um líquido precioso. Bebeu. Delicioso. Conseguiu beber do Rio da Esperança. Aquilo era demais. Riu muito e jogou água no rosto dando brados de alegria e satisfação.

Amanhecia no sofá. A claridade das sete da manhã era boa. Seu estômago exigiu algum alimento. Sentia um vigor inexplicável. Água deliciosa! Que sonho! Magnífico! Torceu para que a água do purificador da cozinha fosse tão boa ou sabe se aproximasse daquela que bebera em seu sonho. Presunção. Demasiada! Boa, mas simples água foi a do purificador.

Lar dos Pequeninos de Santa Fé veio ao pensamento de forma lancinante. No dia do seu acidente o orfanato era o

seu destino. Iria nesse dia após o café da manhã. Domingo era dia da missa na capela do orfanato. Torcia para encontrar o padre Jerônimo. Lembrava do dócil velhinho que hoje teria uma idade bem avançada. Quase cem. Sorriu ao lembrar do padre corrigindo um grupo de moleques que jogaram os dois gatos dele no poço. Uma semana sem café da manhã e uma varada na perna para aprenderem a se afastar das coisas más e tomarem cuidado com o tipo de traquinagem. Era um homem bom! Amigável e conselheiro. Não se irritava facilmente e corrigia com muito amor a cada criança que estava debaixo de sua tutela.

Comeu um pão com patê de cebola e presunto. Bebeu suco de acerola e depois de passar pelo banheiro para ajeitar o cabelo e escovar os dentes calçou as luvas de couro, pois sua mão direita brilhava como o sol da manhã. A tatuagem latejava sistematicamente, se o brilho da mão aumentava o latejar diminuía.

Tenho de saber o que tem a ver o tal pacto que foi feito e se o padre sabe de alguma coisa! – pensava no que a criatura certa vez anunciara. Teria sido entregue em algum pacto e seus pais morreram por isso? Teriam morrido por não terem cumprido a promessa de entregar do filho! Por que fizeram tal besteira? Em que isso implicava para a perseguição da criatura sinistra? No orfanato encontraria algumas respostas? Apostava que sim! Pelo menos uma delas. Torcia por tal.

- Por que estou aqui? – olhou para a mão dourada calçada com a luva marrom. – Havia um propósito de carregar tal poder e talvez fosse o único a combater aquele ser fantasmagórico que tem assombrado a vizinhança.

Pegou a chave do sedan e disparou para o estacionamento. Esperou o demorado elevador para descer. Entrou no carro e viu o indicador de combustível quase zero. Verificou a carteira e agradeceu a Deus por possuir um cartão de crédito.

Encheria o tanque no primeiro posto que visse pela frente. Roncou o motor possante e cantando os pneus saiu disparado ganhando a rua deserta da manhã de domingo. Apenas alguns caminhavam pelas calçadas. Buscando pão para a família. Indo a feira ou ao açougue. Alguns iam para a igreja orar. Quando pensou em igreja e na oração lembrou-se do sonho que teve com um rio e um homem gentil.

Capítulo XXVI

NO ORFANATO

Parou num posto para reabastecer o sedan. Desceu enquanto o frentista fazia o trabalho. Era uma bela manhã com um sol convidativo para um dia de passeio. De fato este seria um excelente dia depois de dias cinzentos e de sol preguiçoso. Não sentiu nem uma corrente de vento sinistro. Nem as horríveis criaturas de penas negras. Sua mão dourada diminuiu a intensidade e a tatuagem quase que se apagou do pulso. Na loja de conveniência comprou vários pacotes de balas e pirulitos, não queria chegar ao orfanato de mãos abanando, vazias. As crianças iam amar aquelas guloseimas. Pagou a gasolina e as guloseimas com o bendito cartão. Entrou no carro e fez o monstro roncar gostoso pela potência daquele motor e rasgou o asfalto numa arrancada imprescindível. O carro ainda podia muito mais. Que maravilha! Alisou o painel do sedan como se ele fosse um cachorro de estimação que acabara de trazer o jornal.

A comprida via que percorria lhe trouxe os pensamentos recentes incluindo o acidente que sofrera por aquelas bandas. Passou o local exato do acidente e viu o rastro do acidente e o estrago que as chamas fizeram no asfalto e na calçada próxima. Instintivamente passou os olhos pelo centro do volante e sabia que se fosse preciso, no caso de acidente, o

air bag imediatamente entraria em ação. Sacudiu a cabeça por ter pensado em coisa trágica como um pessimista azarado e imbecil. Acidente era tudo que não podia acontecer, mesmo que aquela beleza fosse sua detoná-lo seria uma perda incrível. Era muita grana que valia aquela maravilha.

Sacudiu novamente a cabeça querendo embalar por outros pensamentos menos dolorosos ou desastrosos. Ultrapassou um caminhão e a sensação foi estranha. Não foi fácil sentir esse calafrio. O caminhão ficou para trás num piscar de olhos, pois o sedan era uma coisa de louco para correr.

Passou em frente ao colégio que estudara o ensino fundamental e se lembrou de algumas professoras dedicadas e das brincadeiras. Subiu certa vez na caixa d'água de pelo menos treze metros de altura. Foi incrível a vista de lá de cima. Tomou suspensão por esta travessura, mas talvez tenha sido esse o estopim para gostar de aventuras e livros de ficção, e o melhor, dali para frente imaginou que era diferente e hoje com toda a certeza do mundo sabia de que era um homem dotado de um poder absurdo e inexplicável até o momento. Cria que logo ficaria sabendo de mais uma faceta de sua vida que poderia lhe ajudar a entender seus poderes. Pacto? Surgiu na mente a palavra perturbadora. Realmente seus pais fugiam? De quem, ou de que fugiam? A ansiedade apertou o coração e o palpar tornou-se num tamborilar sem igual. Aquela criatura sinistra disse saber coisas que eram ocultas para ele até o momento. Padre Jerônimo era muito sábio e deveria acrescentar uma boa parte desse quebra-cabeça assustador e espectral.

A zona urbana foi ficando para trás dando lugar a uma comprida rua de asfalto ruim, as com calçadas trincadas e com muito mato crescido entre as trincas. Muitos terrenos baldios e de repente uma fila de mourões e arames farpados faziam a cerca para alguns gados malhados. Periferia. Parte

rural da cidade. A mais rural da cidade. Não demoraria a chegar. O orfanato passou a ser visto assim que subiu e desceu dois morros e passou por um mercadinho.

Os pneus cantaram quando Miguel freou em frente ao orfanato. O portão estava contorcido e enferrujado em muitas partes. As cercas de madeira apodreciam e eram comidas por cupins vorazes. Apertou a campainha perto da caixinha de correio. O sol brilhava no alto. Era quase dez e meia. Uma senhora, uma irmã, trajava-se de preto e caminhava arrastando uma perna. Uma velha irmã. Deveria ser tão antiga ali quanto o padre Jerônimo. Quatro crianças saíram para ver quem era o visitante. Sábados e domingos geralmente pessoas levavam donativos: roupas, comida, brinquedos, doces, etc.

O rosto fino e abarrotado de rugas mostrava os traços do tempo de serviço e dedicação daquela mulher pela vida dos outros. Cuidado e caridade, tudo em sua magnitude. Cabelo muito alvo; olhos castanhos escuros e atentos; era baixa.

- Irmã Georgina?

- Olá meu jovem! Que honra ser reconhecida por um belo rapaz. Então, é quase certeza de que você morou aqui com a gente – a voz calma da doce senhora arremeteu no interior do detetive um quê de nostalgia.

- Morei até meus seis ou sete anos. Eu sou Miguel. Lembra-se agora? – ele aguardava a um metro do portão que foi empurrado com força. Era um portão muito enferrujado e péssimo para abrir ou fechar.

- Lembro-me até mesmo de quando eu te trouxe. Eu era uma novíça. Hi!Hi! não nova como as que costumam chegar aqui, mas nova no serviço da caridade. Hi! Hi! – riu a senhora.
- Depois de não ter dado certo meu casamento, tomei a decisão de que meu serviço e minha vida seriam do Senhor. E a primeira criança que eu fui buscar foi você.

- Fico muito feliz e lisonjeado – agora, do lado de dentro do portão o detetive pegou a mão da senhora e deu um beijo. Depois acenou para que ela o deixasse empurrar o ruidoso portão.

- Obrigado filho! Vamos entrando – a velha indicou o caminho e uma noviça de dezessete anos no máximo, fitava o visitante.

- Estava me esquecendo... tenho balas e pirulitos no carro... você poderia? – ele olhou fixamente a menina de olhos azuis e rosto formosíssimo. A menina vestia-se de bege.

- Posso! – a menina mal abria os lábios rosados para falar. Belos lábios carnudos.

- Então nos faça esse favor querida – a senhora chamou a menina com a mão e ela veio pegar a chave do carro. As crianças que saíram para ver o visitante imediatamente rodearam a noviça. As crianças estavam loucas pelas guloseimas.

- Aqui está a chave... para abrir é só você apertar este botão e as portas destravarão... depois repita e elas se travarão. Obrigado... nov... – ficou sem jeito para chamá-la de noviça.

- Betina – a menina loira sorriu maravilhosamente. E os raios de sol pareceram acariciar aquele rosto angelical e fizeram as madeixas douradas brilharem de forma impar. Fulgura sem igual. E, uma fisionomia meiga e apaixonante.

- Obrigado novamente – sorriu para ela.

A senhora e o detetive se voltaram para a porta do casarão e deixaram as crianças fazendo festa com a noviça que lhes entregariam as balas e pirulitos.

O céu estava maravilhoso. Um azul magnífico.

- Vamos tomar um café. Temos broa... você ainda gosta?

- Amo! As daqui então são as melhores.

- A irmã Clara tem uma mão para essas coisas... Deus a abençoe!

- Amém! – estranhou a si mesmo em concordar dizendo amém. Fazia isso naturalmente quando era pequeno e agora parecia um pouco forçado. Mas gostou do som – Amém mesmo!

Foram se aproximando da grande mesa de madeira rústica. E puxou uma cadeira para a senhora e uma para si.

- Vejo que se tornou um ótimo homem.

- Talvez se eu fosse um pouco melhor... minha esposa não teria me deixado há algumas semanas – mudou o semblante e a irmã enchia uma caneca de metal esmaltado de azul com um café indescritivelmente cheiroso.

- Perdoe-me por fazê-lo mudar o ânimo querido – e foi servindo um generoso pedaço de broa.

- Não se preocupe irmã. Tenho fé de que em poucos dias ela voltará pra casa... é só um tempo. Eu dei várias mancadas e faltei em datas e momentos importantes para com ela e nossa filha. Annabelli – tirou da carteira uma foto da menina no colo da mãe.

- Elas são maravilhosas meu filho! Deus as trará de volta com certeza.

- Amém! – concordava com as palavras abençoadoras da senhora e a palavra amém parecia deixar as coisas mais próximas de um provável acontecimento. Sua mão não formigava e não estava dourada, percebeu, e quis tirar as luvas. Resolveu não fazer isso. A tatuagem ainda latejava timidamente. Ficou sem luva apenas na mão esquerda com a qual pegava o pedaço de broa.

Clara passou pela copa e cumprimentou-o com um aceno.

- Está ótima esta broa! – levantou o pedaço e a irmã Clara alargou um sorriso.

Clara estava preparando algum cozido para o almoço. E havia passado por ali com as mãos cheias de salsinhas trazido da horta dos fundos do terreno. E sumiu pela porta da cozinha. Era uma irmã risonha, obesa e de cabelo escuro e curto.

Pensou e por um instante resolveu tirar a luva da mão outrora dourada.

- Irmã... sabe alguma coisa sobre eu ter vindo para cá com isso? – encabulado esticou o braço para a velha observar. – Digo... quando eu era bebezinho.

- Eu cobri você naquele dia filho... e só retirei o lençol quando chegamos aqui. Uma enfermeira nos acompanhou, Jurema, ela te deu um banho retirando toda a fuligem do incêndio. Não constatou nenhum ferimento e te apelidamos de Milagre –riu sacudindo a caneca de café. – Ela disse que você tinha um sinal, aparentemente de nascença, no pulso direito. Ela passou um bom tempo naquela madrugada conversando com o irmão dela, o padre Jerônimo. E o dia seguinte foi o pior que já vi nesta instituição, o mais triste, depois da alegria de recebermos um anjo que escapuliu de um acidente sem nenhum arranhão, tivemos o mais triste... – a velha tomou um generoso gole de café.

- Que houve naquela madrugada irmã?

- Jurema voltava para o hospital e foi esfaqueada ao descer do carro no estacionamento do hospital. Ninguém viu ou ouviu nada. O padre perdeu seu último parente naquela manhã. Irmã dele. Amanhecemos horivelmente com aquela notícia triste por demais. E os bandidos nem levaram seu carro, aliás, não levaram nem a corrente de ouro que ela sempre trazia ao pescoço. A última coisa que a ouvi falando enquanto se despedia daqui naquela madrugada foi “avalie você mesmo e amanhã conversamos”.

Um arrepio foi sentido nesse momento da história. Miguel se contraiu na cadeira como se fugisse de um remédio ruim. Parecia que se esconderia debaixo da mesa com a próxima revelação daquele dia, do seu dia, do seu milagre, de sua sobrevivência miraculosa.

- A senhora pôde ver o corpo dela? – temeu a própria pergunta tamborilando a caneca com os dedos.

- Como disse... horrível! Lâminas a atravessaram e o rosto foi desfigurado... – um gelo percorreu a espinha do rapaz ao ouvi-la.



Capítulo XXVII

GRANDES REVELAÇÕES

Depois da conversa tensa a irmã Georgina o levou até o jardim e no passeio conheceu outras irmãs que trabalhavam no orfanato. Agora a velha senhora contava histórias que fossem alegres. Arrancava umas boas risadas do visitante, mas nada poderia apagar a sombra do ser sinistro deformando a irmã do padre Jerônimo. Passaram por balanças e gangorras reformadas recentemente. Por mais que as crianças se divertissem muito por ali, a tinta permanecia vibrante nas barras de ferro e balanças.

Passaram por uma mureta e avistou um parreiral do outro lado. Sorria e se alegrava em matar a saudade do lugar onde se divertira um bocado e se escondia das irmãs quando pequeno.

A conversa tomava todo o tipo de rumo, mas uma direção foi inevitável:

- O padre Jerônimo – viu os olhos da irmã se encher de lágrimas - ainda vive?

- Vive. Nos dormitórios dos fundos podemos encontrá-lo.

- Será maravilhoso ver aquele bondoso homem outra vez. Como anda a saúde dele? – maritacas gritavam na copa de uma frondosa árvore.

- Ele não diz uma palavra há mais de sete anos. No princípio da sua paralisia ele conseguia expressar algumas coisas com os olhos, mas hoje ele fixa seu olhar no nada e não o mexe para tentar ver quem fala com ele.

- Sinto muito!

- Querido... ele ficou daquele jeito de um dia para o outro... andou assustado por dias e dormia na claridade, de maneira alguma apagava a luz. E quando sem luz elétrica, deixava um lampião dando claridade à noite toda. Era lamentável ver aquele homem tão ativo e prestativo sofrendo naquele estado de nervos. Tomava muitos chás e calmantes para adormecer, por vezes, ainda acordava berrando com alguém... dizia que estava vendo um fantasma. Uma sombra! Sei lá! Pobre homem!

A irmã ficou quieta com seus pensamentos sem dizer mais nada e respeitou o silêncio do detetive que relembrava a figura imponente que era o padre Jerônimo bem antes de ficar em tal estado sabido pela irmã.

Passaram por uma porteirinha com muito cuidado para com a pintura fresca.

- Trabalho das crianças – anunciou a senhora dando um sorriso, pois a pintura começava em vermelho e terminava num laranja. – Eles misturaram todo o amarelo com o vermelho que trouxemos aqui... o importante foi que eles amaram trabalhar com as tintas.

- Eu também ‘pintava o sete’! – deu uma risada sonora e as maritacas pareceram o remedar.

- Toda criança saudável ‘pinta o sete’ – sorriu a velha senhora fazendo um sinal para que o detetive abrisse a porta de madeira maciça da casa dos fundos do terreno. Uma enorme edícula.

Na sala em que entraram se via objetos religiosos como cruzes, imagens, oratórios e rosários pendurados. Castiçais

e candelabros com velas acesas. Um frio passeou por perto do detetive, levando-o a fitar o local cheio de sombras tremulantes. Num pequeno altar estava um cálice grande, dourado, de frente a uma cruz.

- Não tem ido muito à igreja, não é meu filho?

- Desde que me casei com Verônica... nunca mais entrei numa. E ela era evangélica... até ela nunca mais voltou a frequentar os cultos... – entraram num corredor iluminado por lâmpadas fracas, bem fracas.

- Pois deveriam seguir alguma religião querido – ela o fitou com ternura e com uma maternal voz, deveras mansa.

- Boa dica irmã. Muito boa! – observava as chamas bruxuleantes das velas.

O corredor parecia interminável. Passaram portas e mais portas. Ali não havia a gritaria comum da parte da frente do orfanato, pois eram aposentos de noviças, irmãs e algumas adolescentes. Adolescentes que viveriam no orfanato até a idade de dezoito anos ou mais um pouco. Normalmente algumas dessas que não foram adotadas acabavam no serviço do orfanato e se tornavam noviças. Outras não, arrumavam um trabalho secular e quando podiam se autossustentar se mudavam dali. Por isso esse era o prédio mais tranquilo do orfanato.

Uma porta pintada de azul no fundo do corredor estava entreaberta. Chegaram e abriram com delicadeza. Entraram.

Nos quatro cantos do quarto havia um candelabro; na cama, no centro, jazia o velho padre; um oratório estava com um cálice e uma cruz; nas paredes azuis desbotadas estavam pendurados vários terços e um rosário enorme. Os terços eram todos azuis e a única janela era pintada de azul real. Pintura nova por sinal, esse o da janela.

Foi doloroso ver a situação do padre sobre a cama. As roupas de cama haviam sido trocadas recentemente. A barba do velho estava molhada de sopa.

- Desculpe-me irmã... não sabia que ele tinha visita... – correndo ela entrou. Era uma noviça morena de cabelos ondulados. Limpou a barba do padre e fez uma reverência ao visitante quando saiu.

Os olhos do padre se perdiam nas órbitas. Fisionomia pálida e os poucos cabelos espatifados sobre um travesseiro de penas de ganso.

O detetive foi avançando para perto da cama. A irmã foi para junto do oratório e se ajoelhou perante a cruz.

- Padre – chamou o detetive observando aquele homem de traços sofridos e rugas profundas, - gostaria de estar te encontrando numa situação diferente dessa; que gozasse de uma boa saúde... – encheu os olhos do detetive de lágrimas ao ver o sacerdote imóvel numa cama. - Perdi, eu sei, muito tempo para chegar a vir aqui para te perguntar sobre minha chegada nesse orfanato e sobre essa tatuagem que lateja de vez em quando – a irmã pausou a oração e virou-se para o detetive ao ouvir sobre a tatuagem.

Imperou um silêncio sepulcral naquele instante. Nem palavras do detetive. Nem oração da senhora Georgina.

Uma criança pôs-se a olhar pela fresta da porta semiaberta. Logo uma noviça veio pegá-lo pelos colarinhos – “é feio ficar bisbilhotando os outros, Tadeu!”.

- Miguel! – disse o padre depois do longo silêncio que havia se feito no quarto.

A irmã voltou o rosto para o oratório e balbuciou palavras desconexas. Ora dizia arcanjo Miguel, ora dizia meu filho Miguel referindo-se ao detetive.

- Milagre... Miguel... Milagre... – a senhora deixava fugir dos lábios a palavra concomitante ao nome Miguel.

- O ser que te aflige é um emissário que há muito deveria ter te matado – o velho o fitou espantosamente e ergueu-se de súbito.

- O sinistro?

- Um ceifeiro de almas que incansavelmente te procurava desde o nascimento e por esses dias o encontrou... – os olhos pareciam poder ver, nesse ínterim.

- Fiquei sabendo de tal pacto! Pode me dizer algo?

- Quebrado! Você não poderia ter nascido segundo o pacto... era para sua mãe tê-lo abortado segundo o acordo. As drogas os levaram, seu pai e mãe, a serem fugitivos pela extremidade sul do país. Roubaram, mataram e fizeram outras coisas terríveis para conseguirem chegar até aqui e o ceifeiro os perseguiu até que ela deu a luz a você. Escolhido! Você é um escolhido! E “poucos são os escolhidos”. Alkymia...

- Antigos cientistas que acreditavam na transformação de metal comum em ouro?

- Parecido com a sua situação. Você é um filho natural de homem, mas com uma dádiva divina como a crença da Grande Obra para os antigos alquimistas.

- Mas isto tem algum significado? – esticou o braço.

- Marca do céu... signum caeli... os únicos alquimistas que alcançaram seus verdadeiros atos alquímicos tinham esta marca. Transformariam em ouro os metais não nobres, fabricariam o elixir da vida duradoura e poderiam criar semi-homens a partir de técnicas escusas e deverasmente secreta até para o mais alto conhecedor das práticas alquímicas, – como se ignorassem o pacto, eles se atentaram à marca do

pulso de Miguel, - você foi o escolhido para obter a espada Vox Spei... isso muito te torna especial, muito mesmo! Não se esqueça. Pois, a caçada do ceifeiro irá até a hora que acabar com todos que você ama ou você acabar com ele. Você só poderá usar a espada quando sua mão ficar dourada...

- Sim... e a lenda da tal Pedra Filosofal? Se não me engano ela é que conferiria poder aos alquimistas – atentava para as palavras que saíam entre os lábios paralisados do velho. Constantes e vagarosos conjuntos de sílabas.

- Você é a Pedra, meu filho. A cada duzentos e cinquenta anos uma pessoa é a própria Pedra. Um filho natural de mulher empunhará a Vox Spei e essa marca te faz uma Pedra contra os seres malignos.

A irmã não teimou a olhar novamente para cena que se fazia atrás dela. Fechava os olhos e ouvia vividamente as palavras soadas ali. A voz fraca e rouca. Lenta.

- Onde encontro tal espada e qual sua importância?

- Somente ela pode acabar com o ser espectral. Outras armas, quero dizer, as normais, não causam dano algum...

- Joyce? – gritou o detetive que deixara a amiga no hospital.

- A mulher vive. A arma que deste a ela se configurou com sua mão dourada e creia que o espectro não volte a incomodá-la. O metal se transformou em ouro.

- Incrível! – olhou a tatuagem e disse: - Creio!

- A espada está onde você nunca pensou encontrar – o velho deu uma pausa assustadora, querendo que Miguel dissesse algo.

- Igreja?

- Correto. Na Igreja do Poder da Fé encontrará um pastor muito dedicado, e você deve conseguir dele algo muito difícil: no objeto mais caro ou de grande apreço estará a espada que usará contra o mal.

- Tentarei não me esquecer...

- Seja perseverante! Contra a criatura não deve haver erros primários. Antes, para obter a espada, quebre tal objeto de tamanho apreço e valor para a igreja e membros.

Muitas coisas ganharam os pensamentos de Miguel: instrumentos musicais; altares luxuosos; poltronas que mais se parecem com tronos; etc.

- Ele veio me assombrar há sete anos e não mais apareceu desde que fiquei paralisado... acabe com ele... – sua voz foi fraquejando. A irmã correu para beira da cama do velho sacerdote.

- Acabarei com a raça dele. Pode deixar comigo, padre.

Ambos fitaram o símbolo tatuado no pulso do rapaz: o circumponto que significa o metal nobre, ouro; e dentro do círculo dois triângulos, um de ponta para o outro, encontrando bem sobre o ponto do centro do círculo.

- Foi bom te rever... meu filho... minha irmã notou que você tinha uma marquinha no pulso e estudaríamos tal marca no outro dia... faríamos um estudo mais detalhado e me arrependo de não ter dado devida importância... e minha irmã não teve outro dia... covardemente não me envolvi no estudo dessa marca até oito anos atrás... e daí o ser sinistro veio tirar de mim o seu paradeiro e porque ele não podia te encontrar com facilidade igual faria com qualquer outro... e negando dar a ele uma pista sequer, vim parar nesta cama... – parou e suspirou dificultosamente. - Caminhe na fé! Mas, agora tá tudo revelado... você é a Pedra. Certa vez um Rabi Mestre dos mestres disse a um de seus discípulos: “Simão você será chamado Cefas, que quer dizer Pedro, que também significa pedra”. Não foi a toa que ele disse isso.

- Então, o apóstolo Pedro foi uma das Pedras?

- Singular, meu filho, pois a Pedra é uma, mas seus representantes é que mudam de eras em eras. Pessoas

fantásticas e dotadas desse poder são os que conseguem a Panaceia. Muitos já passaram pela experiência de ser curado por uma Pedra Filosofal e sem saber, atribuem os feitos à pessoa que lhe estendeu a mão ou lhe fez uma oração, ou simplesmente lhe preparou um chá.

- Incrível! Jesus foi uma Pedra?

- Rocha Eterna, dono de tudo, autor da Pedra... mas também conhecido como a pedra angular, ou pedra principal. E, desta vez você foi o escolhido – sua voz foi fraquejando e o olhar vazio pareceu fitar algo no alto do teto.

- Por isso Pedro curou muita gente quando moribundos simplesmente eram banhado pela sua sombra.

O velho contraiu os lábios num singelo sorriso.

- Atos dos Apóstolos cinco, versículo quinze. Há muito mais coisas, filho, mas o resto você mesmo encontrará as respostas... eu sei que você vai encontrar – assombrosamente puxou todo ar que conseguiu e deitou de volta ao travesseiro de penas de ganso. Fechou os olhos!

- Ele se foi – chorava a irmã.

- Eu lamento tanto – disse o detetive.

- Ele aguardou esse reencontro... ele queria te ver novamente, e viu. Então, agora você tem uma batalha meu filho. Acabe com a criatura e reconcilie-se com sua mulher!

- Obrigado irmã! Sua bênção? – olhou para a fisionomia serena do padre – a sua também padre? – levantou-se de um salto e saiu pela porta rapidamente.

- Deus te abençoe – respondeu a velha freira.

- Amém – achou que essa era a melhor palavra daquela manhã.

Passou pela noviça Betina e se deteve, a bela moça havia entendido sem que ele mencionasse palavra alguma. Entregou

a chave do sedan e de roldão foi chamar as irmãs mais velhas. Algumas noviças cuidavam das crianças no parquinho e no jardim.

Foi se dirigindo ao carro com uma rapidez espetacular. Entrou no sedan e ganhou o asfalto ruim cantando os pneus, espatifando os cascalhos e levantando muita poeira e fumaça.

Miguel elevou os pensamentos numa oração de agradecimento por ter conhecido uma alma tão boa, de simplicidade memorável e de um serviço sacerdotal notável.

O céu ganhava tons cinzentos. Bem diferente da manhã que fora de um céu azulado e convidativo para um passeio.

O vento assoviava e espatifava as folhas que as noviças haviam juntado perto do portão. O portão rude e enferrujado rangia pelo esforço de uma delicada mão que o empurrava. O vento socava as venezianas recém pintadas do casarão da frente, onde se instalava boa parte das crianças do orfanato.



Capítulo XXVIII

O MENSAGEIRO

O sedan possante avançava por estradas razoavelmente vazias, era domingo e isso não podia ser diferente. A tarde entrava e com ela nuvens assustadoras se escureciam demasiadamente no horizonte. O policial coçava a cabeça e pensava nas palavras do velho padre. Poucos minutos que esclareceram algumas coisas, menos o porquê do tal pacto. Pôde deduzir que deveria ser algo do tipo que pessoas desesperadas fazem, pois era um casal fugitivo por tantos crimes. Poderia passar um pente fino no sistema de registro da Central, mas não adiantaria por não saber os nomes de seus pais. Sobre os pais “apenas me deram a luz”, pensou, mas não posso deixar os que dependem de mim agora sem a proteção devida.

Apertou o volante e entrou numa via rápida. Suas mãos estavam ao ponto de partir o volante em pedaços pela força que fazia segurando-o.

De repente a rodovia se encheu de caminhões. Todos com produtos inflamáveis. Criaram em volta do sedan um paredão gigante. Confiantemente o detetive enfiava o pé mais fundo no acelerador e não se deixou abalar pela situação, embora tenha sofrido um acidente dias antes.

- Aquela igreja? Ela não! – lembrou-se que antes do casamento foram até lá e Miguel não tinha gostado nada da ideia de igreja... por ele casaria somente perante o juiz e ponto final. O pastor veio com história de curso de preparação e ele saiu nervoso daquele encontro. Seria, depois de tantos anos, o mesmo pastor? – tomara que não! – disse em voz baixa reprovando o pensamento. Se sua mulher fosse dar ouvidos àquela orientação do homem da igreja do Poder, seria: Verônica, não se case com esse homem! Deu risada dos próprios pensamentos.

Os olhos lacrimejavam nos pensamentos seguintes onde envolvia o semblante lindo de sua pequenina e o olhar encantador de Verônica.

Cortou um caminhão e agora podia ver a infinita guia e calçadas trincadas. O caminhoneiro meteu a mão na buzina ruidosa por causa da imprudência do motorista do sedan. Outros caminhões soaram juntamente num inferno de sons. Não se via outro carro na rodovia, apenas imensos caminhões e carretas monstruosas. Entrou com tudo numa marginal de asfalto ruim e freou desesperadamente quando uma velha com um carrinho de supermercado tentou atravessar a marginal. O sedan gritou nas quatro rodas, porem respondeu com exatidão à frenagem.

- Você é louco! Estais disputando corrida com alguém? Mais cuidado, rapagão! – o sotaque lusitano da velha era incontestável.

- Mil perdoes, senhora! – ele abriu a porta e a viu subir com o carrinho do outro lado da rua.

Engatou a primeira e continuou. Estava bem perto da igreja do Poder. Enfiou o pé novamente no acelerador como se não tivesse aprendido lição alguma por umas e outras que passara. O carro pareceu possuído por uma força mais terrível e multiplicado a potência por cem ou mil.

Desembestou-se pela marginal, por ora sem nenhuma anormalidade, mas quando uma curva não muito aberta se aproximou: tirar o pé do acelerador; reduzir marcha; cravar o pé no pedal do freio; puxar com ferocidade o freio de mão; nada disso deu resultado. Um estrondo! Ferro dilacerando latas. Pneus estourando contra barras de ferro. Vidros arreventados pulando sobre o condutor do carro. Aço se chocando contra aço atijando centelhas vermelhas. Um cheiro horrível de fumaça de borracha em menos de um minuto era sentida. O líquido inflamável amarelado se espalhava. Para-brisa com um orifício ensanguentado. O detetive foi lançado para fora do veículo. Trezentos metros à frente. O sedan incendiou-se completamente com estouros subsequentes. A chama crepitou depois dos estouros e estalos. Inflamava o carro e o calor insuportável aquecia a face do detetive desacordado. Fazia mais de dez minutos. O lugar parecia um deserto. O sangue que desceu da testa de Miguel secava sobre o rosto. Escoriações terríveis.

- Senhor! Eu não tenho celular, mas vou correr até o mais próximo telefone público para chamar o resgate. Deve ficar a duas quadras daqui. – era um homem robusto de trajas bem simples; cabelos espatifados e empoeirados; voz embargada; pele queimada de sol; podia ter mais de setenta anos, pelos traços na fisionomia. Mas, um homem cheio de vigor. O bigode cobria seus faltosos dentes.

- Espere! – disse o detetive pondo-se de pé. E fitou o sujeito inusitado. A dor tiniu em sua cabeça ao se levantar. Reparou a pá que o homem segurava e pensou furtivamente se ele dera um golpe com aquela ferramenta devido ao notável galo que surgiu no alto da cabeça. Que bobeira pensar isso! Parece ser um bom homem.

- Senhor? Repito: o senhor está bem? Espere aqui e eu vou chamar uma ambulância. – O velho demonstrou estar

realmente preocupado com a saúde do rapaz recém acidentado. – Seu carro já era! Meu senhor... – apontou os aços e ferros retorcidos encravados e inflamando numa imensa grade que cercava a parte lateral de um cemitério.

- Vou me recuperar logo... o senhor trabalha aqui? – fez uma pergunta óbvia e ficou sem jeito olhando ao redor dali. Sacudiu a cabeça e a visão se ajustava, e percebeu as lápides e tumbas grandes e pequenas em volta deles. – Quase que caio dentro de uma – sorriu de viés ao fitar uma cova recém preparada pelo velho coveiro.

- Siga-me e poderá se lavar no tanque dali. – Entraram numa rua ladeada de túmulos caindo aos pedaços e alguns poucos estavam em ordem e pintados.

O silêncio era quebrado pelo arrastar dos passos do coveiro e o crepitar das chamas a poucos metros dali. As nuvens cinza tornaram-se negras e pendiam no horizonte como uma cena de terror impactante aos espectadores de um cinema.

Miguel admirou a limpeza da ferramenta do velho coveiro. Limpa demais para uma tarde onde teria, com certeza, aberto algumas covas ou pelo menos um buraco que fosse. Uma boa parte do território do cemitério era coberta com um gramado falho e cheio de urtigas.

- Aqui. Detetive. Lave-se e pegue esta toalha que está na beira do tanque.

Miguel encarou o velho, mas não lhe dirigiu palavra alguma. Foi para o tanque e se esbaldou na água límpida e refrescante. Não quis perguntar como o velho sabia que ele era policial. Uma capela estava aberta e dali se enxergava o pequeno altar bem organizado e limpo, mas a atenção era tomada pelos pombos que sobrevoavam a capela. Não se deteve muito ao altar da capela e não conseguiu pensar num xingamento pior que “pombos piolhentos!”.

Pombos encheram o ambiente com um arrulhar tenebroso. Miguel lavou completamente o rosto e as feridas haviam se fechado. Sentiu falta do ardume que seria a água batendo nas escoriações profundas que tinha há pouco.

- Pombos?

- Sim... – respondeu ao coveiro que lhe fez a pergunta e pegava um tecido encardido e limpava a pá com muito apreço.

- Eles tem me atormentado... juntamente com corvos e gralhas...

- Os pombos não! Os corvos e gralhas comeriam sua carne se você não acordasse ali do lado do carro, a despeito disso os pombos te acordariam antes das aves carniceiras chegarem.

- Quer dizer que eles me ajudaram nalguma situação?

- Seus intensos momentos de sono, por exemplo... – os olhos do velho aprofundaram-se nos de Miguel, - eles fizeram à guarda de sua janela. Acamparam nos fios do lado de fora de sua residência e te acompanharam por muitos lugares. Mas os corvos estavam prestes a te lascar como um suculento bife.

Os pombos arrulhavam com todo o fervor como se tivessem cumprido seu papel, bem cumprido.

- Loucura! – agora notava a leveza do farfalhar das aves e o arrulhar em tom musical. Voavam para perto do detetive sem temê-lo.

- Filho. Apresse-se! – olhou com veemência nos olhos do detetive que parecia ter se perdido no tempo e nem parecia se lembrar da missão dada pelo velho sacerdote.

- Como sabe tanta coisa sobre mim? – o pulsou latejou e a mão foi ficando dourada.

- Pois eu sou o mensageiro que te tirou de dentro, hoje, do terceiro carro em chamas da sua vida – a voz do velho pareceu a mais amável de todas que se pode ouvir. – Um mensageiro. Anjo, como queira.

- Obrigado! Muitíssimo... – ia se abaixando numa reverência e foi interrompido pelo velho.

- Não se curve perante mim... sou apenas o mensageiro.. não sou nenhum Amo ou Senhor! Sou conservo seu, reverência somente ao Altíssimo. Siga seu caminho... a igreja está a três quadras daqui. Apresse-se. – Pausou e custosamente desembargou a voz... – sua esposa está se dirigindo ao hospital...

- Que é que tá acontecendo? Diga-me! – caminhou numa relva fina e bem tratada do lado o imenso tanque.

- Sua filha está muito mal faz quatro dias e sua esposa manteve segredo e agora que a menina piorou, ela veio até o hospital dessa cidade porque o de onde estava não tem a especialidade para o cuidado da menina. Verônica não teve coragem de te contar...

- Teve medo de que eu fosse atrás dela.

- Certamente!

- Devo ir ao hospital imediatamente...

- Errado! Deve empunhar a espada Vox Spei para o inevitável confronto. Sem a arma necessária você não fará muito por lá. Lembre-se das palavras do velho padre: onde estará a espada?

- Dentro de algo precioso para a igreja ou para o pastor dela?

- Bem lembrado. Então vá. – milhares de pombos que sobrevoavam o cemitério foram em direção ao hospital. Na direção norte.

O anjo voltou a limpar sua pá que tinha aparência de ter sido tirada da loja há poucas horas, mas insistentemente passava o trapo encardido. Não fitou mais o rapaz que ia saindo olhando enviesado. Alguns metros depois, voltou-se para o portão e disparou numa corrida prodigiosa e saltou sem nenhum problema sobre o portão de três metros e meio de altura. Sua mão queimava; a tatuagem latejava; e todos os arranhões haviam desaparecido; o enorme galo também sumira.

O anjo olhou o homem desaparecer numa esquina e sorriu amistosamente com um ar de confiança. Bateu a pá contra uma lápide e a ferramenta se tornou um instrumento de cordas douradas. Sentou-se sobre um túmulo e começou a tocar o bandolim num ritmo muito animado. Dezenas de pombos pousaram por perto para ouvir a música penetrante e alegre.

A aparência velha e decadente foi rejuvenescendo até a pele ficar como a de uma criança; os cabelos tornaram num dourado reluzente como se tivesse sendo banhado pelo sol; suas poucas vestes eram leves e esvoaçavam numa brisa celeste e impercebível aos terrenos; sua pele de trabalhador castigada pelo sol tornou-se num rosado como pele de bebê. Ele tocava e ascendia a cada acorde majestoso. Pombos foram subindo ao redor do anjo até às alturas das primeiras nuvens e som angelical sumiu junto ao mensageiro. E os pombos voavam em volta da silhueta angelical e depois de minutos se espalhavam na amplitude do ar, uns para um lado e outros para o outro.

Uma neblina escura cresceu entre os túmulos e o cemitério ganhou um aspecto horripilante. Nuvens escuras no céu e neblinas funestas no solo.



Capítulo XXIX

A LÂMINA EXCELENTE

A corrida desesperada teve um fim quando se deparou com uma igreja enorme e seu grande nome estampado. Um letreiro todo iluminado indicava o nome da instituição.

- Bravo! – disse audivelmente para si mesmo o detetive. Devo arrombar se não tiver ninguém?

Andou de um lado para o outro e percebeu a presença de um carro e uma moto na parte de dentro do portão. Hesitou em chamar, mas se deteve. Pastor Alcântara, Pedro Martins Alcântara. Nunca se esqueceu desse nome.

- Ô de casa! – coçou a cabeça, - quero dizer: da igreja!

Esperou segundos perturbadores e inacabáveis e uma porta lateral se abriu.

O pastor vinha ligeiramente pelo corredor cheio de água empoçada. Teria passado a tarde lavando o corredor? Suas botas de borracha não negariam isso, nem para o mais inexperiente detetive.

O pastor nutria um olhar duvidoso fuzilando o homem com jaqueta chamuscada, cabelo bagunçado e a cara mal lavada.

- Você é o detetive? – o pastor era um homem corpulento; um metro e oitenta e um; cabelos avermelhados e de corte

baixo; olhos azuis; usava um óculos gigante na cara branca e levemente salpicada de sardas; um volumoso cavanhaque vermelho se movia na fala.

- Além de pastor o senhor é vidente?

- Que isso amigo, claro que não! – deu um amistoso sorriso alargando o cavanhaque vermelho fogo. Dirigiu-se ao portão e abriu o cadeado. Fez um sinal para o policial entrar e apertou-lhe a mão direita fortemente. – Uma amiga sua me disse que viria... por isso deduzi ser você. – Riu sonoramente e indicou o caminho para o detetive. – Vamos até minha sala.

- Minha amiga?

- Foi o que ela disse!

- Faz tempo que ela passou por aqui? E... disse o nome?

- Passou não, ela ainda está aí dentro te esperando. Deve fazer pouco mais de meia hora que ela chegou. Eu estava terminando de lavar esse corredor, o zelador não pôde comparecer esta semana... sabe como é outono... – sorriu fitando o policial, - todas as folhas secas da rua resolvem se alojar nalgum canto de nossas casas.

- O pior é que somente quando estão secas é que procuram a Casa de Deus – Miguel quis multiplicar a risada do pastor... e conseguiu uma grande gargalhada sob aquele cavanhaque vermelho. E ele se sentiu a mais seca que pudesse existir.

- Essa foi boa, amigo. Enquanto estão verdinhas e balançando nunca vem pra cá... – estava tendo um grande ataque de risos, - e quando secam encontram a porta de entrada facilmente. Há! Há! Há!

- Muito boa mesmo! – riu por um instante. Ínfima risada comparada com a do pastor.

Passaram pelo corredor lavado e entraram dentro da igreja. Um corredor curto levava até uma porta bem no final.

Sobre o umbral da porta estava escrito 'Gabinete Pastoral', e entraram.

- Betina?! Que faz aqui? – Miguel se espantou com a presença da noviça. Chegou a pensar que quem estava lá dentro fosse, a colega de trabalho, tenente Madureira.

- Algo me disse pra vir te ajudar... detetive – a menina deu um salto na direção do detetive e se deteve nos braços forte do rapaz. A cena pareceu ao pastor de uma adolescente que reencontra sua paixão e se joga em seus braços. Largou-se totalmente mole sobre os braços fortes e bem torneados do policial. Fraqueza e desmaio.

- Levante-se Betina – tentava colocá-la de pé. Mas os pés da menina não se aprumavam no chão. O olhar do pastor mudou para um ar de preocupação.

- Venha aqui. Eu tenho um sofá. Deite-a um pouco. Parece cansada ou deve estar muito fraca por estar cumprindo algum voto, jejuando, ou coisa do tipo.

- Descanse Bê!

- Ela é sua namora?

- Não. Eu sou casado, pastor – principiou a esticar a mão, mas percebeu que estava sem aliança, e recolheu velozmente colocando-a no bolso. Notou que sua mão dourada não brilhava e nem queimava.

O pastor encarou seriamente o policial.

- O senhor não está pensando que ela é minha amante?

- É que ela chegou falando muito de você com aquele fervor apaixonado e...

- Peraí pastor! Acabei de conhecer essa menina no orfanato onde fui criado e ela deve ter criado um castelo de ilusões em sua cabecinha. Só isso!

- Então por que me procurou filho?

- É... o senhor crê... nos seres espirituais?! – não sabia se afirmava ou se perguntava. Falou gaguejando por um momento.

- Com toda certeza meu amigo! – o pastor sentou numa poltrona de veludo e apontou para que o policial se sentasse numa cadeira almofadada.

- Falei com um anjo agora pouco... – se sentiu um pouco idiota em estar tendo aquela conversa, mas prosseguiu – porém antes dele, um velho amigo, padre Jerônimo me revelou algo que eu deveria buscar aqui nesta igreja...

- Revelou... como assim?

- Milagre. Milagre é tudo que posso dizer, pastor. O velho padre há anos não se movia e nem falava... de repente me disse o que fazer e logo... depois morreu – soluçou.

- E essa menina é do orfanato de onde você veio?

- Exatamente. Ela deve ter escutado tudo por trás da porta e sabia que eu viria aqui. – Miguel observou a mesa do pastor cheia de livros e um caderno abarrotado de rascunhos e desenhos. Um livro enorme lhe chamou a atenção.

- Escatologia? – apontou o pastor.

- Achei interessante o livro.

- Éschatos: crença do destino final do homem no universo – salientou o pastor.

- Sermão de hoje está fera!

- Meu sermão será um pouco mais leve do que isso – sorriu amigavelmente encarando o detetive. – Falarei das parábolas dos talentos – apontou o laptop no canto da mesa. – Já está tudo ali. – Pausou e - pode terminar de me contar.

- Então... é que – ficou sem jeito de falar da espada que deveria encontrar por ali, - há um objeto que preciso e está aqui na igreja do senhor.

- Desculpe-me, filho, mas eu não tenho igreja.

- Ah, tá. Não, quero dizer, na igreja do Senhor – apontou para o céu.

O pastor sorriu e aquiesceu com essa afirmação.

- Fala-me então do tal objeto.

- Uma espada – se sentiu uma criança inexperiente nesse instante.

- Certo! Eu não tenho tal objeto... muito menos aqui na igreja, filho.

- Sei. Sei disso. Mas é algo espiritual... talvez não físico como conhecemos uma espada. Pode estar em qualquer lugar.

- Teve alguma dica, de que lugar dentro da igreja?

- Algo valioso. Prestimoso. Talvez alguma coisa que as pessoas daqui não deixam ninguém por a mão... apenas seletas pessoas. Obreiros e presbíteros?

- Ou pastores? – completou o homem do cavanhaque vermelho num tom de seriedade. Estava tão sério com o assunto que nem parecia aquele homem risonho e brincalhão de pouco antes. - Venha comigo! – levantou-se de repente.

O detetive deu uma olhadela para a menina que ressonava no sofá e seguiu o pastor pelo mesmo corredor e entraram em outra porta, mais ampla, que dava para o interior do templo.

Os bancos limpinhos e almofadados faziam quatro fileiras. O púlpito era um brilho impecável. Poltronas em madeira nobre; mesa de mármore; tablado de tacos invejavelmente brilhantes e encerados; ornamentos nas colunas laterais; um lustre de cristal pendia do teto sobre a mesa; um piano de cauda pretíssimo reluzia às poucas luzes que estavam acesas; e o chão parecia o de um palácio.

- Enorme! Não me lembrava do tamanho.

- Você já veio aqui?

- Sim. Há muito tempo atrás. Antes de eu me casar... para ser exato.

Houve um segundo devassalador e o pastor o encarou.

- Verônica?

- Sim. Minha mulher.

- Desculpe-me por aquilo, meu amigo?

- Já passou. Isso já era, pastor. Ficou para trás.

- Mas me perdoe.

- Está perdoado, pastor Alcântara.

- Pode me chamar de Pedro.

- OK! Só preciso me acostumar... Pedro.

- Eu era novo no ministério e falei coisas duras pra vocês... mas você se tornou um grande homem, e não preciso ser vidente para saber disso – lembrou do momento em que se viram no portão e riram.

- Nós todos éramos novos. Mas eu sempre amei muito aquela mulher e ela voltará pra mim.

O pastor o fitou, mas não quis saber, talvez por enquanto, da história de ela 'voltar para ele'. O importante era a batalha que o detetive estava para trilhar e precisavam da tal espada espiritual.

- Espero não atrapalhar o horário da celebração do culto de hoje à noite.

- Fique tranquilo... falta uma hora para isso.

Olharam de forma macro para a igreja e não sabiam por onde começar.

- Escolha um móvel ou qualquer coisa, pastor.

- Seria fácil demais se encontrasse o que procura dentro do piano?

- Acho que sim. Mas não tem de ser difícil. A orientação foi para que eu procurasse num lugar de muito apreço por vocês daqui da igreja.

O pastor coçou o cavanhaque tenebrosamente e apontou o piano.

- Nosso instrumento mais caro – apontou e fez com a mão para que o detetive fosse até o objeto magnífico e preto.

Os passos dentro da igreja soavam num toc-toc como naqueles filmes de suspense.

Miguel levou as mão suadas no objeto e abriu a tampa. Nada! Verificou por dentro sistematicamente. Canto por canto.

- Fiiuuu! – o pastor assoviou e mostrou uma ferramenta.

Miguel olhou para o tablado. O pastor trazia uma marreta.

- Se for preciso, filho, não hesite em descer o ferro – o coração do pastor estava se rasgando. Eram móveis e objetos caríssimos que estavam a ponto de sofrer danos irreparáveis.

- Obrigado, pastor. Por seu desprendimento e entendimento.

Não foi fácil abnegar de tudo o que conseguira para aquele templo nos seus mais de quinze anos naquela casa de oração. Devia doer muito. O detetive entendia a dor e quando o pastor voltou para o tablado e dali passou a assistir a procura incansável do policial.

Lágrimas silenciosas desciam sobre o rosto branco e calavam no cavanhaque vermelho.

O barulho foi um estrondo horrível quando a marreta arreventou as laterais do móvel preto do piano. Cordas estouravam e saltavam para fora emanando um som que se assemelha a um choro indefectível. Em menos de dez minutos: apenas os cacos de teclas, madeira, parafusos e porcas, e cordas embaçadas no chão.

- Lamento – ofegante o detetive se aproximou do pastor, - mas ali não estava.

- Olhe! – o pastor apontou para a imensa mesa de mármore. Mármore indiano, escura e brilhante. Muito caro. Uma imensa mesa.

- Valeu a dica, pastor – o homem se encaminhou com os passos firmes e delicadamente retirou dela um candelabro de bronze e uma toalha de seda.

Parou. Respirou. Elevou a marreta. E teve fé de que não quebraria mais nada dentro da igreja depois daquela mesa de mármore. Desceu a ferramenta precisamente no meio da mesa. Um baque violento ecoou por toda a igreja.

Algo luminoso surgiu entre os pedaços de mármore.

O pastor sorriu e se aproximou.

- É ela. Vox Spei.

- A espada se chama assim?

- Isso – esticou a mão e se lembrou que para pegá-la tinha de estar com a mão em cor de ouro.

- Termine com a mesa, filho – o pastor sentiu que uma boa parte da espada seria liberada apenas se terminasse de quebrar a mesa. Pois as extremidades da espada estavam encravadas na pedra.

Miguel deu mais algumas marretadas e a espada estava se mostrando por completo. Reluzia ofuscando a visão. Sua lâmina parecia viva, ora tremulava, ora ondulava do cabo até a ponta. Um metal impar, nunca viram uma metal daquela maneira. O ante-cabo estava incrustado de rubis, ametistas e ágatas. Os raios de luz que emanavam da lâmina encheram o imenso salão, o templo da igreja.

Capítulo XXX

A INVESTIDA DA NOVIÇA

Era uma arma maravilhosa com mais de um metro de lâmina. Pequenas ondas dançavam na superfície do metal ora azulado e ora avermelhado.

Impressionados, o pastor e o detetive ficaram atônitos por minutos contemplando aquele objeto absurdamente brilhante.

Alcântara percebeu a mão do detetive começar a dourar.

- Isso dói?

- Queima... agora mais do que antes – resmungou o policial.

Os dois ouviram passos se aproximando da porta dos fundos, a que ligava o gabinete ao corredor que dava para o templo. Passos macios e um cheiro suave de perfume feminino.

- Sabia que vocês estavam brincando de alguma coisa... eu acordei com o enorme barulho – Betina se apresentou na porta e eles se chocaram com a atitude da menina, estava semi-nua. Seus lingerie champagne conotavam a loucura ou a possessão da noviça. – Tenho sede... muita sede. Sua testa estava transbordando em suor e seus olhos irreconhecíveis.

- Moça... eu vou buscar água para você – gaguejou o pastor e seu rosto foi de branco para rubro instantaneamente.

- Cale-se. Estou com sede de amor... amor por esse homem – ela foi descendo alguns degraus e se deteve perto do pastor que instintivamente segurou-lhe o braço direito, pois notara a possessão da menina.

- Vamos lá fora e eu te dou água, filha – fitou a menina com compaixão.

A menina o fuzilou com um olhar flamejante. O rosto da noviça se desconfigurava para um semblante demoníaco.

Alcântara passou a segurar os dois braços dela.

- Não se ponha no meu caminho sacerdote do céu – golpeou o pastor lançando-o contra os primeiros bancos da terceira fileira. O estrondo foi avassalador.

O homem desmaiou e o banco se partiu. Um fio de sangue desceu da cabeça até respingar da ponta da barbicha para o peito. A imagem do inconsciente pastor era temerosa, pois parecia que tinha quebrado algumas costelas pelo grande estrago que causara na madeira do banco.

A mão direita de Miguel brilhou mais do que qualquer outra vez e a queimação parou. Sentiu que poderia pegar a arma e se distraiu por um instante. De maneira fantasmagórica a menina se pôs entre ele e a espada e lhe agarrou como uma águia crava as garras em sua presa. A insinuante moça deu a beijar-lhe o pescoço e o queixo de maneira intensa, e frenética. Chegou aos lábios do detetive e ele numa fração de milésimos de segundo se desvencilhou da garota lançando-a de lado. Ela se estatelou no chão lustroso e assustadoramente se pôs de pé.

- Prove-me e nunca mais terá sede de outra mulher! Consuma-me e nunca mais terá fome de amor! Sei que me deseja, e eu muito mais. Mais do que você possa imaginar – a

garota caminhou a passos moderados e foi para o lado. Suas mãos alisavam a coxa e o abdômen até se deterem nos seios.

- Desculpe-me querida Betina, mas você está exagerando. Na verdade, esta não é você. Eu vi que você é uma menina meiga, dócil, amável e de um coração pronto a servir – não imaginava que um dia passaria por isso.

- Vou te servir agora, pois sei que me olhou com desejo lá no orfanato e eu te quis cada momento, cada segundo, cada suspiro que ouvi de sua parte – os olhos como brasas da menina comprovavam a possessão.

- Você está possuída por alguma coisa... – o ceifeiro veio aproveitar dela e quer, assim, me prejudicar.

- Não – berrou ela, - eu vou ser possuída por você somente. Eu sou donzela, meu detetive! – gesticulou sensualmente e encaminhou na direção do policial. Desatou o sutiã.

Sua pele suada e seu olhar tenebroso causavam um espanto em qualquer que a visse e sua voz rasgava as palavras com desprezo. Aparência depravada, bem longe da dócil noviça de voz suave.

- Não queria fazer isso – na verdade não sabia se faria o correto, lançou a mão até a mesa estourada e segurou com firmeza a espada reluzente. Queria que o pastor estivesse acordado para exorcizar a pobre garota, mas – isso pode doer! Mas com certeza eu sou quem sentirá a dor maior – pronunciou essas palavras e suas lágrimas descenderam ao investir contra a noviça.

- Está pronto a matar-me? – a voz rasgada deu lugar a delicada e doce voz da adolescente e o vermelho dos olhos a abandonou por breve instante voltando àquele meigo olhar de menina.

- Você não pode me enganar, maldito – encravou a Vox Spei no peito nu da garota, ao lado do seio esquerdo. A espada

perdeu o brilho incomensurável se parecendo, agora, com uma espada simples de metal conhecido e normal. Miguel puxou a espada e a deixou de lado. A lâmina estava vermelha de sangue e a menina com ausência de vida.

- Deus sabe que eu não queria isso pra você menina... ele sabe... sabe todas as coisas...

A tristeza encheu o templo como se o lugar tornasse numa cripta. Era quase hora da reunião dominical dos membros dali e o pastor permanecia inanimado. Miguel encontrou uma toalha de mesa e envolveu a menina. A toalha se avermelhou de sangue imediatamente. Solidão foi o sentimento que cresceu naquele instante. Não sabia dizer se existia ainda um mundo lá do lado de fora da igreja. Olhou para a arma feroz e arrebatadora de vidas e pareceu que ela não era tão especial quanto no momento em que a encontrara. Parecia uma arma comum feita para matar.

Um silêncio tumular imperou e absorto em pensamentos que se emaranhavam entre o bem e o mal; a esposa e a noviça; sua filha e o ser sinistro; o pastor e a marreta; o padre e a irmã; o orfanato e a igreja; o sorriso e o desprezo; o sangue e a alma; o metal e o anjo; ele e a Pedra; Alkymia – Al khen – a palavra em árabe na tradição antiga, chemya em grego para fundição de metais; transmutar um elemento em outro? Ninguém pode fazer isso! Transmutar humanos... Absurdo! Tudo flutuava na cabeça do detetive sem fazer conexão alguma. Era uma mistura louca e desvairada. Muitos enlouqueceram e desapareceram procurando a Pedra Filosofal. Com ela poderia trazer de novo a vida da menina. Mas, o padre disse que ele, Miguel, era a pedra. Cria ou não nisso? Uma ciência oculta, mística.

Que posso fazer agora? – pensou Miguel sentado ao lado do corpo da menina enrolada na toalha. Lágrimas desciam

copiosamente. De repente ele abriu os olhos ao toque de uma mão pequena e macia sobre seu rosto.

- Annabelli? – pronunciou o nome de sua filha.

- Não! – a noviça respondeu mansamente. – Sou eu, Betina.

- Graças a Deus!

- Não sei o que houve aqui, mas foi algo de arrepiar – ela olhou ao redor analisando a tamanha destruição.

- Você está bem? Sem ferimento?

- Sim. Ótima! – ela olhou para dentro da toalha vermelha de sangue e – nem uma ferida.

- O milagre me cerca... desde criança – sorriu de viés e foi se pondo de pé. Sua mão queimou e se lembrou da espada. Pegou-a com a mão esquerda, a direita inflamou, dourou e a tatuagem latejou.

- O senhor sabe onde está minha roupa?

- No gabinete do pastor no fim daquele corredor... e veja se lá tem uma maleta de primeiros socorros... o homem está muito ferido – Miguel encaminhou em direção ao pastor.

Alcântara estava estatelado no meio de um banco.

Chegou uma pessoa antes do detetive se aproximar do pastor.

- A espada! Bela arma!

- Quem é você?

- Não está se lembrando de mim? – um rapaz formoso foi chegando perto.

- Nunca o vi. Você é membro dessa igreja?

- Não meu amigo Miguel. Eu estava com você no cemitério – o anjo o fitou e sorriu. – Sei que lá eu parecia ter uma aparência mais velha, decadente e sofrida, mas sou eu mesmo.

- Obrigado por vir. Você deve ter ajudado a moça... a voltar à vida.

- Engano seu, a noviça está bem graças a você. Sua oração no momento de usar a Vox Spei fez isso. Você machucou o mal que a atormentava... e o sinistro, ferido, está se dirigindo ao hospital onde sua filha está internada.

Aquilo soou com um forte soco na boca do estômago de Miguel.

- Você fica com eles que eu vou até lá. Mas, me diga se o pastor vai ficar bem?

- Encoste a lâmina na cabeça dele e verá.

A lâmina que há pouco parara de reluzir voltou ao esplendor de seu brilho ao ponto de cegar quem olhasse direto para o reluzente metal. O corte rapidamente se fechou. Aos poucos o semblante de dor foi mudando para um rosto sereno, ainda muito branco, e o pastor despertava lentamente.

- Demorei? – estava pondo minha roupa e... ele está bem?

Estava acordando, o homem com a cara mais pálida já vista.

- Que bom que tudo acabou! – suspirou a noviça.

Como quem acorda de um pesadelo, assustado o pastor deu um pulo.

- Eu ainda tenho um trabalho... desculpe pela bagunça! – apertou a mão do sacerdote e o ajudou a ficar de pé.

- Daremos um jeito – olhou para o relógio que anunciava faltar dez minutos para o começo da reunião e alguns membros da igreja estranharam os portões ainda estarem fechados. – Se quiser usar meu carro, filho?

- Muito obrigado. Pode deixar que eu correrei ou voarei... – sorriu para o pastor e acenou para a menina e para o anjo,

fitou a exuberante espada que flamejava como a chama sobre o ouro mais puro e reluzia como o metal mais perfeitamente polido que já se vira, tudo de uma só vez, algo extraordinariamente impossível para os olhos humanos definirem exatamente - não me cansarei e nem me fadigarei!

Como um lampejo desapareceu das vistas dos presentes dali.

- Por onde começamos a faxina? – disse o anjo.

- Pelos cacos e restos do piano... acho – o pastor pensou “ele nem se apresentou a nós e quer nos ajudar. – Vou abrir o portão e teremos mais ajuda daqueles que já devem ter chegado.

- Boa ideia! – disse a menina abandonando a maleta de primeiro socorros sobre o altar.

- Ficou bom?

- O quê? – Betina e o pastor uníssono.

- O piano e o resto das coisas quebradas?

- Im-pres-sio-nan-te – pausadamente o pastor disse.

- Fabuloso! Maravilhoso! – Betina coçou os olhos como se visse coisas irreais.

Foi apenas uma fração de segundos onde a noviça e o Alcântara se desviaram de olhar para a bagunça e ela toda já estava arrumada.

- Acho que ficou bom.

- Ficou ótimo, senhor...

- Muito obrigado!

- Tenham uma boa reunião. Boa noite! – num momento estava ali e no outro já sumira.

- Se eu fosse pregar as coisas maravilhosas de hoje, apenas as que aconteceram aqui... ainda não acabaria de contar...

não em pelo menos dez reuniões – sorriu fitando o local de onde sumira o varão angelical.

- Certas coisas estão além do que vemos e compreendemos... – Betina se ajoelhou e juntando as mãos começou uma oração.

O pastor silenciosamente foi saindo com a chave do portão na mão, pois havia pessoas recém chegadas lá fora esperando para entrar.

Uns e outros que entravam notavam uma atmosfera diferente, mas no visual tudo estava como antes da batalha. Anormal, somente a maleta de primeiros socorros no púlpito e mais nada.

O zum-zum-zum foi diminuindo na entrada ao se depararem com a menina que orava de joelhos no chão.

O pastor podia afirmar que ela estaria orando pela vida e pela luta de Miguel.

A irmã da igreja responsável pela música, sentou-se ao piano e começou a melodiar uma canção de harmonia adorável e leve.

Betina se sentou e apreciou a doçura do som que o piano emitia.

E o culto se seguiu.

No meio das dezenas de pessoas o belo moço, que era anjo, reapareceu e sumiu na multidão.

Capítulo XXXI

O RESGATE

No horizonte denso de negras nuvens havia raios cortando e riscando a imensidão escura e inóspita para qualquer aviador.

Miguel corria numa velocidade impressionante pelas ruas, cortava canteiros e pulava os carros parados nos semáforos com uma facilidade espetacular. Sua mente tinha como se doesse ao pensar em sua filha naquele hospital e no perigo que sua mulher também poderia estar passando. Pulou um caminhão que era idêntico àquele com que se envolvera dias atrás, sua espada parecia uma tenaz incandescente que ficara nas brasas acesas por horas. Os riscos no céu e o estrondo de trovões não lhe impediam de avançar um centímetro que fosse. Seus olhos fixaram no sentido em que ia e seu rosto pareceu brilhar como um bronze polido. Os relâmpagos clareavam sua tez de maneira absurda e já sentia as rajadas de vento muito frio debaixo de si. Percebeu que estava voando e a sensação era magnífica. Já fizera isso certa vez, mas não com a destreza e potência da qual fazia agora. Colocou as mãos para frente e percebeu que isso o fazia ganhar velocidade. As luzes de postes, faróis e lanternas de carros ficaram bem lá embaixo, se pudesse voaria para sempre e nunca poria os pés no chão outra vez. O quarteirão que

circunvizinhava o hospital esta sem luz alguma. Algumas ambulâncias corriam com os casos mais complicados para outro hospital em outra cidade. Um pandemônio de carros transtornava a avenida que dava acesso ao hospital, uma colisão, um engavetamento, muita polícia no local e alguns carros de bombeiros. Foi aterrissando próximo aos carros de polícia na escuridão. Faróis e faroletes eram precários para entender o que se passava realmente por ali. Policiais falavam alto de que ninguém conseguia entrar no terreno do hospital. Uns viam vultos fantasmagóricos e, quem conseguia sair, falavam que o prédio estava em chamas, alguns quartos estavam tomados por chamas.

Miguel sem dizer nada, no escuro, permanecia oculto para os amigos da força policial, elevou os olhos e notou o cintilar de olhinhos terríveis sobre os fios dos postes: gralhas e corvos assistiam a tudo como espectadores interessados. Saltou até a altura onde estavam os bichos, chegou perto das aves espectrais.

- Avisem seu chefe que eu estou aqui – algumas voaram para dentro do território onde ficava o estacionamento do hospital e outras pareciam o enfrentar com os olhos e crocitavam horrivelmente. – Felizes foram as que saíram daqui – pausou e estendeu a espada que flamejou alaranjada, - Impetus Lucis – as palavras lhe vieram à mente e ele invocou uma luz que irradiou todo o quarteirão.

As pessoas sentiram que aquilo fora um relâmpago e pensaram ter ouvido até mesmo um trovão segundos depois da emanção de luz.

Pelo quarteirão inteiro não havia mais nenhum crocitar das terríveis aves carniceiras.

- Sumiram! – vasculhou todo o quarteirão num voo rápido e entrou no estacionamento. Desceu até o chão e foi andando,

não queria causar mais pânico nas pessoas que pudesse vê-lo voando.

Percebeu que os geradores do hospital funcionavam precariamente, por isso muitos estavam se deslocando para outro hospital. Havia muita correria por ali.

- Miguel! – uma voz amiga gritou desesperada. Ela vinha correndo aos tropeções.

- Madureira. Como você está?

- Melhor que muita gente por aqui. Há um louco lá dentro fazendo alguns reféns...

- Pôde identificá-los?

- Não. Porque estava cuidando da saída de algumas pessoas da ala geriátrica e depois ajudei umas crianças a sair da ala de pediatria que estava em chamas.

O detetive pensou na filha, mas não quis dizer se não sua amiga iria fazer questão de voltar lá para dentro.

- Obrigada pela arma – estendeu a escopeta dourada para devolver ao dono.

- Espero que tenha sido útil.

- Muito útil. Essa arma deve valer uma nota – Joyce ficou boquiaberta quando seus olhos baixaram e viram a espada que o amigo segurava com a ponta para baixo.

- Nova arma! – sorriu de viés, - e você pode ficar com a arma de fogo, pois ainda pode precisar dela... ela estoura até fantasmas – lógico que ele manteve o tom de brincadeira, mas o semblante de Joyce era de quem havia visto um por duas vezes nos últimos dias.

- Preciso entrar – virou-se e um ar gelado passeou por entre os dois amigos como se a torrente de ar fosse uma parede intransponível.

- Tome cuidado com o tal louco que está aí dentro – ela tentou dar um passo para o lado do amigo e não conseguiu. O ar frio e espectral congelou seu nariz e a fez espirrar. – Puta merda! Resfriado é tudo que preciso agora – irou-se com a temperatura que normalmente já caía por esses dias e agora uma congelante corrente a resfriara de forma imediata, - atchim! Atchim! – deslocou-se dali para perto do carro de polícia, onde um policial tomava um fumegante café. Pegou a jaqueta dele e também uma enorme caneca de café.

- Tenente, fique a vontade aí dentro – disse o cabo Anderson Valente.

- Como se o carro fosse tão confortável feito uma limusine! – ela o encarou e deu um sorriso maravilhoso.

O cabo foi se afastando para onde tinham o chamado e ficou encantado com o sorriso da colega de trabalho. Seu coração estava apertado para dizer palavras bonitas ou contundentes que fosse, mas não conseguiu exprimir nada.

- Já volto! – de longe o cabo falou.

A tenente levantou a caneca em sinal de entendido.

Devia haver pouquíssimas pessoas lá dentro neste momento. Algumas explosões faziam os bombeiros escolherem qual a melhor posição para emitirem o jato de água nas janelas mais próximas.

Nada conseguia se aproximar o bastante. Apenas a rajada de água atravessava o paredão invisível e fantástico que cercava o lugar.

Chegavam mais ambulâncias de cidades vizinha para ajudar no deslocamento de doentes, enfermeiros e médicos.

Sirenes e luzes enchiam o ambiente permeados de uma extrema tensão. Os gritos eram de pavor. Parentes desesperados queriam saber se seus entes estavam ainda lá

dentro ou foram para outros hospitais. Muito da tensão e desespero ficava por tamanha incerteza do que havia acontecido realmente ali dentro. Fichas eram lidas e alguns parentes ficavam um pouco aliviados com a notícia do traslado de conhecidos e entes.

Uma mãe corria para todos os lados desesperada a procura de um filho.

Joyce vendo a cena se lançou para fora do carro se livrando da jaqueta que já aquecera por um pouco.

- Minha senhora? Hei, senhora?

- Meu filho... ele estava saindo com a turma... a enfermeira me disse que ele voltou para pegar o coelho de pelúcia... e, não saiu com o resto do pessoal. Fazem vinte e poucos minutos que ninguém mais sai ou entra lá... – chorava copiosamente.

- Sou a Tenente Madureira e vou verificar a pediatria de novo. Fique aqui – como se alguém pudesse transpassar a parede invisível, pensou a policial. – Entrarei e sairei com seu filho!

A mulher meneou a cabeça positivamente colocando crédito nas palavras da policial.

- Qual o nome dele?

- Lucas – baixou o rosto nas mãos e chorou.

A passos firmes, Madureira foi avançando contra o paredão gelado e espirrou duas vezes.

Empunhou a escopeta a sua frente. Uma arma que feriu um fantasma poderia lhe conferir uma passagem através da parede espectral, pensava condescendentemente na mãe que sofria sem saber do filho.

Deu de frente com o paredão. Não conseguiu avançar um centímetro que fosse. O ar ofendia seu nariz e espirrou por dezenas de vezes. Engajou o dedo no gatilho e disparou

uma chama avermelhada e mágica sobre o campo invisível que a segurara ali.

Sentiu que o ar condensado e gélido mudou-se para fresco e leve. Era a abertura que necessitava.

Entrou correndo para o lado da pediatria. Havia uma porta aberta e as chamas no interior estavam devorando aquela parte quase que completa.

- Lucas? – gritava sem se engasgar com a fumaça tenebrosa que enchia o ambiente.

Pulou armários caídos e computadores em chamas. Com o curto cano da arma afastava alguns objetos da sua frente e avançava para um lado não muito prejudicado pelo inferno flamejante. Chutou caixas de bonecas e se enfiou por uma passagem que um poderoso chute lhe conferiu. O crepitar das chamas tornava tudo imensamente horrível. A face queimava e os cabelos chamuscavam na medida em que se avançava por dentro da ala pediátrica.

- Lucas?

- Eu quero minha mãe! – berrou uma criança de dentro do armário.

- Eu estou chegando. Estou quase aí!

Desvencilhou de algumas prateleiras quebradas e em chamas e adentrou pela porta estreita do armário.

- Hã! – espantou-se Madureira, porque jurara que vira um rapaz de semblante cordial ali dentro. Teria sido apenas uma ilusão de ótica no meio daquele inferno todo. Chamas para todos os lados e uma criança encolhida no fundo do closet agarrado a um boneco de pelúcia.

- Minha mãe!

- Eu vou te levar até ela. Pode se levantar agora – estendeu a mão para o menino.

Não saiu da mente de Madureira aquela fisionomia angelical e os olhos amáveis.

- Quero minha mãe!

- Vamos por aqui. Eu falei pra sua mãe que eu viria aqui te tirar do incêndio... Então vamos sair por aquela porta – um estrondoso barulho fez a criança berrar e eles se meteram por uma abertura atrás de armários de arquivos e um balcão pouco alcançado pelo fogo.

Correram por um pequeno corredor e viram uma vidraça inteira. De longe Joyce atirou e a vidraça veio abaixo em forma de cascata. Ela passou primeiramente o menino e depois se lançou para fora, e quando de pé, segurou firme no pulso do garoto e foram se afastando do calor ameaçador. A invisível parede não os impediu de saírem do perímetro assombrado pelo incêndio. Minutos depois reencontraram a mãe do pequeno Lucas e receberam os cuidados de alguns médicos que estavam por ali.

Madureira espirrou e olhou maravilhada para aquela arma magnífica que estava segurando. Sentou-se no meio-fio como se tivesse desabando de cansaço. Respirou fundo tentando pegar o oxigênio necessário como se tivesse ficado sem respirar pelos longos minutos anteriores.

- Inacreditável! – sussurrou e pensou no amigo Miguel e no inferno que ele poderia estar enfrentando naquele instante.



Capítulo XXXII

CHAMAS E TREVAS

A fumaça negra se misturava às densas nuvens que cobriam o céu. O crepitar era um som atordoador. Ninguém mais transpassaria a cortina flamejante que cobria o prédio do hospital em sua totalidade. Não adiantaria alguém conseguir traspassar a muralha invisível do espectro, pois o calor letal e as chamas o impediriam de uma proximidade maior. Os três caminhões de combate ao incêndio era como três copos d'água para resfriar um vulcão.

Os raios riscavam as abóbadas celestes e os trovões causavam terror à flor da pele. O cenário era horrível, muitas pessoas choravam e policiais impediam com um cordão de isolamento à área restrita de trabalho dos homens do bombeiro e resgate.

Miguel caminhava ininterruptamente para o extremo norte do prédio, que sem sombra de dúvidas era o local das UTIs. Caminhava entre as chamas e elas não lhe causavam mal algum. O local à sua frente era o menos afetado pelas chamas e seus ouvidos captaram um choro de mulher, 'Verônica', pensou e prosseguiu com a espada descansando sobre seu ombro direito. Sua mão dourada era de um exímio fulgor e a espada mantinha nesse instante um tom azulado como o de oceano.

Macas, camas, computadores, aparelhos de ressonâncias, telefones, armários, murais e paredes eram devorados pelo poder do fogo.

Todas as pessoas amadas de Penedo passavam em seus pensamentos ao adentrar numa parte que lembrava um hall de espera. A sala ampla continha um jardim, bem no centro, e uma claraboia aberta em dias estrelados deveria ser uma distração para os pacientes e acompanhantes que ficassem por ali esperando.

De maneira mágica o jardim não estava em chamas como todo o lugar. A claraboia estava aberta e Miguel se deteve por segundos observando o céu fechado de nuvens negras. Aproximou-se da cascata diminuta do jardim. A água descia por taquaras e bambus e formava um laguinho. O policial ergueu a espada e desceu brutaemente no pequeno lago cercado de bambus e pedras ornamentadas com inscrições em japonês.

- Augeo acqua! – quando a lâmina tocou o pequeno leito de água ela tornou-se num redemoinho ao se levantar do chão ao teto e passou a dançar de um lado para o outro. Por onde passasse o magnífico redemoinho o fogo era sugado, lambido, e abduzido num chiado específico.

Miguel deu um sorriso confiante, recolheu a espada ao ombro e voltou a caminhar como que sem pressa alguma. Nunca esteve se sentindo tão tranquilo e confiante desse jeito.

- Uhahahaha! – uma gargalhada amedrontadora recebeu o detetive quando ele adentrou a parte das UTIs. – Vejo sua motivação ao extremo meu caro policial – uma voz baixa e doentia foi ouvida como um sussurro.

- Quero as duas agora! – ordenou o detetive. – Quero vê-las e colocá-las fora deste lugar, assim, poderemos colocar nossas diferenças em jogo – vociferou encarando o ser que

caminhava pelo teto de ponta-cabeça e esticando a temível língua entre os dentes finos e pontiagudos.

- Você pertence a mim desde antes de nascer... infeliz... não pode exigir nada de seu mestre e senhor – foi calmamente exibindo uma enorme foice de lâmina roxa e cabo escarlata.

- Nunca pertenci. Os erros dos pais nunca tornaram os filhos culpados.

- Idiota! Os pais rebeldes tornam seus filhos rebeldes e os condenados tornam seus filhos presos sob mesma pena.

- Se forem conhecedores da verdade e de seus direitos eles não serão – fitava os amarelos olhos na cavidade do crânio do ceifeiro.

O quarto ardeu numa horripilante chama quando o ser saiu do teto e pisou no chão chamuscado.

- Sinto dizer...

- Cadê as duas?

- Ali - apontou o dedo seco e desprezível. As duas estavam no canto da sala rodeadas de fogo avermelhado. A menina dormia sobre a cama e a mãe chorava copiosamente.

- Você não pôde feri-las... – sorriu enviesado, - pôde apenas cercá-las com chamas. – Cria que o ser não podia fazer o que quisesse... ao menos com elas. Mas as chamas poderiam prejudicá-las ou matá-las.

- Quer saber o que eu posso e não posso, humano?

- Estou louco pra ver o que faz com essa porcaria!

O ser se aproximou numa velocidade absurda e o lançou contra a parede e essa despençou em blocos e ferros destruídos. Tijolos caíam e criavam um eco completando a música do crepitar das chamas.

A lâmina roxa se aproximou do rosto do detetive caído em meio aos destroços e de repente a espada empunhada

por ele interveio entre eles. O rosto, a espada, e a lâmina da foice.

Miguel segurava firmemente o cabo da espada e a lâmina roxa ia se afastando de seu rosto lentamente, parecendo eternos segundos, tensos instantes até se desvencilhar totalmente do ataque e pular para fora do rombo que havia feito à parede.

Intensas investidas foram sequenciais. Os estalos do choque das lâminas e as faíscas que liberavam atordoariam qualquer ouvido humano. Quando havia o choque das lâminas, pedaços do teto despencavam em absurdas lascas de reboco, do chão pulavam cacos de cerâmicas do piso e das paredes trincas e mais trincas se abriam.

O cansaço era uma coisa desprezível para tal situação.

As chamas rodeavam a mãe e filha como uma parede com vida própria. As chamas vermelhas reboavam e dançavam ao som da batalha no centro da sala. O teto desabaria em pouco tempo. Ruía e trincava absolutamente tudo. A tubulação de ar trazia um fedor horrível, típico ao do desprezível ser que lutava com o detetive.

O chão se rachou e uma enorme fenda engoliu os dois que lutavam sem cessar.

Verônica berrou ao ver seu marido sendo tragado pela terra. Sua filha abriu os olhos nesse instante.

- Mamãe onde estamos? – chorava e berrava a menina extremamente apavorada com o ambiente aterrorizante.

- Querida aqui é o hospital... – fez uma pausa sem saber como explicar corretamente devido tal situação com que se encontravam, abraçou fortemente a filha e lágrimas constantes escorriam por sua face, - os bombeiros virão nos resgatar meu bebê. – Tentou cobrir todo o campo de visão da menina para amenizar o terror.

- Estamos no meio de muito fogo! – a pequena engolia as palavras, afogando-se com a fumaça.

- Não olhe para lá, meu anjo... papai está vindo nos buscar e os bombeiros estão lutando... – deu outra pausa e diminuiu o tom de voz tornando quase inaudível, - contra o fogo. Nós sairemos daqui... tenha fé minha querida.

- E se o papai não conseguir vir? Tá muito quente... – os olhinhos marejados se apertaram, a fumaça os ardiam.

- E creio que ele virá nos tirar daqui. Não tenho dúvida disso – Verônica completou em sua mente, ‘ele iria até o inferno por nós duas’ e ele foi para lá dado pela abertura do chão.

Miguel caíra e caíra num breu assolador.

Percebeu pelo fedor, que o rodeava, a presença do ser sinistro ali. De repente seus pés pousaram numa rocha quente. Sua espada fabulosa inflamou alaranjada e pôde visualizar o ambiente estranho. As paredes eram cheias de regos incrustados de pedras preciosas. Na sua maioria ônix e ametistas. Estalactites gotejavam sobremaneira e faziam um som agradável. Estagnou-se reparando que no centro dessa caverna havia um poço com águas borbulhantes. O aspecto pegajoso da água tornava-a semelhante à petróleo.

- Alguém gosta de você! – disse a voz enjoada e rouca do ser.

- Não tenho dúvida alguma disso... – colocou a espada em prontidão de ataque, - mas creio que ninguém goste de você – e partiu para cima do ser que numa velocidade espectral se esquivou e foi para perto do poço.

A lâmina roxa estava maior do que na superfície. A deficiência de luz do lugar era compensada apenas pelo brilho da Vox Spei e das cintilantes pedras nas paredes.

Miguel olhou o braço esquerdo e um rasgo ardia liberando sangue.

- Minha foice aumentou de tamanho ao lamber teu sangue, detetive. Ela não tinha esse comportamento desde um milênio atrás. Você parece ser um ótimo alimento e seus ossos jazerão nesse túmulo sagrado. Uhahahaha!

- Arrancarei sua risada e sairei daqui em menos tempos que se espere.

- Muitos já pagaram pra ver... inclusive seus odiosos pais. Uhahaha!

E as lâminas se chocaram terrivelmente. Regos enormes se abriram nas paredes da câmara e as pedras preciosíssimas saltavam ao som dos metais e centelhas vibrantes.

- Vamos arruinar esse lugar sagrado? – o ser encarou os olhos ferozes do detetive.

- Cairemos até o Sheol se for preciso. E que rompe as terras se eu não te finalizar nas entranhas das trevas que era o lugar de onde você nunca deveria ter saído! – a mão dourada ficou em chamas e a espada reluziu assustadoramente. Uma investida espetacular contra o ser riscando seu crânio, eliminando alguns dentes.

- Boa meu aprendiz! Essa foi a melhor até agora. Mas ainda é pouco para quem pretende retomar a mediocridade de uma vida terrena cheia de turbulências e mazelas.

- A vida é a melhor coisa que possuímos. Dádiva de Deus. Desperdiçá-la em coisas inúteis e inglórias é que é mediocridade. Viverei. Sempre viverei! – girou a espada e deu um salto até a parede, de uma parede à outra, da outra para o teto derrubou trinta e três estalactites e desceu para perto do poço pousando a espada no chão coberto de ametistas e ônix.

Capítulo XXXIII

FUMAÇA E CINZAS

Na superfície:

No hospital os bombeiros controlavam o incêndio nas primeiras salas, e no interior o redemoinho de água bamboleava de um lado para o outro numa velocidade incrível e apagava as labaredas infernais.

Joyce lançava fora um copo de café pela metade e corria como uma desvairada para dentro do perímetro do hospital. Adentrou àquela fumaça negra depois de empurrar um colega da polícia e um bombeiro – Me deem licença! – falou quando estava a quase cinco metros à frente dos desconcertados homens.

Os corredores chamuscados e repletos de fuligem estavam quentes, mas sem chama alguma. O redemoinho havia feito um ótimo trabalho e se esparramou perto das duas pessoas que ainda corriam perigo lá dentro: Annabelli e sua mãe. O teto arruinado poderia ceder a qualquer momento.

- Verônica? – gritava a tenente com os cabelos espatifados. Segurava firmemente a arma dourada. Pulou alguns escombros e metais retorcidos.

- Estamos aqui! Cof! Cof! Cof! – falava embargadamente e tossia muito a mulher, que já carregava a filha recém desmaiada no colo.

- Siga minha voz, senhora Penedo! Eu estou na parte administrativa do prédio! – gritava e ouvia os passos pesados da mulher entre os corredores destruídos.

- Sei onde é! Estou chegando... mais uns metros... acho!

- Muito bem senhora Penedo! Não há mais nenhum foco de incêndio... um milagre... – falou mais baixo, - para quem presenciou o inferno começar por aqui. De fato... um milagre.

- Parece que os milagres resolveram... presentear-nos com tudo nesse dia inesquecível... Cof! Cof ! ou... noite – fraca, ofegante e tossindo, - inesquecível!

- Senhora Penedo, a senhora tem toda razão! – pausou e pegou a menina nos braços e passou a arma para a mulher trazer para fora. – Vai ficar tudo bem, Annabelli Penedo! – fitou o rostinho sujo e ligeiramente riscado da menina.

Em minutos elas se puseram para fora e algumas paredes desabaram atrás delas levantando fumaça e cinzas, fora o estrondo ameaçador que rompeu pelo âmbito. Os paramédicos vieram imediatamente cuidar delas. Tomando oxigênio. Os alvéolos pulmonares agradeciam. Magnífico oxigênio!

- Escoriações... e mais nada – Verônica relatava aos paramédicos.

Capítulo XXXIV

ENTRE O SANGUE E O METAL

Embaixo, na câmara:

- Velocidade incrível detetive, mas... arf... devo dizer orf...
– um líquido gosmento e avermelhado foi minando em várias partes do corpo esquelético do ser. Seu manto esvoaçava aos fiapos sobre uma corrente de ar fantasmagórica. As gotas de sangue fétido caíam no chão e era sugado pela terra escura. O poço foi ficando claro e cristalino à medida que a vida do ser se esvaía. Um braço caiu num baque chocho e tornou-se pó instantaneamente.

Miguel olhava o ser com a mesma ferocidade no olhar de um leão que destroçou uma presa.

- Eu acabarei com você antes do meu... derradeiro pedaço cair nesse solo sagrado...

- Estou aqui! – fitou veementemente.

O ser levantou a foice que cresceu mais alguns centímetros, trinta pelo menos.

- Argh! – rugiu de dor o detetive.

- Achou que somente você era rápido... foi? – riu com deveras satisfação.

Miguel avaliou o incrível rasgo do abdômen até o peito, e sua jaqueta e camiseta se desfizeram em retalhos e voaram

ao sabor do vento fantasmagórico que passeava por ali. A mão dourada e em chamas abandonou a espada no chão e comprimiu o ferimento cauterizando-o eficazmente.

- Pena... – o ser apareceu atrás de Miguel e posicionou a lâmina roxa da foice no pescoço dele, - hoje você não beijará sua filha,... nem abraçará sua mulher... uhahaha!

O suor lavava a testa do detetive. Sua mão ardia no peito trazendo cicatrização na ferida. Sua espada estava a dois metros de sua mão. E, sua tatuagem latejava como nunca, de uma maneira quase insuportável.

- Humano desprezível... deixará a mulher... uhaha! Pode ficar tranquilo que outro homem terá muito prazer com ela. Ela é muito boa – os olhos do ser alumiam como faróis potentes e entre seus dentes saíam gotículas de saliva escura e fétida.

- Descobri – sorriu fitando a lâmina roxa a sua frente com o cheiro absurdo de ferrugem e sangue. – *Signum Militis Caeli!* – estendeu o braço para frente com a tatuagem do pulso voltada para cima e dela emanou um fecho de luz tão esplêndido quanto o sol.

O ser atordoado não se deu conta que em fração de uma rajada de luz como a de um relâmpago o detetive retomou sua espada do chão e foi para o lado oposto da câmara.

- Este... sinal... anjo de carne e osso... impossível? – vários riscos estavam sobre a carcaça podre do ser sinistro. Fora um golpe fulminante seguido de vários outros. Seu crânio se espatifou em cinco pedaços; o último braço caiu; seu corpo pendeu para frente e se desmontou em oito pedaços. Todos os pedaços se desfizeram instantaneamente e a água do poço se tornou cristalina.

Miguel respirou profundamente e uma torrente terrível soprou para longe o pó dos restos do sinistro.

Um terremoto avassalador rompeu as paredes da câmara e os regos se tornaram imensas aberturas. Parecia que cada uma levava a um mundo diferente, mas não era isso, Miguel viu que nos milhares de vãos havia um poço idêntico ao dali, porém o dali não estava mais naquele aspecto pegajoso e lodoso. O terremoto não parou enquanto o detetive não se encaminhou para perto do poço. E, no centro, fitando aquela água, num piscar de olhos Miguel se encontrava na grande sala da UTI do hospital.

As chamas haviam sido apagadas. Sirenes de polícias e bombeiros gritavam lá fora. Sua mão não estava dourada. Sua tatuagem havia sumido. Sua barriga acusava que tudo aquilo não fora um sonho, pois a cicatriz horripilante estava ali, na diagonal, do abdômen até o lado esquerdo do peito. Olhou para os lados e nenhum vestígio de suas amadas. A chama havia consumido tudo ali, inclusive a cama onde estava sua filha.

- Detetive! O senhor está bem? – anunciou uma voz conhecida.

- Cabo Valente – respondeu como se estivesse deveras atordoado, e estava pela esposa e filha que haviam sumido daquele local, e temia o pior. Perguntou com a voz rouca: – Minha filha e Verônica?

Tudo pareceu ficar mais escuro que a câmara ou que o céu cheio de nuvens negras e sem raios. Dobrou os joelhos. Uma canseira ganhou seus membros em forma de toneladas e despencou de cara na fuligem.

Escuro. Tudo não passara de um sonho? Impossível. A dor nunca mente. Tudo pode ser confundido, mas a dor é algo inconfundível. Por isso certos sacrifícios elevam as pessoas às dores poucas vezes sentidas ou atingidas. Lancinantes. Terríveis. Quase insuportável. Isso mesmo, quase!

Silêncio total.

Nenhum odor. Nenhuma dor. Nenhum pensamento.
Nenhuma ação. Nenhum sentido. O nada imperou.

Capítulo XXXV

UNIDOS DE ALMA

Miguel abriu os olhos. Rastrou o quarto em que estava. Seu quarto. Uma criança irrompeu pela porta e se jogou na cama. Doce visão. Esplêndida sensação.

- Papai! – gritou a menina. – Mamãe o papai acordou! – anunciou a menina aos berros de alegria.

- Meu amor... meu amado Miguel! Três dias apagado. Que bom vê-lo de novo meu amor – Verônica veio cobrindo o marido de beijos e a filha não desgrudava de seu braço direito.

- Estou de volta! Nós voltamos?

- Claro que voltamos... nunca estivemos longe... – ela o fitou com toda dedicação de alma, - ... pelo menos não de coração. – Comprimiu-lhe um beijo apaixonado e suas língua se abraçaram como amigos que há muito não se viam.

- Eu amo vocês duas!

- Nós te amamos, papai – a menina pulou sobre o peito do pai e abraçou-o com toda sua delicada força.

Os três ficaram abraçados por longos momentos. Momentos que valiam toda a eternidade.

Logo Miguel já se levantava e se dirigia para a cozinha com sua filha atarracada no seu braço, e os olhinhos dela se enchiam de alegria em ver seu pai de pé. Seu herói estava de pé. Novamente. Vigorosamente.

O cheiro estava ótimo, o almoço estava quase pronto. Ele se deteve à janela da sala: quatro pombos arrulhavam do lado de fora. O detetive sorriu.